

COLEÇÃO NORDESTINA



Mário
Marroquim

A LÍNGUA DO NORDESTE

ALAGOAS E PERNAMBUCO



A LINGUA DO NORDESTE
(ALAGÔAS E PERNAMBUCO)



BIBLIOTHECA
PEDAGOGICA
BRASILEIRA
SERIE: V — BRASILIANA

VOLUMES PUBLICADOS:

- I — Baptista Pereira: FIGURAS DO IMPERIO E OUTROS ENSAIOS (2.^a edição).
- II — Pandiá Calogeras: O MARQUEZ DE BARBACENA (no prelo a 2.^a edição).
- III — Alcides Gentil: AS IDEAS DE ALBERTO TORRES (synthese com índice remissivo).
- IV — Oliveira Vianna: RAÇA E ASSIMILAÇÃO (no prelo a 2.^a edição).
- V — Augusto de Saint-Hilaire: SEGUNDA VIAGEM DO RIO DE JANEIRO a MINAS GERAES e a S. PAULO (1822) — Traducção e prefacio de Affonso de E. Taunay.
- VI — Baptista Pereira: VULTOS E EPISODIOS DO BRASIL.
- VII — Baptista Pereira: DIRECTRIZES DE RUY BARBOSA (Segundo textos escolhidos).
- VIII — Oliveira Vianna: POPULAÇÕES MERIDIONALES DO BRASIL (3.^a edição).
- IX — Nina Rodrigues: OS AFRICANOS NO BRASIL (Revisão e prefacio de Homero Pires) — Profusamente illustrado.
- X — Oliveira Vianna: EVOLUÇÃO DO POVO BRASILEIRO (2.^a edição) — Profusamente illustrado.
- XI — Luis da Camara Cascudo: O CONDE D'EU (illustrado).
- XII — Wanderley Pinho: CARTAS DO IMPERADOR PEDRO II AO BARÃO DE COTEGIPE (illustrado).
- XIII — Vicente Licínio Cardoso: A' MARGEM DA HISTORIA DO BRASIL.
- XIV — Pedro Calmon: HISTORIA DA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA.
- XV — Pandiá Calogeras: DA REGENCIA A' QUEDA DE ROZAS (3.^o volume da serie: Relações Exteriores do Brasil).
- XVI — Alberto Torres: O PROBLEMA NACIONAL BRASILEIRO.
- XVII — Alberto Torres: A ORGANIZAÇÃO NACIONAL.
- XVIII — Visconde de Taunay: PEDRO II.
- XIX — Affonso de E. Taunay: VISITANTES DO BRASIL COLONIAL — (Seculos XVI-XVIII).
- XX — Alberto de Faria: MAUA' (com tres illustrações fóra do texto).
- XXI — Baptista Pereira: PELO BRASIL MAIOR.
- XXII — E. Roquette-Pinto: ENSAIOS DE ANTHROPOLOGIA BRASILIANA.
- XXIII — Evaristo de Moraes: A ESCRAVIDÃO AFRICANA NO BRASIL.
- XXIV — Pandiá Calogeras: PROBLEMAS DE ADMINISTRAÇÃO.

BIBLIOTECA PEDAGOGICA BRÁSILEIRA
SERIE V BRASILIANA VOL. XXV

MARIO MARROQUIM

A LINGUA DO N O R D E S T E

(ALAGÔAS E PERNAMBUCO)



COMPANHIA EDITORA NACIONAL
RUA DOS GUSMÕES, 26-28-30 — SÃO PAULO — 1934

DIALETO

1. Não está ainda feito o estudo do dialeto brasileiro. A enorme extensão geográfica em que o português é falado no Brasil, dá a cada região peculiaridades e modismos desconhecidos nas outras, e exige, antes da obra integral que fixe e defina nossa diferenciação dialetal, trabalhos parcelados, feitos com critério e honestidade, sobre cada zona do país.

Esses trabalhos serão o material de que lançará mão o estudioso de amanhã para uma obra de conjunto, completa e definitiva, sobre o dialeto brasileiro.

E' extranhavel mesmo que, um assunto tão importante qual seja esse das modificações sofridas pelo português na America, tenha sido tratado até hoje com tanto indiferentismo pelos nossos linguistas e filólogos. Somos, no entan-

to, quarenta milhões de pessoas que falamos uma lingua transplantada ha quatro seculos para um novo meio, onde tem estado exposta aos influxos modificadores de clima diferente, de ambiente diverso, sofrendo ainda o contacto intimo de dois grupos etnicos e gloticos extranhos. Nossa lingua ter-se-á transformado, da mesma forma que o portugûês falado em Portugal no seculo XVI se alterou apenas pelo impulso genial da evolução das linguas, apesar de não ter estado em contacto com fatores externos de modificação.

2. O portugûês do seculo XVI é o ponto de partida de uma evolução divergente. Enquanto em Portugal se modificava num sentido, no Brasil, envolvido por fatores mesologicos etnicos e geograficos radicalmente diversos, orientou diferentemente a sua evolução.

E' o que Eduardo Carlos Pereira chama um amplo triangulo cujo apice é o seculo XVI e os lados o falar brasileiro e portugûês. Os lados, partindo do apice, cada vez mais se afastarão.

Contra o opinião dos que negam o dialeto brasileiro, opinião que vai de encontro a tudo o que está estabelecido em relação á evolução das linguas, se opõe a realidade que não exige demons-

trações. Nem o dialeto brasileiro nos envergonha.

E' um fenomeno cuja espontaneidade não podemos deter nem governar, é uma força viva que surge das massas populares ao impulso de tendencias logicas e naturais e cuja expansão devemos estudar e observar, mas que não está em nós orientar, porque ela se dirige de acordo com leis gloticas certas e imutaveis.

A essa preocupação de repudiar e negar o dialeto brasileiro, é que cabe a culpa de não termos até hoje um estudo sistematizado de nossas tendencias dialetais.

Amadeu Amaral, em 1920, com o seu "Dialeto caipira" abriu resolutamente o caminho, dando um exemplo que deve ser imitado.

Antenôr Nascentes seguiu-lhe os passos com "O linguajar carioca em 1922".

Depois destes, tem surgido pequenas contribuições em revistas e jornais, além de varios glossarios regionais, demonstrando que o problema começa a apaixonar os estudiosos de nossas coisas e de nossa lingua.

Contra a opinião de Ribeiro de Vasconcelos, Teofilo Braga, Adolfo Coelho, Gonçalves Viana e Leite de Vasconcelos, que em Portugal

afirmam a existencia do nosso dialeto, ha no Brasil illustres filologos que o negam.

O povo, porem, que ignora ser objeto dessa controversia, continúa na obra inconsciente da differenciação linguistica cada vez mais acentuada.

E a despeito da repugnancia dos nossos letrados em considerar dialeto o portugûes falado no Brasil, a despeito da classificação de simples "brasileirismos" dada aos nossos modismos dialetais, a lingua portuguesa tal como é falada pelo povo, e tal como tambem é falada na intimidade, despreocupadamente, pelas pessoas cultas, vai impondo suas formas especiais, já forçou as portas da literatura, e está obrigando os gramaticos a tomarem conhecimento de sua presença. Já conquistou, enfim, o seu logar ao sol.

3. Segundo Darmetester "dialeto é a variedade regional de uma lingua". (1)

Esse é o conceito geral sobre o que seja dialeto. Não é necessario portanto que a variação dialetal esteja autorizada por uma literatura propria, nem que a divergencia chegue até uma incompreensão reciproca. Dentro do conceito geral,

(1) Darmetester et Hatzfeld — "Dictionaire general de la langue française".

temos no Brasil não um somente, mas, varios dialetos ou subdialetos, através da imensa extensão do nosso territorio.

Antenor Nascentes é dessa opinião: “a enorme extensão territorial sem faceis comunicações interiores quebrou a unidade do dialeto, fragmentando-o em subdialetos”. (2)

Albert Dauzat esclarece e orienta o mecanismo da formação dos dialetos: “*L’histoire externe des langues peut se grouper autour de deux phénomènes: la segmentation des idiomes, et leurs luttes reciproques.*

Toute langue parlée par un nombre important d’individus et sur un territoire assez vaste, tend à se segmenter, en raison même de son extension. La segmentation s’opère en fonction des milieux geographiques ou milieux sociaux.

Dans le premier cas, la langue se scinde en dialectes; envisagée sous le second aspect, elle se subdivise en langues spéciales.

.....

Après les facteurs sociaux, voici les géographiques souvent connexes. L’observation montre

(2) Antenor Nascentes — “O linguajar carioca em 1922”, pg. 19.

que la variété des dialectes augmente ou diminue en raison de la configuration du sol; elle est plus grande, par exemple, dans les montagnes que dans les plaines. (3)

Realmente, nas planícies, em razão mesmo da configuração do solo que facilita a intercomunicação dos indivíduos, conservam as linguas aspecto igual e homogêneo em toda a região.

A montanha dificultando as comunicações, isolando os indivíduos, congrega-os em núcleos que raramente se entendem com outros grupos humanos.

As suas modificações linguísticas fixam-se, definem-se e acabam por formar um tipo especial.

Um exemplo interessante da ação isoladora das montanhas é o vasco, falado pelo povo basco.

Lingua aglutinante e aspera, tem fugido a toda tentativa de classificação e se conserva intacta desde tempos imemoriais sem se mesclar com qualquer dos idiomas que passaram pela península Ibérica. E' que o povo basco, desde a invasão dos Celtas, no século V, A. C., refugiou-se nos alcan-

(3) Alberto Dauzat — “La philosophie du langage”, pg. 119.

tis asperos dos Pirineus, e isolado pelas suas vertentes quasi inacessiveis, escapou ao contacto dos povos que sucessivamente dominaram na planicie.

Enquanto as populações, em baixo, misturavam-se aos Celtas formando a raça celtiberica, os bascos conservavam sua raça e sua lingua. Após os celtas vieram os fenicios, os gregos, os cartaginezes, os romanos, os visigodos, os arabes.

Populações surgiram e desapareceram; idiomas foram aprendidos e foram esquecidos, os fracos absorvidos pelos mais fortes e perfeitos; os bascos, defendidos pelas suas montanhas, escaparam a todas essas raças que passavam como cyclones pela peninsula.

A civilização contemporanea foi encontrar, admirada, nos contrafortes hespanhois e franceses dos Pirineus, uma lingua extranha, sem nenhum parentesco com as linguas modernas.

Hoje, quando os Pirineus foram dominados e devassados pelo automovel e cortados pelas estradas, a lingua basca vai sendo aos poucos absorvida.

Isto já provocou um grito de alarme dos tradicionalistas hespanhois e franceses, que não que-

rem vêr desaparecida essa reliquia dos tempos passados.

4. A literatura torna mais lenta, sem anular, entretanto, a impulsão genial das linguas para uma continua diferenciação.

A preocupação dos nossos letrados em fugir a qualquer expressão menos culta, tem dado á literatura brasileira esse aspecto polido e correto tão do agrado dos amantes das letras classicas, mas que não corresponde á verdadeira lingua falada no Brasil: uma especie de prova escrita de gramatica.

Na linguagem cotidiana todos falam a nossa verdadeira lingua, a nossa saborosa lingua brasileira, com a sua prosodia profundamente diversa da portuguesa, e com expressões e syntaxe bem nossas. Lembra Cicero: *Quid tibi ego videor in epistolis? Nonne plebeio sermone agere tecum? Causas agimus subtilius, ornatius, epistolas vero cotidianis verbis texere solemus.* (Apud Sousa da Silveira, "Lições de português, 22).

Felizmente já estão surgindo escritores brasileiros que perderam o medo ao tabú da gramatica "portuguesa" e estão escrevendo seus livros no português do Brasil, com os modismos sintaticos peculiares ao nosso falar.

Quanto ao lexico, não é de hoje que as livrarias estão cheias de otimos livros a que é necessario acrescentar um glossario, para serem comprendidos em todo o Brasil.

Mario de Andrade marcha corajosamente na vanguarda do movimento. "Macunaima", alem do espirito de brasilidade de que está impregnado, é tipicamente brasileiro tambem na linguagem.

"Todos cantam sua terra", um dos "Dois ensaios", de Jorge de Lima, está escrito em brasileiro e nem por isso o seu trabalho perdeu qualquer cousa em agudeza e brilho.

"Menino de engenho", de José Lins do Rego, está todo tecido em formas sintaticas dialetais. E' um documento literario dialetal.

Isto, em vez de diminuir, acentuou o valor da obra, consagrada pela critica e pelo publico.

O dialeto vai se armando assim para resistir á força conservadora da lingua culta.

5. No presente trabalho, estudo a lingua popular de Alagôas e Pernambuco, englobando as duas populações debaixo de um só aspecto dialetal. A formação historica e etnica dos alagoanos e pernambucanos é uma só, e identica é a sua orientação linguistica.

Raja Gabaglia, em citação de Antenor Nascentes, ao fixar as zonas de influencia que determinaram as linhas de penetração da civilização no Brasil, diz que “Pernambuco difundiu a civilização pela Parahyba, pelo Rio Grande do Norte e pelo Ceará, que por sua vez a levou ao Acre”.

... A influencia baiana se estende a Sergipe, Alagôas e a parte do Espirito Santo”. (4)

A influencia baiana, porem, não se estendeu até Alagôas. O S. Francisco foi o grande divisor que delimitou pelo sul a zona de influencia de Pernambuco e pelo norte, a da Bahia.

Historica, politica e economicamente, Alagôas sempre esteve presa e ligada a Pernambuco como um só corpo.

O S. Francisco é um acidente geografico de tal importancia que se impôs como um marco natural na divisão das capitanias: Pernambuco dispunha de sessenta leguas de litoral, possessão que no norte se limitava pelo rio Santa Cruz e no sul pelo grande rio cuja posse exclusiva cabia a Duarte Coelho. (5)

(4) Antenor Nascentes — “O linguajar Carioca em 1922”, pg. 20.

(5) M. de Oliveira Lima — “Pernambuco, seu desenvolvimento historico”, pg. 7.

João Ribeiro mostra bem os nucleos centrais donde se irradiava a influencia civilizadora no Brasil-colônia.

Constituíram-se “quatro grandes cellulas fundamentaes que por multiplicação formaram todo o tecido do Brasil antigo: a de Pernambuco, que gera os nucleos secundarios de Parahyba, Rio Grande do Norte, Ceará e Alagôas e a cuja influencia maternal sempre obedeceu (na guerra dos mascates, 1710-12, na revolução de 1817, na confederação de Equador); a da Bahia, que absorve Ilheus, Porto Seguro e Sergipe; a de S. Paulo donde evolve todo o oeste com os bandeirantes, Goiaz, Minas, Matto-Grosso; a do Rio que pelo elemento official faz nascer, e já tarde, as capitânicas do extremo sul”. (6)

O S. Francisco que fôra descoberto a 4 de Outubro de 1501, logo de início chamou a atenção do donatario, que lançou os fundamentos da povoação do Penedo de S. Francisco.

O sacrificio do bispo Sardinha, em 1577, após o naufragio da náu N. S. da Ajuda, nos baixios de D. Rodrigo, provocou horrivel matança nos Caetés.

(6) João Ribeiro — “Historia do Brasil”, pg. XIX.

Em 1560, Duarte Coelho de Albuquerque filho de Duarte Coelho e 2.º donatário de Pernambuco, juntamente com seu irmão Jorge de Albuquerque “percorrendo *as montanhas e desertos* do sertão de Pernambuco, desde o rio de S. Francisco, seu limite sul, até o norte” (7) limpava a capitania de Caetés, combatendo-os até 1565.

Já em 1560, porém, restauravam pequenas povoações que havia pelo grande rio.

Essa perseguição terá marcado o caminho de penetração entre Olinda e Penedo.

A estrada de automovel entre Recife e Maceió acompanha hoje, com ligeiras variantes, esse antigo caminho. De Maceió para Penedo, a estrada moderna aproveita a vastidão plana dos taboieiros. (8) E’ incontestável a influencia exercida

(7) M. de Oliveira Lima — Obra cit., pg. 23.

(8) No arquivo particular de S. M. a rainha da Holanda, encontra-se um documento da conquista holandeza em Pernambuco, em que se segue todo o itinerário entre Recife e o forte Mauricio (Penedo). A titulo de curiosidade resumo abaixo o dito documento: Rio Itaipió (hoje Tigipió) Cambôa da Barreta, Rio Jaboatão, Engenho Velho, Rio Pirapama, Engenho Garapú, Sto. Antonio, Rio Tabatinga, Rio Penderama, S. Miguel de Ipojuca (povoação). Rio Sibiró, Engenho Sibiró de Baixo, Engenho Nossa Senhora da Palma, Rio Serinhãem, Villa de Serinhãem, Povoação de Sto. Amaro, Rio Formoso, Rio das Ilhetas, Povoação de S. Gonçalo de Una, Rio Una, Rio Piraçúninga (Persinunga, limite entre Pernambuco e Alagôas) Igreja de Sto. Antonio, Engenho S. Sebastião, Rio Maragogy, Rio Japaritiba, Rio Com-mandatuba, Porto Calvo (povoação) Rio Manguaba, Engenho Sto.

por Pernambuco sobre o territorio que se estendia até a margem esquerda do S. Francisco.

Segundo Jaboação, no “Novo orbe serafico”, Piassabussú, vila na margem esquerda, a uma legua da foz do rio, “foi formada por André da Rocha Dantas, da familia dos Lins, que viera em tempos passados a Pernambuco, das partes de Portugal” (9).

Os Lins fundaram Porto Calvo e estenderam a influencia de sua casa desde o cabo de Sto. Agostinho até o S. Francisco.

Segundo documentos existentes no Juizo da

Amaro, Rio Tatuamunha, Engenho Novo do Camuriji, Engenho Espirito Santo, Engenho S. João, Rio Camiriji (Camaragibe) Praia, Guaraiguaçu ou Sto. Antonio Grande (é assim chamado hoje) Rio Ipioca, Rio Paripoeira, Rio Sto. Antonio Merim, Rio Paratayi (Pratagi) Rio Doce (Riacho Doce) Ponta da Juçara, Ponta de Jaraguá, Rio das Lagôas, (boca da Lagôa do Norte) Porto do Francez, (entra o caminho para o interior) Rio de Pero Cabreiro, Rio Cubaúna (Sumauma) Rio Itinga (Utinga) Povoado de Alagôas do Sul (cidade de Alagôas) Desce para a praia, Rio Miguai, Rio Cenombi ou S. Miguel, Praia, Lagôa Acarapiba, Lagôa Salgada, 2.^a Lagôa Salgada, Lagôa Taboada, Lagôa Doce, Lagôa Jacareanca, (Segue pelo interior, paralelo á praia): Jequiá, Praia, Rio Jequiá, Rio Ipoxi (Poxim) Enseada de Aguapetiba, Praia, Rio Cururui (Cururipe) Rio Miguai, passo do Governador ou Piabi (Torna para o interior em direção a Penedo:) Rio Piri-piri, Rio Piagui, Rio Piracaba, Forte Mauricio.

(Publicado no n.º 31 da Rev. do Inst. Hist. e Geografico Pernambucano).

(9) Fr. Antonio de Santa Maria Jaboação — “Novo orbe serafico”, Livro 1.º, pg. 388.

Provedoria da Capela de Penedo, já desde fins do século XVI, a família Rocha Dantas, “aparentada naquella paragem e em todas as mais deste Estado do Brasil”, possuía sesmarias e espalhava currais de gado pela margem do rio.

A influencia baiana arrastava-se ainda pelas terras de Sergipe d’el Rei e já os creadores de gado colonizavam o S. Francisco.

Todo o sul das Alagôas occupou-se nessa industria, desde o primeiro século, e, quando os holandeses aqui chegaram, nos relatorios enviados para a Holanda, atestavam isso.

Os baianos esbarraram logicamente na margem direita do S. Francisco, pois, a margem esquerda, desde os primeiros anos da colonização, estava occupada e povoada pelos pernambucanos.

A identidade de interesses entre os dois Estados, a sua igualdade historica, afóra a homogeneidade geografica e etnica, estabeleceram a igualdade da dialeção. Quasi nenhuma diferença existe na linguagem das duas populações.

Esse bloco geografico abrange todo o Nordeste, e nele a dialeção devia ser igual, como é identica a sua historia e a sua formação etnica.

As condições especiais de clima, entretanto, e as diferenças no modo de vida, devem estabelecer divergencias entre a linguagem do cearense, por exemplo, e a do alagoano.

Entre o alagoano e o pernambucano é que não ha diferenças notaveis.

6. Para estudar um dialeto, declara Albert Dauzat: "*le premier principe qui s'impose au linguiste est d'observer et de noter les patois sur place, de ne se servir d'aucune forme, d'aucun mot qu'il n'ait recueilli lui-même, ou qui n'ait recueilli dans les mêmes conditions par l'auteur d'un ouvrage scientifique*". (10)

E' a mesma recomendação que faz Amadeu Amaral: "Seria de desejar que muitos observadores imparciaes, pacientes e metodosos se dedicassem a recolher elementos em cada uma dessas regiões, *limitando-se estritamente ao terreno conhecido e banindo por completo tudo quanto fosse hipotetico, incerto, não verificado pessoalmente*". (11)

Nascido á margem do Jacuipe, no centro da zona da mata entre Pernambuco e Alagôas,

(10) Albert Dauzat — "La philosophie du langage", pg. 239.

(11) Amadeu Amaral — "O Dialecto Caipira", pg. 15.

desde a infancia cantam-me ao ouvido as expressões dialetais. Estudar agora as suas formas, analisar as suas tendencias é para mim um doce prazer, uma volta ao passado, tão confortadora e refrigerante como um banho debaixo das ingazeiras do meu rio natal.

FONOLOGIA

7. A pronuncia do nordestino é a que caracteriza em geral o falar brasileiro: é demorada, igual, digamos mesmo arrastada, em contraste com a prosodia lusitana, aspera e energética.

As vogais são todas pronunciadas, mesmo as atonas, quer mediais quer finais. Não dizemos *tel'fone* ou *pared'* com o *e* reduzido, mas *telefôni*, *parêdi*. Não ha nelas diminuição de quantidade, nem ensurdecimento, como em Portugal.

Nossa frase tem um ritmo diverso da portuguesa.

A colocação dos pronomes obliquos obedece no falar brasileiro a esse ritmo. E' uma função do equilibrio da frase, cujo conjunto *fônico* é preciso ter em vista, com abstracção das palavras olhadas isoladamente.

A expressão *diga-me*, pronunciada por um português, tem na primeira sílaba tônica o seu

ponto de apoio, o eixo do seu equilibrio, porque o *e* do pronome é surdo: *diga-m'*.

A pronuncia clara do *e* numa boca brasileira, porem, além da tonica verbal, acentúa o pronome com um ictus secundario que é expresso claramente, embora sem força de tonicidade.

A frase, olhada no seu conjunto *sonico*, ficaria com dois pontos de apoio, na primeira silaba e na ultima, quebrando o ritmo da expressão e, contrariando, de certa forma, o proprio genio da lingua.

Com efeito, quando na evolução do latim para o portuguez foi transgredida a lei da conservação da tonica, a deslocação do acento deu-se quasi sempre para a frente: *límitem* > *limíte*; *océanum* > *oceáno*; *íntegrum* > *intéiro*; *cáthedra* > *cadéira*. A anteposição do pronome que marcamos com um acento secundario apoia-se nessa tendencia historica da lingua.

Como depois da tonica não é possivel nenhuma silaba acentuada, nem mesmo com esse acento secundario, é natural a anteposição do pronome, desde quando o acentuamos.

Na prosodia lusitana em que o *e* é mudo, a posposição é correta e justa.

Esse acento secundario, conforme observação de Sousa da Silveira, (12) aparece comumente em palavras polissilabicas. Por comodidade fisiologica, a palavra é dividida em grupos de vogal atona + vogal acentuada, e a pronuncia vai-se apoiando nesses acentos até o descanso final na tonica. Assim:

Iga'rassú pitánga
Japa'randúba
Infi'nidáde
Capi'baríbe
Regu'lari'zação

A's vezes a divisão se inverte: vogal acentuada + vogal atona:

Ca'ra-pi'tan-gy
Ci'vi-li'za-ção
Ja'qui-ci'pi-ta'nga (13)
Di'ssi-mi'la-ção

A divisão faz-se sempre de forma que haja antes da tonica uma silaba atona.

(12) Sousa da Silveira — “Lições de Português”, pg. 248.

(13) Igarassupitanga — (Riacho afluente do Igarassú) de ygara-assu-pitã — a grande canôa vermelha. Alfredo de Carvalho. Japaranduba — (Arbusto myrtaceo de madeira muito flexivel, materia prima, em Pernambuco, da industria de cadeiras ditas “austriacas”) de japa'rat'iba-anvore dos arcos. A. C.

8. Em confronto com a prosodia do sul do Brasil, o falar do nordestino gosa da fama particular de ser *cantado*.

Examinemos uma mesma palavra pronunciada por um carioca e por uma alagoano. Seja *mamãe* em tom de chamamento.

Diz o carioca:



E a resposta:



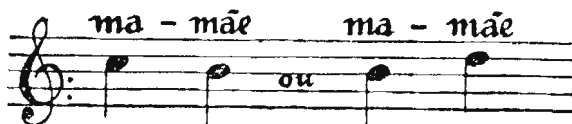
A entonação forma uma terça diminuída, característica do falar carioca nesses casos.

Capibaribe — (Rio que corta o Recife) de capibar-y-be — no rio das capivaras. A. C.

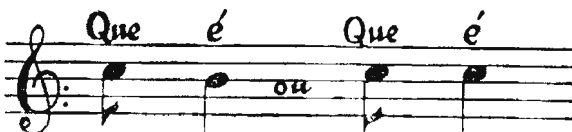
Carapitangy (riacho na ilha de Itamaracá) de acará-pitã-g-y — rio dos Acarás vermelhos ou das carapitangas. A. C.

Jaquicipitanga, (Riacho afluente do Ipojuca) de y-quiciu-pitanga — água turva ou vermelha. Th. S. e A. C.

Diz o alagoano:



E a resposta:



Ha mais musicalidade na entonação carioca; a alagoana, entretanto, deixa maior impressão de fala cantada, porque as duas sílabas são pronunciadas mais vagarosamente, e tem o mesmo valor; são duas semínimas com acento ligeiramente decrescente ou ascendente em terça com um *portamento* na voz.

A resposta conserva uma altura uniforme nas duas sílabas ou cai ligeiramente, na segunda.

Em geral a entonação do falar nordestino, no interior, principalmente, segue uma orientação descendente. As vogais são marcadas e abertas. Daí a fama de falarmos cantando.

9. Os sons são muito simplificados. Não existem vogais longas nem breves; todas são pronunciadas com a mesma duração.

Ha entretanto uma palavra em que aparece um *a* acentuadamente longo: *caalo*. Em toda a zona da mata é essa a pronuncia de *cavalo*, entre a gente do povo. Deu-se aí a queda do *v* intervocalico, fenomeno vulgar na historia do portuguez, e que tambem aparece na lingua popular em *aua* e *leua* por *agua* e *legua*.

Os dois *a* de *caalo* são pronunciados claramente, numa perfeita vogal longa. Entretanto a contração da preposição *a* com o artigo feminino ou com o demonstrativo *aquêle*, na pronuncia vernacula, é breve, tem duração vulgar, mesmo entre pessoas cultas.

Quanto ao timbre, empregam-se apenas vogais orais, nasais, abertas e fechadas: *cáda*, *amár*, *está*, *pára*, *pádeiro*, *prédio*, *déz*, *róda*, *siri*, *urubú*; *êste*, *mêz*, *chêio*, *pêso*, *fôlha*, *apôio*, *ôlho*.

10. As vogais *a*, *i* e *u* são sempre abertas. Nelas, a prosodia nordestina não conhece o som fechado nem o breve, sendo que este não existe nem mesmo no *e* ou no *o*.

Certas palavras classificadas como fechadas, são nasais: *dôno*, *sônho*, *nôme*, *pômo*, *pêna*, *vênenno*, *rêmo*, *fiquêmos* (preterito do conjuntivo). Emfim, as nasais estendem sempre sua influencia

sobre as vogais que as precedem, e ás vezes, embora mais raramente, tambem sobre as que as seguem.

Pronuncia-se *ãmar*, *chãmar*, *vẽnẽno*, *ãmãmos*, *quẽmar*, *Jãime*, com o mesmo som nasal de *ante-ontem*, *bem* ou *irmão*.

A tendencia da lingua para dissolver o *n* intervocalico e nasalar a vogal anterior, bem como a prolação da nasalidade, são fatos corriqueiros na dialeção nordestina. Abrangem todas as classes sociais. Nos meios incultos essa nasalação vai mais longe. O povo diz, por exemplo, *bãinha*, *cunsinha*, *mangĩnar*.

Ha quem queira enxergar, nessa inclinação pela nasal, uma influencia do *tupi*. Não creio que se consiga colocar essa teoria em bases solidas e convincentes. Mesmo em palavras como *elogio*, *Italia*, *ilegal*, *igreja*, que o povo pronuncia *inlogio*, *Intalia*, *inlegal*, *ingreja*, a nasalação deve ser tomada antes como um recurso para dar mais corpo á vogal isolada, si não fôr um fenomeno de analogia — falsa analogia, em vista do profuso emprego do prefixo *in*, que de *infeliz*, *insôssô*, *insensivel*, *impossivel* etc. estendeu-se a *inregular*, *inclusão*, *inleição*, (*inliçon* no português arcaico) indo a cor-

reção até *italiano*, *inlogio*, e, em geral, a todas as palavras começadas em *i*.

Adolfo Coelho atribue a troca do *e* silabico inicial por *en* ou *in*, a supor o povo que aquele é a preposição *in* corrompida. (14)

De qualquer forma não sobra lugar para o tupi.

Ha ainda outras peculiaridades do dialeto matuto, atribuidas á influencia tupi e que merecem exame.

11. A lingua geral não tinha os fonemas *f*, *l* e *rr* o que levou o cronista a dizer que o selvagem brasileiro não tinha “fé, nem lei, nem rei”.

O indigena transformava em *d* o *l* do português, no seu convivio com os conquistadores: *Dorenço*, *Duí*, por *Lourenço*, *Luis*.

A palavra *dibará* por *liberal*, de uso vulgarissimo na lingua matuta no sentido de *franco*, *generoso*, evidentemente encontra no tupi a justificação da troca da inicial *l* por *d*.

A fonetica portugueza não explica nem autorisa aquella troca. Da mesma forma *liamba* é pronunciado *diamba*.

(14) Adolfo Coelho — “Questões da Língua Portuguesa”, pg. 119.

Liamba é um estupefaciente africano, um arbusto de cujas folhas secas fazem os viciados grandes cigarros com que se embriagam. O arbusto foi trazido da Africa pelos negros e adaptou-se ao novo meio.

Vivem, na lingua popular, as duas formas *liamba* e *diamba*.

Embora sem ser generalizada, ha tambem entre o povo a pronuncia *digeiro* em vez de *ligeiro*.

12. A transformação do *l* medial em *r* é fato atribuido igualmente ao tupi. O indigena, além de não ter aquele fonema na sua lingua, quando depois do descobrimento se pôz em contacto com objetos novos e desconhecidos para os quais tinha que adotar o nome português, amoldou-o sempre á sua fonetica. Assim, *cavalo*, na pronuncia do indigena passou a ser *cabarú* ou *cavarú*; *papel*, *pápéra*; *livro*, *ribrú*; *soldado*, *surára*. (15)

O *r* pelo *l* é um fenomeno geral na linguagem popular: *carçada*, *fôrgo*, *sordado*, *córgo*, *arvura*, por *calçada*, *fôlego*, *soldado*, *corrego*, *alvura*.

Já agora, nos nossos dias, está se processando a vocalização desse *r* em *l*, quando ligado a uma

(15) Clovis Monteiro — “Português da Europa e Português da America”, pg. 109.

consoante com que forme grupo. Ha entretanto sincretismo das duas formas. Ambas são usadas. Ouve-se *arfere* e *aifere*, *arvura* e *aivura*, *corgo* e *coigo*.

O tupi não tinha o fonema *l* e esse som, medial ou final repugnava particularmente ás glotes autoctones.

O matuto do nordeste, por sua vez, não pronuncia o *l* medial e final. O primeiro se transforma em *r* e o segundo cái.

Será isso, porem, uma influencia da lingua geral?

E' vulgar na literatura arcaica o mesmo fato, o que autoriza a suposição dessa pronuncia, entre os portugueses de então.

O selvagem, na capitania de Pernambuco, foi desde o inicio da colonização, dominado e absorvido pelo elemento português que, preso ao sólo pela lavoura da cana, fez do engenho de assucar um nucleo de irradiação de sua lingua.

O indio era máu trabalhador.

Essencialmente nomade, não podia se adaptar á fixação da lavoura. Daí a necessidade da importação do negro africano, acumulado em grandes massas na zona assucareira pernambucana.

Nas “Memorias Historicas da Provincia de Pernambuco” Gama dá-nos uma amostra do regimen de trabalho do indio. “Em quanto ao resto, os Indios não alugavam jamais os seus braços por tempo illimitado, porem sim por 20 dias, por exemplo. Um inspector Hollandez residia em cada Villa, para vigiar os trabalhos e fazer que os obreiros fossem pagos exactamente.

Antes mesmo de expirar o seu contracto, exigiam os selvagens os seus salarios, temendo não receberem cousa alguma, e quando eram pagos antes, deixavam não poucas vezes o trabalho sem o terminarem. Muitas vezes tomavam a fuga para se subtrahirem a toda especie de jugo”. (16)

Semelhantes trabalhadores seriam raros, por conseguinte, nos engenhos.

Não devemos exagerar, assim, a influencia da lingua tupi no fenomeno em analise. O impulso inicial, podemos dizer que foi trazido de Portugal. Aqui, desenvolveu-se e generalizou-se. O tupi terá apenas influido nesse desenvolvimento, se influiu realmente.

A passagem de *l* a *r*, começou, com efeito,

(16) José Bernardo Fernandes Gama — “Memorias Historicas da Provincia de Pernambuco” — Tomo II — pg. 81.

na formação do português: *platu* (m) > *prato*; *nobile* (m) > *nobre*; *blandu* (m) > *brando*; *regula* (m) > *regra*; *clavum* > *cravo*; *saeculu* (m) > *segre*, (arc) *secre* e *secro* (dial).

No português arcaico encontramos: *enxemplo*, *ingrês*, *groria*, *grorioso*, *craro*, *paravra*, *prantar*, *esprandecente*, *incrinado*, *frôl*, *escrerecêr*.

Leite de Vasconcelos, secundado por Amadeu Amaral, pensa que, antes de cair, o *l* final passou a *r*.

O problema se complica, porque, si ha o exemplo do *l* medial que passa realmente a *r*, ha tambem a faculdade do *l* final poder cair sem necessidade de qualquer metamorfose. Não sendo fato de uso geral, existe realmente no nordeste, especialmente em Pernambuco, a troca do *l* pelo *r*. Acontece mesmo isso entre pessoas a quem, pelo meio culto em que vivem, repugna a pronuncia das palavras sem o *l*. (17)

A frase “isso não vale nada” é pronunciada geralmente, “isso não *var* nada”. Não creio que

(17) Certo deputado de Alagoas, na ultima eleição presidencial, fazendo a contagem dos votos dados ao snr. Julio Prestes, ia anotando: seção tal, “tantos *mir*,” seção qual seção qual, “tantos *mir*,” numa tranquilidade de quem tinha aquela pronuncia já moldada na garganta e no ouvido.

no caso tenha influido o tupi. E' mais razoavel que haja incapacidade do aparelho de fonação: menor esforço, isso sim. Nos grupos silabicos em que o *l* fica solto, a sua pronuncia requer uma ginastica da lingua, de real dificuldade ainda entre gente culta.

Demais, como explicar essa mesma troca entre os romanos, por exemplo? O dialeto de Roma diz: *er = il, der = del, dar = dal*, etc. E por que será que o matuto aprendendo com o indigena a não pronunciar o *l* lingual-palatal, não esqueceu tambem o *l* dental de *lima, laranja, lua, beleza, melado*, etc., que os indigenas não possuiam? Que devemos atribuir o fenomeno ao menor esforço é prova, tambem, outro tratamento dado pelo matuto ao *l* lingual-palatal que é o alargamento silabico: *dificuldade, Quelemente, fulô*, etc., por *dificuldade, Clemente, flor*. O *l* passa, assim, de lingual-palatal a dental.

13. E' corrente a teoria de ter o tupi influido na queda do *r* final das palavras. Realmente, mesmo na linguagem descuidada e familiar da gente culta, quando a palavra está no meio da frase e o termo seguinte começa por consoante, não se pronuncia, a não ser excepcionalmente, o *r* final:

“mande *vê* si o *portadô* já chegou”; “vou *viajá* de automovel”. O povo elimina invariavelmente o *r* quando naquela posição. Será isso, porém, uma influencia da lingua do índio, ou será antes uma simplificação dialetal em obediencia á lei do menor esforço?

Não estaria isolada no quadro das linguas romanicas essa tendencia simplificadora. O romeno, escondido lá nos balkans, suprimiu o *r* final em todos os infinitos verbais:

a adorà	adorar	a armà	armar
a calomnià	caluniar	a copià	copiar
a coronà	coroar	a examinà	examinar
a informà	informar	a beà	beber
a taccà	calar	a vedeà	vêr
a placeà	agradar	a descoperi	descobrir
a contribuì	contribuir	a albì	embranquencer
a auzi	ouvir	a servi	servir.

No romeno foi o menor esforço que suprimiu o *r* dos infinitos.

Por que entre nós o *r* final teria caído por influencia tupi?

14. Não tendo o tupi *l* nem *rr*, os selvagens brasileiros e seus descendentes, teriam, ao falar o português, uma pronuncia particular para o segundo fonema, dentro do carater de sua lingua.

Terá essa pronuncia indigena influido na prosodia do povo e refletir-se-á ainda no falar de hoje?

O *r* forte, inicial e medial, realmente, sofre uma notavel mudança de *ponto de articulação* no falar nordestino.

Passa de *lingual dental* tremulante, para *guttural* ligeiramente tremulante, com um sensível som aspirado. A articulação é no fundo da garganta e essa peculiaridade prosodica não sofre restrição. E' de todos nós, cultos e incultos.

A influencia da escola que tanto modifica a pronuncia, ás vezes no bom sentido e tambem ás vezes firmando defeitos, nada pode neste assunto. Quem quer que pronuncie o *r* lingual palatal tremulante, cairá no reparo geral por falar de modo pedantesco. E' pronuncia que se enquadre dentro da teoria da influencia tupi?

Os especialistas no assunto darão a resposta.

O aborigene contribuiu, de certo, para a nossa formação etnica. (18) E' natural que o indio

(18) Grande numero de cidades e vilas alagoanas e pernambucanas hoje prosperas, nasceram de aldeamentos indigenas. Nossa Senhora da Escada, Limoeiro, freguezia de S. Antonio de Tracunhãhêm, Una, S. Amaro das Alagoas, Gameleira, Uruba, S.

tenha deixado traços vivos na prosodia da região. Não pode porem essa marca passar alem de certos limites.

15. O *s* sibilado que o douto Teodoro Sampaio consigna na pronuncia sulista e que se filia ao *s* do mameluco (19) é desconhecido no nordeste. Aqui temos tres sons para o *s*; $s = \zeta$ quando inicial de silaba: *cêdo*, *saber*, *situação*, *passo*, *persa*; quando é medial, tem o valôr de palatal surda, vale *x*, si está antes de consoante surda: *cexto*, *caxta*, *caxca*, *extar*, e é palatal sonora, vale *j*, quando está antes de consoante sonora: *majmorra*, *mujgo*, *rajgar*, *rujga*, *mejmo*, *dejde*. Final de silaba vale tambem *x*: *apoix*, *jamaix*, *extaix*, *péix*, *pexca*.

E' essa a pronuncia normal da generalidade do povo. A escola, por vezes, cria fôcos esparsos

Braz, Lagôa cumprida, Pão de Assucar, Urucú, Jacuhype. Porto Real do Colegio, foram aldeias de indios.

A respeito delas diz Loreto Couto: "Todas estas Aldeias estão povoadas de inumeros Indios de varias naçoens; muitas são povoaçoens bem ordenadas com suas ruas e praças. As Igrejas sumptuosas e bem ornadas. Tem cada hũa dellas Capitão mor com patente de Governador e Capitão General, e divididos os moradores em companhias com seus capitaens e mais officiaes."

(Domingos de Loreto Couto — "Desagravos do Brazil e Glorias de Pernambuco" — pg. 171.

(19) Revista de Philologia e Historia, I, pg. 470.

de pronuncia particular. E' que não havendo nas Escolas Normais cursos de fonetica nem preocupação particular pela prosodia, certos professores e professoras impõem aos seus alunos maneiras de falar que correspondem a um ponto de vista privado sem apoio no uso e muitas vezes, sem apoio nem mesmo na lingua. E, assim, dentro da generalidade prosodica, surgem nucleos que fogem á regra.

Na cidade alagoana de Pão de Assucar, á margem do S. Francisco, ha, bem generalizada, a pronuncia sibilada do *s* e *z* finais: arroz, doiz, Luiz, quiz.

O fenomeno, restrito á cidade, denuncia a escola onde o professor impôs a pronuncia estranha.

Em Agua Branca, tambem Alagôas, se acrescenta um *i* ao *l* e *r* finais: *sóli*, *doutori*, *sali*, *amori*, etc.

Previno, com a explanação acima, possiveis criticas de quem olhe a fonetica nordestina sob aspectos particularissimos e locais, quando, no presente trabalho ela está sendo estudada, como deve ser, dentro do conjunto regional.

VOCALISMO

17. VOGAIS TONICAS: O *a*, como as outras vogais tonicadas, quasi não sofre alteração: é a tendencia fonetica da lingua desde a passagem do latim para o português. Tem porem um só timbre e sôa sempre aberto em todas as palavras: *náda, estráda, pára, cáda*.

18. Quando seguido de *s* ou *z* finais acrescenta um *i*, ditongando-se: *rapais, páis, estais*, (segunda pessoa do sing. do presente do ind. de estar). *Mas* e *mais*, teem uma só forma que é *mais*.

O som do *s*, como já vimos no numero 15, é o do *x*; assim, pronuncia-se *rapáix, páix*. O povo, porem, suprime o *s* final e pronuncia *rapái, pái, mái*.

Baibulêta avôa, avôa,
 Sentando in toda fulô...
 Cumo *fai* a baibulêta
Fai o rapai sedutô.

Mardokêo Nacre — “Fulôreios”, 12.

19. Diante das nasais o *a* contamina-se da nasalidade (20). A pronuncia da 1.^a pessoa do plural do perfeito do indicativo dos verbos da 1.^a conjugação é: *mátãmos*, *ficãmos*, *andãmos*, *ãmãmos*, com *ã* nasal e não *matãmos*, *ficãmos*, *amãmos*. Repudia-se assim essa ficção prosodica que não se apoia em nenhuma razão fonetica ou historica da lingua.

Diz-se *amãmos* como *devemos*. Por que razão os que querem estabelecer diferença entre *amãmos* e *amãmos*, não a estabelecem entre o presente e o preterito dos verbos da 2.^a conjugação?

Andãme é a pronuncia popular de *andãime*, que as pessoas instruidas pronunciam *andãime*.

Jãime é a pronuncia vulgar até entre pessoas de certa cultura.

(20) Em caso identico, no Rio de Janeiro, segundo Antenor Nascentes, “O Linguajar Carioca de 1922”, pg. 25”, “O idioma Nacional”, v. IV, pg. 175, o *a* tonico diante da nasal, torna-se fechado. Assim, a pronuncia é *amãmos* igual á do Alemtejo (Gonçalves Viana — “Ortografia Nacional”, pg. 142).

20. Passa excepcionalmente a *o* na palavra *quasi*, que o povo transforma em *cage* e *coge*; o *si* dá *j*, normalmente: cf. *cervisia* = *cerveja*.

21. O *é*, *ê*, *i* *ó*, *ô*, e *u* conservam-se sem alteração, mas se nasalam quando teem depois de si uma nasal: *Antônio*, *cônego*, *estômago*.

22. O *i* de *regimen* passa a *u*: *rijume*.

No dia que o nêgo casa

Deve botá seu *rijume*.

As moça é cumo as navaia:

Fino ou grosso tem seu gume.

“Fulôreios”, pg. 12.

23. VOGAIS ATONAS — Enquanto as tónicas pouco se alteram, como acabamos de ver, as vogais atonas, no dialeto nordestino, sofrem as mais variadas transformações. A assimilação é o fator principal dessas mudanças, da mesma forma que a analogia preside a todas as modificações verbais; tal como aconteceu na formação do português.

24. Muitas palavras, porem, que parecem modificadas pelo dialeto, são residuos fieis do português quinhentista que se conservaram intactos

no nordeste, em razão de condições geograficas e sociais que estudaremos mais adiante. Nesses casos, a palavra atingida pela alteração foi a culta, que acompanhou a dupla evolução da lingua, na sua dialeção divergente, enquanto o matuto conservou perfeita a expressão original do seculo XVI.

25. VOGAIS POSTONICAS — *A, I, U*. O *a*, *i* e *u*, finais postonicos não sofrem mudança. Sendo porem nasal, o *a* perde a nasalação, na prosodia popular: *orfa*. Esta transformação é consequente á mudança do masculino *orfão*, que sôa *orfo*, como *orgo* por *orgão*, *sôto* por *sôtão*. *Orfa* será então o feminino normal de *orfo*.

Bença toma essa forma por influencia do artigo feminino.

26. *E*. O *e* final passa invariavelmente a *i*, em todas as classes: *parêdi*, *rêdi*, *di*, *qui*, *ândi*, *pédi*, *cumpádri* (*cumpádi*, pr. popular) *correnti*, *aquêli*, *êsti*, *di nôiti*.

27. Quando nasal, entre o povo, perde a nasalação: *home*, *image*, *viage*, *vige*, *vage*, *onte*, *ontonte* e *antonte*, *ternantonte*, por *homem*, *imagem*, *viagem*, *virgem*, *vagem*, *hontem*, *ante-ontem*, *traz-ante-ontem*.

28. O *o* final sôa: *u*: *Pernambúcu, fêchádu, báxu, São Paulu, Riú de Janêru*. E' a pronuncia geral.

29. Nas palavras esdruxulas, cái a vogal atona posta logo após a tónica.

A lei glotica do principio de economia, do menor esforço, — a lei que resume em si todas as mais — é, por isso mesmo, a mais importante no campo da fonologia.

Em obediencia ao principio do menor esforço, os romanos que falavam o *sermo cotidianus* evitavam os esdruxulos, e, para isso, cortavam na pronuncia as vogais atonas postas depois das tónicas.

No "*Appendix Probi*", assim chamado porque encontrado apenso a um texto gramatical de Probo, o autor, um gramatico que Savj-Lopez julga ter vivido no seculo III da éra vulgar, regista a expressão popular em uso, simplificada com a queda da vogal atona postonica, e contrapõe a ela a palavra correcta, da lingua culta:

speculum	non	especlum
masculus	non	masclus
vetulus	non	vetlus

articulus	non	artielus
baculus	non	vaclus
oculus	non	oclus
tabula	non	tabla
stabulum	non	stablum
frigida	non	frigda
calida	non	calda (21)

A mesma lei do menor esforço leva hoje o caboclo inculto, o matuto ignorante, a cortar da mesma maneira as sílabas atonas postas logo após as tônicas.

Quem quiser imitar o gramático anônimo do “Appendix Probi” terá de dizer ao matuto:

vihora	não	briba
vespera	não	béspra ou béspra
Cicero	não	Cirço
corrego	não	cóigo ou córgo
cocegas	não	cósca
estomago	não	istambo
fetido	não	fésso
espírito	não	isprito
musica	não	musga
passaro	não	pásso

(21) P. Savi Lopez — “Le origine neo-latine”, pg. 134.

seculo	não	sécro
pifano	não	pife
sabado	não	sabo
America	não	Amérca

O poder conservador da literatura e da gramática contém e limita a tendencia evolutiva das linguas, embora não a possa anular. O gramático romano corrigia o impulso simplificador da lingua que, na península iberica, continuou livremente seu caminho, depois da invasão goda, quando cessou com o poder politico, a influencia da civilização e da cultura romana.

E temos hoje de *speculum*, *espelho*; de *masculum*, *macho*; de *vetlum*, *velho*; de *articlum*, *artelho*; de *oclum*, *olho*;

O dialeto matuto, da mesma maneira, bloqueado no interior pela falta de comunicações, longe do contacto disciplinador da escola, do freio da instrução, isolado assim pelo duplo fator geografico e social, entregue a si mesmo, fez seu caminho á parte.

Esse caminho, porem, obedeceu ás forças inconscientes que presidem á evolução das linguas; não foi tumultuario, como não o foi o do latim

falado no ocidente da península iberica, ao transformar-se no português.

A vogal atona postonica conserva-se entretanto em algumas palavras, como *sumitico* e *náfigo* ou *nafico*.

30. VOGAIS PRETONICAS. A. O *a* sofre modificações de varias especies.

Passa a *ê*: *rêzão* e tambem *rézão*, *menhã*, *amenhã*.

No português classico era essa a pronuncia.

“non cures de ser picam
nẽ tranar contra *rrezam*”

D. João Manoel — “Cancioneiros de Rezende”.

“que lhe nam came paixam
hũa tam gram crueldade
e morte tam sem *rrezam*?”

A' morte de Inês de Castro — Garcia de Rezende (Apud Chrest. archaica de J. J. Nunes).

“c'agora seja anojado
amenhã lh'esqueçeraa”

(Ibidem).

Assim tambem diz o povo do Nordeste:

“Magino e não adivinho
A *rêsão* pru mode quê
Me dá baticum no peito
Quando meus óio te vê”.

“Fulôreios”, II.

31. O. Sôa como *i*: *jínela*, *Jinuaro*. Deu-se aí um caso de assimilação imperfeita; sendo o *j* uma fricativa palatal, influiu sobre o *a* para transforma-lo na vogal palatal *i*. E’ a lei do menor esforço.

32. Transforma-se em *o*: *tombem* e *tomem*. Age ainda neste caso o menor esforço. A bilabial provoca a mudança do *a* para a labial *ô*, e, ainda em nova assimilação, o *b* é absorvido pelo *m*. Ha igualmente a pronuncia *tamem*. As modificações acima dão-se na lingua popular.

33. E. O *e* atono pretonico, em regra, sôa como *i*. E’ pronuncia geral. Falam assim as classes cultas e as incultas. *Rijume* (pop.) *pidir* (r) *piqueno*, *sinhô* (r), *milhor*, *mió*, (pop.), *tisôra*, *imbolá* (r), *Jiróime* e *Jiróimo* (pop.) por *Jeronimo*.

34. Quando é inicial e tem depois de si um *s* com que forme sílaba, sôa também sempre

i: *istorá* (r), *istêrco*, *istação*, *istio*, *istrada*, *istribo*, *ispirito*, *ispuma*, *isquadrão*.

35. No sul do Brasil, nas locuções *dê manhã*, *dê noite*, *dê tarde*, *côr dê vinho*, etc., o *e* sôa fechado, ê. No nordeste, no mesmo caso, sôa sempre *i*: *di tarde*, *di noite*, *di manhã*, *côr de vinho*, *conto di réis*, *pan di lô*.

36. Entre o povo, quando está isolado na frase inicial, têm sempre o som de *i* nasal: *indução*, *inlogio*, *inguá*, *inzame*, *inzaminá* (r), *inzercito*, *insecutá* (r), *insistir* (r), *inzonerá* (r) *insistência*, *inzigi* (r), *inleição*, *inlégê* (r), *inzenpro*.

Chega os *inzenpro* de morá não tê mais brio!
Hoje em dia os prope fio
Nem s'importa mais c'us pai.

"Fulôreios", pg. 139.

Essa pronuncia encontra um antecedente no português quinhentista, e bem pode ser que a lingua do descobrimento tenha fixado nas nossas populações rurais essa tendencia, generalizada hoje em dia. (Vêr o numero 10).

"E rreteue pera sy e pera todos seus sobcesso-
res o consentimento da *inliçom* que fizessem das

abadesas quando algũa ouuessem *d'enleger* em abadesa d'esse moesteiro”.

Chronica breve do Archivo Nacional
(Apud Textos Archaicós — Leite de Vasconcellos).

“E porque he cousa muy prôveitosa seguir o *exemplo* d'esta honrrada senhora”...

Castello perigoso — (Apud T. A. de J. Leite de Vasconcellos).

37. Em caso identico ha certa indecisão entre as pessôas cultas: o *e* sôa ora *i*, ora *ê*; acen-tua-se porem a preferencia pelo *i*: *izistir*, *izisten-cia* e *êxistencia*, *izato*, *ixcumunhão* e *iscumunhão*, *izecutar* e *ixpulsar*.

38. Passa a *i* tambem, e é de uso genera-lizado, quando nasal e inicial: *imbaraço*, *impre-gar*, *insinar*, *incruado*, *incubação*, *incruzilhada*, *incôsto*, *incontrão*.

39. Quando, sendo inicial, tenha depois de si um *r* ou *l* com que forme silaba, sôa aberto: *érrar*, *érguer*, *érva* e *éiva* (pop.) *érvilha*, *hérdeiro*, *hérnia*, *Hérmes*, *hércules*, *élipse*, *Élpi-dio*, *Élvira*, *pérfume*, *pérfumar*.

40. Ha formas populares de uso corri-queiro que apresentam diferenças sobre as for-

mas da lingua literaria, parecendo indicar uma alteração fonetica no dialeto. Foi a lingua literaria, entretanto, conforme já o dissemos no numero 24, que sofreu a variação fonica, arrastada pelo seu insopitavel impulso evolutivo. O dialeto conservou essas expressões em uso desde o descobrimento, transmitindo-as pela tradição oral e conservando-as petrificadas no seu vocabulario.

Todo matuto *sameia* o seu feijão. *Sameá* (r) e *sameio* são as palavras usadas no campo.

Gil Vicente, no Auto das Fadas (1516) diz assim:

bolo de trigo alqueyuado
com dois ratos no meu lar
por minha mão *sameado*...

(Apud C. A., pg. 509).

“Qual seraa o coraçam
tam cru e sem *piadade*”

Garcia de Rezende — “Morte de Inês
de Castro” — (Apud C. A., pg. 489).

“Esta pallaura he scripta no *auangelho* de Sam
Lucas”...

“Castello perigoso” — (Apud T. A.
pg. 47).

Quando pois o matuto diz *samiá* (r), *piada-de* ou *avangelho*, demonstra a força de resistencia da velha lingua portuguesa, cujas expressões o meio geografico fez enquistar no nordéste.

Da mesma maneira *sumana*, *antão Anrique*, *anteado* e muitas outras palavras que teremos ainda ocasião de examinar, adiante.

41. Torna-se evidente que ha uma sensivel inclinação no dialeto para a pronuncia aberta do *é* como tambem do *ó*. Antenor Nascentes attribue o fato, talvez, á influencia do tupi (22).

Se-lo-á? Eis ahi um interessante problema a tentar os estudiosos, não só nesse caso como sob o aspecto em conjunto da influencia da lingua geral sobre o português.

O *é* aberto encontramos-lo a cada passo: *lévar*, *navégar*, *elévar*, *elétrico*, *educação*, *elogio*, *elétricidade*, *elegancia*, *eloquente*, *equiparar*, *épopéa*, *equilibrio*, *épico*, *equivocar*, *evasão*, *evaporar*, *evocar*, *evangelho*, *dézembro*, *sétembro*, *sézão*, *pécado*, *pédal*, *vêlhaco*.

Não julgo tenha o tupi influido para essa prosódia. A lingua portuguesa sujeita a influencias evolutivas particulares, assume aspectos pro-

(22) Antenor Nascentes — “Idioma nacional”, v. IV, pg. 177.

sódicos próprios em cada região. A instrução, a escola, seriam os fatores de fixação, de uniformidade, que corrigiriam a inclinação para a pronúncia dialetal, na hipótese de haver interesse em corrigi-la. Mas, pondo mesmo de lado a alta percentagem de analfabetos que faria do remédio privilégio de poucos, esses mesmos são vítimas da má organização da escola primária, onde, o ensino da prosódia é um mito.

O *ditado*, então, apresenta aos alunos as palavras com uma fisionomia inteiramente falsa. Para que eles não errem, exageram os professores a pronúncia das vogais, ditando por exemplo: “A fortuna dô ricó comércio, decorre da extrema atividade quê êle desenvolve no seu negócio”.

Assim, nem mesmo a escola, entre nós, tem poder e autoridade para corrigir qualquer pronúncia que a língua oficial julgue incorreta. Quanto ao tupi, não vejo como o índio, que nunca teve preponderância na vida do nordeste, nem mesmo como trabalhador do campo, possa influir ainda hoje na prosódia dialetal.

42. As alterações fonéticas das vogais têm entretanto aspecto arbitrário, alcançando

umas palavras sem atingir a outras. Não ha, as mais das vezes, um fenomeno geral, mas casos parcelados. O *e*, assim, passa a *u*, em *Recife*, que sôa *Rucife*; transforma-se em *o*: *degenerar* que, por dissimilação, fica *dizonerá* (r).

Não é caso isolado na lingua a passagem do *g* a *z*: *frangir* = *franzir*, *espargir* = *esparzir*, *genebra* = *zinebra*.

“Elle era seu tanto ou quanto pensionado — lá isso era —, mas eu não podia marcar que tivesse *desonerado* assim”.

José Americo de Almeida — “A Bagaceira”, pg. 76.

Muitas vezes, *dizonerar* significa *deteriorar* e é tomado em sentido objetivo: “a carne *dizonerou*; o dicomê *dizonerou*”.

O sol pendeu é de tarde
Deu doze hora é mêi-dia
Doce bom não *dizonéra*
Nego bom não desconfia...

Pedro Nonato da Cunha — “Cantadores”, Leonardo Mota, pg. 95.

43. Junto a um *r*, muda-se em *a* em trissílabos e polissílabos. Na formação do português

houve o mesmo fenomeno: *regina* > *rainha*; *per+ad* > *pera* > *para*.

Ainda hoje, na pronuncia lusa, ha *numaro* e *amaricano* por *numero* e *americano*. No nordeste diz-se *ralaxado*, *ralaxamento*, *ravistá* (r) *rasvalá* (r), *rasplandô* (r), *dibará* (liberal).

Ha tambem *ralaxo*: Candido Figueirêdo consigna *rallasso* como termo pop. portugûês, com o sentido de *indolente*, *madraço*, de *relasso* < *relapsum*.

Aqui, houve a mudança do *s* na fricativa palatal surda *x*, ficando a palavra com o sentido de *desleixado*, *desmazelado*.

44. Muda-se o *e* em *a* em *estabelecer* que o povo pronuncia *estabalacê* (r), *propiadade*, *suciedade*.

45. I. o *i* pretonico inicial nasala-se na linguagem popular: *indiota*, *inorá* (r), *inguino-rante*, *ingreja*, *inguá* (l), *inlegá* (l), *inlustre*, *inclusão*, *inlustrissimo*, *inzolá* (r), *Intalia*, *intaliano*, *inludi* (r). (Cf. os ns. 10 e 36).

Tambem é nasal nas seguintes expressões: *vïer*, futuro do conjuntivo de *vir*, por influencia analogica com outros tempos do verbo em que ha

nasal: *venho, vem, vim, venha, vindo; mĩunça, mĩunçaia nincho, pinhão*. Ha no caso a prolação da nasalidade, fenomeno que, corrente na formação do portugûes, é frequentissimo no dialeto.

46. Sôa como *e* e *ê*: *cérconstança, dêreito, défamá* (r) *défêrença, démensão, déploma, lécença, rêbêra, premêro*. Muitas palavras que teem esta pronuncia são oriundas do portugûes do seculo XVI e conservadas integralmente no dialeto.

47. *Adivinhar* é *adwrinhá* (r), com dissimilação do *i*.

48. *O*. O *o* tem q som de *ó, ô, e u*. Ha uma grande indecisão entre essas tres formas, não sendo possivel determinar uma direção segura para a mudança dialetal.

Dentro de cada regra formulada ha, quasi sempre, inumeras exceções.

Inicial, o *o* prétonico é aberto: *Óliveira, óficio, óceano, obrigação, óraculo, ópilação, órador, ordenar, orgulho, ornamentado*. Sôa tam-bem *ó*, em geral, seguido de *l* ou *r* com que forme silaba: *sórdado, jorná* (l), *pórtador, tórmento, tórrencial*,

49. Nas classes cultas, pronuncia-se *ôrelha* e *urelha*. O povo diz *ureia*, como diz *uruvaio*, em vez de *órvalho*.

E branco é teus dente todo,
 Não hai mais mió marfim!
 Tudo aivo qui nem jasmim
 Bem muiado de *uruvaio*.

"Fulôreios", 111.

50. Quando ha um *m* na sílaba, porem, sôa ora *ó*, ora *ô* ou *u*.

Assim, *mórgado*, *môrrer*, *murcêgo*, *mórdaça*, *môrder*, *mórdomo*, *mórmaço*, *murrinha*, *mórtalha*, *môleza*, *mólenga*, *muldura*.

51. Sôa tambem *ó* nos infinitos dos verbos em *ar*: *chorá* (r), *implórá* (r), *cóbrá* (r), *amójá* (r) *bróca* (r), *tocá* (r), *topá* (r), *rólá* (r).

Entretanto, *mulhar*, *butar*.

Os diminutivos de nomes em que o *ó* seja aberto conservam esse som: *bódinho*, *tópezinho*, *bendengósinho*, *pótczinho*, *mólezinho*.

52. Nos infinitos dos verbos em *er* sôa *ô*: *sôfrê* (r), *môrrê* (r), *côrrê* (r), *cômê* (r), *môrdê* (r), *entôrpecê* (r), *fôrnecê* (r), *môvê* (r).

53. Sôa *u* nos verbos em *ir*: *encubrir* (r), *cubrir* (r), *durmi* (r), *surrir* (r), *bulir* (r), *ingulir* (r).

54. Quando medial, vale quasi sempre por *u*: *currida*, *pulimento*, *dumingo*, *cumida*, *lugar*, *lumbriga*, *muleque*, *muldura*, *muinho*, *suciada-de* (pop.).

Em *cumprido*, *cumpadre*, *cumadre*, *cumprimento*, *cumprimentá* (r), *cumpadrio*, *cumercio*, ha tambem a nasal influindo na modificação.

Essas pronuncias são de todas as classes.

Por dissimilação, o povo pronuncia *saluço* e *saluçá* (r), em vez de *solução* e *soluçar*.

Curica, tu vai vuando
Lá pra riba, prô sertão
Sem sabê qui aqui penando,
Saluçá meu coração.

"Fulôreios", pg. 21.

55. O *o* passa tambem a *i*, por dissimilação, em *sôcorro* e *documento* que, na prosódia e uso populares, transformaram-se em *sicôrro* e *dicumento*.

Se o cabra liso, c'a barriga dando as hora
 Véio amigo tópa agora
 E *sicôrrô* cuida achá...

.

Os home dava, pra valê de *dicumento*...

"Fulôreios", pgs. 142 e 144.

56. *Acogular* transformou-se em *caculá* (r) e *cogulo* em *cacúlo*.

Afóra a transformação do *ó* em *a*, é interessante o ensurdecimento do *g*, em contrario á regra geral do abrandamento das consoantes. E' o mesmo que se dá em *náfico*. Ha tambem as formas *coculá* (r), e *cocúlo*; as primeiras são, porém, mais usadas. Muda-se tambem em *a* o *o* de *borbolêta* que se pronuncia *baibulêta*.

Baibulêta avôa, avôa
 Sentando em toda fulô...

"Fulôreios", pg. 12.

57. Entre o povo, ha confusão no uso dos prefixos *per*, *pre* e *pro*.

São porem mais usados *pre* e *pro*, havendo em *per*, quasi sempre, metátese do *r*. Diz-se, assim: *proguntá* (r), e *preguntá* (r), *percurá* (r),

prefume e *peifume*, *preposta* (proposta) *expromentá* (r), *preposito*, *premissão*, *prefeitamente*, *portegê* (r), *perjuizo*, *potreção*. Aqui agiu a extrema mobilidade do *r* dentro das palavras, coisa também vulgar no português culto.

Na “Cronica breve do Archivo Nacional” encontra-se:

...“que fazem em *perjuizo* dos direitos e coussas da coroa dos regnos”...

T. A. de Leite de Vasconcellos, pg. 67.

A preposição é sempre *priu*, mesmo quando se segue palavra que comece por vogal.

58. Por extensão da nasalidade, o povo diz *cunsinha*, *cunsinhá*, *gunverno*, *gunverná* (r), *gunvernadô* (r).

59. *Cangóte* é a forma de *cogote*, e a única usada, mesmo pelas pessoas cultas.

Evidentemente houve contágio de *canga*, instrumento de ajoujo com que se prendem os bois pelo cachaço. Desde os primeiros passos da colonização, o boi foi o colaborador do progresso da capitania. E o *cogote* do boi, sob a *canga*, depressa transformou-se em *cangote*.

O nome estendeu-se á região occipital do homem e ao cachaço de todos os animais.

60. O *u* de *unguento*, talvez por analogia com *ingua*, passa a *i*: *inguento*; *umbigo* sôa *imbi-go*; *subjugar*, *sujigá* (r); são casos de assimilação e dissimilação.

A nasalação prolonga-se em *imbingada*.

Em *urubú* ha dissimilação do primeiro *u* e uma assimilação do segundo ao *r*: *aribú*, pronuncia popular.

Em *lua*, anasalou-se o *u*, analogia talvez com o artigo indefinito *ũa*. E, da mesma maneira que no artigo se desenvolveu um *m*, — *uma*, — surgiu tambem um *m* em *luma*, que é a pronuncia do povo.

São talvez os dois unicos casos da lingua em que o *n* intervocalico passa a *m*.

Mandou pra ela essa lôa:
Vois não me qué? qui m'importa!
Se a *luma* cheia fô bôa
Vou cantá na tua porta..

"Fulôreios", pg. 93.

Apesar de haver a forma normal *urina*, no composto *ourinol* a pronuncia faz desenvolver um

ditongo, como no sul do Brasil. De *ourinol*, pela transformação do ditongo *ou* em *o*, veio a forma *órinol*, também usada.

61. DITONGOS E SEMIVOGAIS — *Ái*.
Passa às vezes a *ei*: (é a tendencia da palatal *i* em atrair o *a*, aproximando-o para transforma-lo em *ei*) *reiva*, *Reimundo*, *treição*. A expressão corrente da lingua do nordeste já estabeleceu a frase feita, *ás treição*: *matar ás treição*; *pegar ás treição*; “você só pega os outro *ás treição*”.

Paxão — é onça cabrêra
Qui se amoita nas varêda
E péga a gente *ás treição*...

“Fulôreios”, pg. 31.

62. Deante da palatal *x*, *ái* perde a semivogal: *baxa*, *caxa*, *paxão*.

Confronte-se a lingua classica:

“Logo os Dalmatas vivem; e no seio
Onde Antenor já muros levantou,
A soberba Veneza está no meio
Das aguas, que tão *baxa* começou”.

“Lusiadas”, III — XIV.

63. *Au*. Quando atono passa a *ó*: *ótómove*, *Ócride*, *ódiença*, *Óróra*, *ómentá* (r), *óxilio*, (pron. *óchilio*).

Tendo o *óchilio* do cadélo
E no fim de muito andá...

M. Nacre. — “Fulôreios”. 80.

Da mesma maneira o ditongo *au* latino passou em português a *ó*, alogando-se depois em *ou*. *Theraurum* > *thezouro*, *laurum* > *louro*, *aurum* > *ouro*.

Póbre de *pauperem*, *fóz* de *faucem*, *códa* de *caudam*, representam e testemunham esse primeiro passo da evolução do ditongo.

A expressão “*ao menos*” tem no ouvido matuto o valôr de uma só palavra, e como, por isso, o ditongo fica atono, sofre o mesmo tratamento.

E gritava: — “Seu Antonho,
O sinhô não tem valía:
Cum tantas baiba na cara!
Respeite *ómeno* as famia.

“Fulôreios”. 104.

Quando o ditongo *au* é tônico perde muitas

vezes a semivogal: *Pálo, Isára, Lára* em vez de *Paulo, Isaura* ou *Laura*.

Em compensação, *caso* é sempre *causo*.

Batismo, entre o povo, tem ainda a forma quinhentista *bautismo*, conservada pela tradição oral desde o descobrimento. Já hoje o ditongo *au* começa a sofrer a influencia da regra geral de transformação fonetica, passando a *ó*; ouve-se *bótismo* ao lado de *bautismo*.

Mardokêo Nacre documenta a evolução do ditongo:

Faço *bótismo* e casamento, digo missa,
Nem paisano nem puliça
Me pergunta coma é.

“Fulôreios”, 115.

Em vez de *coma*, (Mardokêo Nacre escreveu na Paraíba) o povo de Pernambuco e Alagôas pronuncia invariavelmente *cuma*.

64. *Eu*. Quando atono, por analogia, sofre a mesma transformação de *au*; passa igualmente a *ó*. *Ostáco, Ósebo, Órópa, Ógena*. As modificações acima apontadas a respeito de *ái, áu* e *eu* são próprias do povo. As classes cultas obedecem á pronuncia regular da lingua.

Convem notar o seguinte exemplo dos primeiros documentos da língua: “In Dei nomine. Ego Balteiro et uxor sua nomine — *Ogenia*”, etc.

Port. Mon. Hist. Dipl. e Chart. V. I,
pag. 6; apud Leite de Vasconcellos
“Textos archaicos”.

65. *Ei*. Perde a semivogal. E’ esse um phenomeno comum entre o povo e entre as pessoas cultas. Mesmo gente letrada, a não ser que fale com a preocupação de policiar a linguagem, ou tenha tido uma educação prosodica muito cuidada, só pronuncia *quêjo, bandêra, brasilêra, mantêga, bêjo, fêjão, quêxa, istêra, rêxa, dêxe, pêxe*. Parece que já foi pronuncia regular no português:

“E o sol ardente
Queimava então os deuses que Tifeo
Com temor grande em *pêxes converteu*”.

“*Lusiadas*”, I — XLII.

66. Quando ao ditongo se segue um *o* em hiato, o *i* sôa: *feio, esteio*; quando é seguido, porem, de um *a* nas mesmas condições, ha duplicidade de pronuncia na classe culta; *mêa* e *meia*, *fêa* e *feia* *vêa* e *veia*, *têa* e *teia*. O povo pronuncia, sempre, *vêa, mêa, têa*. E’ a volta aos primeiros

passos da lingua: *arenam* > *arêa* > *arêa*, *telam* > *têa*, *coenam* > *cêa* > *cêa*.

67. O ditongo *sôa* claramente quando está antes da explosiva *t* e da fricativa *ç*: *peito*, *peitada*, *peitoril*, *leite*, *feitoço*, *beço*, *feição*, *treição*.

Existem poucas exceções a essas tendencias dialetais.

68. *Ou*, *oi*. Reduzem-se a *ô*: *ôtro*, *lôco*, *pôco*, *frôxo*, *môco*, *ôro*.

69. Passa a *u* em *uvir*, *uvido*, *uvinte*.

70. Vale *ó*: *Lórenço*, *estórar*, *róbar*, *pócar*, (*partir-se*, *quebrar-se*, *explodir*) de *espoucar* com aférese da primeira sílaba; *afróxar*, e, devido ao *ó* do infinito, *róbo*, *estóro*, *póco*, *estóra*, *afróxa*.

Ha aqui analogia com os verbos em *ar*, que teem *ó* aberto: *tócar*, *tópar*, *implórar*, *chórar*, *cóbrar*, etc.

Na lingua culta ha tambem verbos em que houve igual transformação: *apósentar* e *apóquentar* veem de *pouso* e *pouco*.

71. Não ha sincretismo entre o *oi* e o *ou*, no falar nordestino.

A preferencia por uma ou outra forma já está fixada. Diz-se assim: *doido*, *oitiva*, *oito*,

coitêro, dois, foice, açoite, noite, e ôro, vindôro, matadôro, estôro, lôro, lavôra, lôcura.

Amadeu Amaral aponta para esta distinção uma causa puramente fonética: “ha ô diante dos sons *ř, v, k* e *x*, e *oi* diante de *s, ç, z* e *t*” (23).

Entretanto, no Nordeste, ha ô também diante de *z* e de *d*; *bebedôro, vindôro, pôso*. Diante de *ç* o povo pronuncia *oi* e as pessoas instruídas *ou*: *loiça, oiça* e *louça, ouça*.

72. *Ão*. O ditongo *ão* atono vale *o*; (pr. *u*) *sôto, órfo, órgo, Estêvo, Cristóvo* (arcaico).

73 *Ui*. Em *muíto*, cai a semivogal, transformando-se a palavra em *munto* que, de uso geral entre o povo, não é rara entre gente culta. Ha também essa pronúncia em Portugal.

Castilho escreveu:

“De outro qualquer assunto

Só para ociosos bons, cansou-se o povo ha
[*munto*”.

Georgicas, 139. (Apud Sousa da Silveira, “Lições de Português”, 73.

74. *Em*. Ditongo nasal, tónico e final *sôa* *ẽi*: *tambẽi, amẽi, nẽi, vintẽi*. Quando atono final,

(23) Amadeu Amaral — “O dialecto caipira”, pg. 25.

sôa *i*, com o desaparecimento da nasalidade: *vírgi*, *hómi*, *onti*, *ternantónti*, *corági*, *vági*, *camaradági*.

75. *Am*. A terceira pessoa do plural do indicativo tem a terminação *am* transformada em *o*: *fizéro*, *quizéro*, *amáro*, *corrêro*, *fôro*, *matáro*.

Fechou-se o tempo: se *atracaro* e *fôro* ao
[barro

Eu senti logo um pigarro
E vontade d'isquipá...

"Fulóreios", 131.

Com toda facilidade
Entráro no Batrité,
E *corrêro* toda serra,
Escangaiáro o Coité
Fizéro cantá Bemdito
Ao povo do Canindé.

Cego Aderaldo — "Cantadôres", L.
Mota, 120.

Aqui, mais uma vez, põe-se-nos defronte o problema: essas formas irregulares são oriundas, apenas, das modificações fonéticas da lingua popular, teem origem nos fatores geograficos e etnicos que orientaram a evolução dos sons em certo e determinado sentido, ou são formas do

português arcaico aqui enquistadas no falar das populações do interior?

Conjuguemos com o matuto:

<i>Ind. presente</i>	<i>Imp. indicativo</i>	<i>Perfeito</i>
Eu faço	Eu fazia	Eu fii
Tu fáí	Tu fazia	Tu fei ou fizesse
Ele fáí	Ele fazia	Ele fêi
Noi ou nois fáí	Noi ou nois fazia	Noi ou nois fizemo
Voi ou vois fáí	Voi ou vois fazia	Voi ou vois fei
Eles fáí.	Eles fazia.	Eles fizéro.

Diz Virgilio de Lemos: “Quanto á conjugação, a degenerescencia das flexões só respeitou, deixando-as intactas, as formas verbaes da 1.^a pessoa e da 3.^a do singular: *Eu amo, ele ama; eu tenho, ele tem; eu parto, ele parte; eu ponho, ele põe*”.

Lê-se mais adiante: “Ha ainda duas variantes, relativamente á conjugação das formas verbaes da 1.^a pessoa e da 3.^a do plural de certos tempos dos verbos, que, por serem uma transição entre as formas degeneradas, que acabamos de mencionar, e as formas *normais* e *legítimas*, nos parecem de origem mais recente. Talvez se possam explicar como uma resultante da *reação cul-*

teranista, que caracteriza a segunda phase da dialectação da lingua.

Consiste a primeira em supprimir o *s* final das formas normaes da 1.^a pessoa do plural. Consiste a outra variante em trocar o ditongo final *am* da terceira pessoa do plural dos *preteritos* perfectos e dos *mais que perfectos* pelo som surdo do *o mudo*" (24).

Não creio que a transformação do *am* em *o* seja uma forma mais recente, nem uma reacção *culteranista* da dialectação. Antes quer-me parecer a persistencia de uma forma arcaica do português, petrificada na conjugação matuta, sendo assim, mais antiga que as outras flexões.

João Ribeiro afirma com razão que, "no seculo XV foi que se formou a linguagem que devia ser popular e plebeia no seculo seguinte, o da descoberta do Brasil. Os aventureiros, exploradores e o povo que emigrou para a America, não falava a lingua culta dos quinhentistas, eivados de erudição latina e italiana, mas a linguagem documentada pelo seculo XV" (25).

(24) Virgilio de Lemos — "A lingua portugueza no Brasil", pg. 58.

(25) João Ribeiro "Seleta classica", pg. 4, nota.

Essa linguagem do século XV foi mais além; estendeu-se na literatura até metade do século XVI; até aí “a lingua apresenta caracteres grammaticos estilisticos e lexicologicos que a separam da lingua dos tempos subsequentes” (26).

Nos documentos literarios dessa época vamos encontrar as formas que justificam a flexão da 3.^a pessoa do plural do perfeito do indicativo, no falar matuto:

...“e que elrrey dom Afonso de Portugal fazia, *ouverom-lhe* enveja e *quiserom* ser participantes”...

...“e *pedirom* por mercê a elrey que os non mandasse matar”...

...“e *matarom* na entrada tantas companhas de mouros”...

...“e entom *entregarom* todo aquello que fora dos mouros”...

“Cronica da fundaçam do moesteiro de S. Vicente”. (T. A. — 69).

(26) Leite de Vasconcellos — “Textos archaicos”, 117.

...“que os leedores d'este trautado algũas d'ellas per el *poderom* percalçar”.

“Leal Conselheiro — d'El-Rei d. Duarte”. (T. A. — 75).

...“e o *amarõ* e *prezarom* muyto”...

“Cronica do Condestabre de Fernão Lopez”. (T. A. — 83).

Ora, essas formas documentadas na literatura do seculo XV, tornaram-se vulgares no seculo seguinte, quando o genio aventureiro dos portugueses os sacudiu até nossas praias.

Quizerom, *matarom*, *pedirom*, *poderom*, transformaram-se em *quizéro*, *matáro*, *pedíro*, *podéro*, na lingua popular.

Foi a força da economia fisiologica agindo na eliminação da nasal, como agiu em *arêa*, *chea*, *vea*, nos primeiros periodos de formação do nosso idioma para transforma-los em *arêa*, e *areia*, *chêa* e *cheia*, *vêa* e *veia*.

A tendencia do dialeto é para a uniformidade, para a abolição das flexões verbais. O matuto deixa ao pronome o encargo de indicar as pessoas gramaticais. Na sua simplificação, lembra o inglês:

I have	We have
You have	You have
He, she, it has	They have

No entanto, no preterito do indicativo, foge á regra e flexiona a 3.^a pessoa do plural da maneira que foi vista.

Duas causas influíram nesse resultado: a tradição da forma arcaica e o exemplo das atuais, — *fizeram, pediram, quizeram*, — que ouvem das pessoas que falam bem. Surgiu assim, sem nenhuma violencia, a 3.^a pessoa do indicativo no dialeto popular, em contrario á tendencia para a unificação flexional do verbo.

76. *Io, ia*. Quando os grupos *io, ia*, são atonos, finais e precedidos de *l* ou *n*, a semivogal palataliza, entre o povo, essas duas consoantes: *mobilha, familia, dimonho, Antonho*.

77. Quando antecidos por qualquer outra consoante, cai a semi-vogal: *palaço, Bonifaço, Inaço, paciência, binifiço, istrupiço, vigáro, buticáro, Lotéra (Eleuteria), mistéro, negóço, culêjo, Jodofóimo (Iodoformio) duza, puliça, nutiça*.

78. *Uo, ua*. Cai tambem a semivogal: *trido*,

inico, taba, noda, cólidade, cage, corenta, contia, coresma, contidade.

Corenta, contia, coresma, são formas arcaicas. *Contidade* vem de *contia*.

Dá-se às vezes metátese por atração da tônica: *tauba, estauta*.

79. *Om*. Mesmo final e monosilábico tem o som proprio de *om*.

Assim, pronuncia-se *som, bom, tom*, diferentemente do sul do país, onde esse ditongo sôa ão: *bão, são, tão*.

80. HIATO. Mesmo quando final, *io* conserva-se em hiato: *tio, rio, estio, frio*. No sul do país o hiato ditonga-se: *tíu, ríu, estíu, fríu*.

81. Em *lendia*, por atração da tônica, dá-se a metátese do *i*, *leinda*; mas o *e* e o *i* ficam em hiato, não formam ditongo.

82. *Aeroplano* passa a *areoplano*; é o mesmo que se dá com o francez: "L'hiatus incommode de *aeroplane* provoque *areoplane*" (27).

83. *Ruim*, que no sul do país é um ditongo, com a tônica sobre o *u*, no nordeste tem a tônica sobre o *i* e as duas vogais ficam em hiato.

(27) Albert Dauzat "La philosophie du langage", pg. 117.

CONSONANTISMO

84. Como na formação do português, também na variação dialetal, é a posição da consoante que regula a sua permanencia. E' forte, se inicial; fraca, se medial; fraquissima, se final.

85. CONSOANTES INICIAIS. Em geral as consoantes iniciais se conservam. Ha entretanto algumas exceções:

O *c* passa a *g*: *carriça* — *garricha*.

Na boca do povo, *destruir* perde o *d* e fica *istruí* (r); em *debilitar* depois de ter passado a *desbilitar*, caiu o *d* para ficar *isbilitá* (r), participio — *isbilitado*.

São, aliás, formas arcaicas, ao lado de *esmaiar*, *esterrado*, *estroimento*, por *desmaiar*, *desterrado*, *destruição*.

O *f*, da palavra *fastar*, com prótese do *a*,

transforma-se em *v*, sua homorganica sonóra, *vastá* (r).

O *g* de *genebra* passa a *z*: *sinebra*. Em glandula cai o *g* inicial: fica *landia*.

O *l* passa a *d* em *dibará*, *diamba* e *digêro* por *liberal*, *liamba* e *ligeiro*.

O *n* transforma-se em *l*: *librina* por *neblina*.

Uniforme, depois da prótese do *u*, teve também o *n*, — tornado assim inicial, — transformado em *l*: *lifóime*.

S. O *s* passa a *x*, algumas vezes: *xiringa*, *xêxo*, *xinxá*, *destrinxar*, *xujo*, por *seringa*, *seixo*, *cincha*, *destrinçar*, *sujo*.

“Não vá esquecer do corte de chita, seu *xei-xeiro*”.

José Lins do Rego — “Menino de engenho”, pg. 55.

V. O *v* passa a *b*. De tão vulgar, já é anedótica no Brasil, a facilidade com que os portugueses trocam, na pronuncia, essas duas consoantes.

86. No nordeste o *b* não passa a *v* sinão talvez em *gavar* e *desenxavido*. Não ha sincretismo entre os dois fonemas.

Algumas palavras teem o *v* inicial trocado por *b*. A mudança, aliás, vem da formação da lingua: *vesicam* > *bexiga*, *vaginam* > *bainha*, *votum* > *bôdo*. Dizem os matutos: *barrer*, *bassôra* *béspa* ou *bespra*, *berruga*, *briba*, por *varrer*, *vas-soura*, *vespera*, *verruca*, *vibora*.

Em *gumitar*, *gumitôro* e *gumito*, (*vômito*) o *v* passou a *g*. E' porem um fenomeno em que o povo apenas conservou a forma *goumitar*, do português arcaico.

87. CONSOANTES FINAIS. Na lingua do povo todas as palavras terminam em vogal. Apenas o *s* subsiste excepcionalmente no artigo, nos numerais e demonstrativos, quando está indicando a pluralidade: *os* home, *duas* cadêra, *aquelas* coisa.

O *r* e o *l* caem invariavelmente: *lugá*, *corrê*, *andá*, *alugué*, *animá*, *papé*, *currá*. Nas classes cultas, no falar descuidado e cotidiano, cai o *r* final quando á palavra, em meio da frase, se segue outra que comece por consoante: “vou *pedi* licença ao *professô* pra sair”. De qualquer forma, mesmo nas cidades, a pronuncia vulgar faz sôar levemente o *r* final, e não será exagero afirmar que a inclinação é para elimina-lo no falar corrente. Só a escola e a instrução corrigem essa tendencia.

O *l* final, nas classes instruídas, é mais resistente, quasi não desaparece; somente em casos isolados muda-se em *r*: *paper*, *mir*, *quintar*.

O *n* cai: *germe*, *īma*, *rijume* = *germen*, *īman*, *regimen*.

88. CONSOANTES MEDIAIS. *G* e *J*.
Passam algumas vezes a *z*: *franzir*, *resistar*, *esparzir*, *dizonerá* (*r*). O *g* intervocalico cai, em *aua*, *leua*, *sauim* por *agua*, *legua*, *saguim*. Na frase *ó gentes*, em que o *g* fica intervocalico, passa a *x*: *ó xente*, com o ensurdecimento anormal da fricativa sonora.

No galego *gente* é *xente*; terá isso passado ao português, transmitindo-se a expressão aos descobridores do século XVI?

V. Cai em *caalo* = *cavalo*.

X. Toma ás vezes o som de fricativa palatal surda: *fiche*, *anêcho*, *óchilio*, por *fixo*, *anexo* e *auxilio*.

Z. Passa também a *g*: *varge* ou *vage* por *varzea*.

E' agua muita! O rio vai ás *varges*.

"Menino de engenho". 42.

89. GRUPOS CONSOANTES. Fenomeno geral na pronuncia popular nordestina é a troca

do *l* pelo *r*. O *l* + consoante, bem como o *r* + consoante estão na lingua do povo em plena fase de transformação. O tratamento dos dois grupos é indeciso e mesmo anarquico: ora se vocaliza a prepositiva, ora se suprime a pospositiva, ora se transforma em *r* o *l* do grupo.

A observação dos fatos indica porem o caminho provavel dessas mudanças prosodicas.

E' evidente que depois da passagem do *l* a *r*, processa-se a vocalização, do ultimo. E' um fenomeno atual que se apanha em flagrante, na convivencia das populações rurais. Ha dualidade de forma. Vivem em comum, o *r* aparecido em substituição do *l* e o *i* formado pela vocalização do *r*.

São exemplos: *arvura* e *aivura*, de *alvura*; *corgo* e *coigo*, de *corrego*; *descurpa* e *descuiça* de *desculpa*; *arma* e *aima* de *alma* (28); *arfere* e *aifére* de *alféres*; *forguedo* e *foiguedo*, de *folguedo*; *fôrgo* e *foigo*, de *folego*; *armoço* e *aimoço* de *almoço*.

(28) Ha ainda a forma *alima*, tambem muito frequente. A' primeira vista, poderia essa forma ser julgada uma reminiscencia arcaica da dissimilação do *n*, metaplasmo que formou na lingua, por exemplo, *alimaria*, proveniente da forma popular *alimal* de *animalem*; lembrar, do *memorare*, através do *nembrar*; *alma* por *alima* de *animam*.

A segunda forma vai substituindo a primeira, sem que essa substituição seja contudo ainda geral.

Ha palavras em que o *r* ainda permanece. O grande numero delas, justamente, e o fato de ser mais facil pronunciar o *i* junto a qualquer consoante, do que um grupo em que o *r* seja primeiro elemento, são argumentos para a afirmação de que, na lingua do povo, primeiro se transformou *l* em *r*, para vir depois a vocalização do ultimo. (Vêr o n.º 12).

No dialeto romanesco ha tambem a transformação do *l* em *r*, no artigo, ou quando tem depois de si uma consoante. Trilussa, na poesia “*Dar confessore*”, diz num verso:

La contessa, defatti, va da lui
Tutte le feste a dije *quer* ch'ha fatto
E a presentaje *er* resoconto esatto
Sur movimento de l'amanti sui.
Ché la contessa, in fatto de passioni
E' *er* bollettino de le promozioni. (29)

Entretanto, a forma *alima*, do matuto nortista, nasceu do alargamento, do tratamento original dado por ele aos grupos consonantais em que entra o *l*. *Clemente* é *Quelemente*, como *explicar* é *ixpílicá*, como *alma* é *alima*.

O grupo repugna ao aparelho fonador do matuto. Em seu lugar falaremos desse fenomeno.

(29) Trilussa — “Nove poesie”, Voghera, editore. 1920, Roma.

90. *Lb* e *rb*. Vocaliza-se a prepositiva: *Aibino*, *Baibino*, *baibearia*, *baibatana*, *baibante*, por *Albino*, *Balbino*, *barbearia*, *barbatana*, *barbante*. A's vezes, ha supressão da prepositiva do grupo: *Aberto*, *abardêro*, por *Alberto*, *albardeiro*.

91. *Ld* e *rd*. Passa a *r* o *l* do primeiro grupo e conserva-se o segundo sem alteração: *sordado*, *bardeação*, *berdroega*, *cordão*, *lérdo*, *cordêro*, por *soldado*, *baldeação*, *beldroega*.

92. *Lc* e *rc*. Vocaliza-se tambem a prepositiva: *aico*, *aicance*, *baicão*, *poico*, *baicaça*, *emboicá* (*r*) por *alcool*, *alcance*, *balcão*, *porco*, *barcaça*, *emborcar*.

93. *Lf* e *rf*. Vocaliza-se a prepositiva: *góifada*, *gaifo*, *óifo* ou *órfo* por *golfada*, *garfo* e *orfão*.

94. *Lg* e *rg*. Vocaliza-se a prepositiva: *aigeró*, *foiguedo*, *gaigá* (*r*), *caiga*, *aiguêro*, por *alge-ros*, *folguedo*, *galgar*, *carga*, *argueiro*.

95. *Lj* e *rj*. Perde o primeiro a prepositiva, e conserva-se o segundo: *ajôfre*, *varjado*, *sarjar*.

96. *Lm* e *rm*. Dá-se a vocalização da prepositiva: *Aimêda*, *aimirante*, *aimuçá* (*r*), *Aiman-*

do, *aimazenaje* por *Almeida*, *almirante*, *almoçar*, *Armando*, *armazenagem*.

Ha supressão da prepositiva: *amanjarra*, *amanaque*, *amesca*, *amocreve* por *almanjarra*, *almanaque*, *almecega*, *almocreve*.

97. *Rn*. Conserva-se: *berne*, *pernêra*, *Bernado*.

98. *Lp* e *rp*. Vocaliza-se a prepositiva: *dis-cuiça*, *fêiça*, *fêipudo*, *séipente*, *aipão* por *desculpa*, *fêlpa*, *felpudo*, *serpente*, *arvão*.

Em *suprêza* por *sorpreza*, suprime-se o *r*.

99. *Lq* e *rq*. Ha vocalização da prepositiva: *aiquêre*, *poiquêra*, *maiquêza*, em vez de *alqueire*, *porqueira*, *marqueza*.

100. *Ls*, *lç* e *rs*, *rç*. Passam a *rs* e *rç* os primeiros e conservam-se os outros: *barsa*, *farsa*, *carçada*, *arçapão*, *arsená* (*l*), *berço*, *arção* por *balsa*, *falsa*, *calçada*, *alçapão*.

101. *Lt* e *rt*. Nunca se vocalizam. O *l* de *lt* passa a *r*: *artura*, *artá* (*r*), *fartá* (*r*), *arterá* (*r*), *porta*, *artista*, *sertanejo*, por *altar*, *altura*, *faltar*, *alterar*.

102. *Lv* e *rv*. Vocaliza-se a prepositiva: *aivado*, *poiva*, *aivura*, *aivorêdo*, *éiva*, *caivão*, por *alvado*, *polvora*, *alvura*, *arvorêdo*, *érva*, *carvão*.

103. *Lz* e *rz*. O *l* passa a *z*: *Berzebú*. Desaparece o *r* do grupo *rz*: *vage* por *varzea*, *catôze* em vez de *quatorze*, por analogia com *dôze*.

104. Convem não esquecer a observação já feita, quanto á indecisão dessas formas. A' exceção de *lt*, *rt*, *ld*, *rd*, *ls*, *lç*, *rs*, *rç*, *lz*, e *rz* em que nunca ha vocalização do primeiro elemento, nos demais, ora ha modificação, ora vocalização, ora quêda, sendo comuns as formas sincréticas.

105. Um fenomeno geral de dialeção popular é o desdobramento dos grupos consonantais pelo acrescimo de uma vogal entre os dois fonemas. Explica-se isso pela dificuldade de pronuncia. Realmente é mais facil ao povo alargar a palavra acrescentando-lhe uma silaba, do que pronunciar duas consoantes juntas.

Os grupos *cl*, *lv*, *lm*, *fl*, enfim, aqueles em cuja composição entra um *l*, sofrem esse alargamento, o que por vezes altera de maneira notavel a palavra, tornando-a quasi irreconhecivel.

Ha tambem esse alargamento em grupos formados com *r*, mas, é menos vulgar. *Ispilicá* (*r*), *apalacá* (*r*), *uruvaio*, *quilaridade*, *fulorá* (*r*), *gu-*

lóra, Guilicéro, Silivestre, Quelemente, álima, inguelei, riçulúta, quereca, (creca) irimão.

“Mas entonce pra que foi que seu Nonato fez d’eu *riculuta*”.

“Cantadôres”, 331.

“Pelo terreiro da casa viam-se os *terens* dos refugiados.

“Menino de engenho”, 47.

E branco é teus dente todo,
Não hai mais mió marfim!
Tudo aivo qui nem jasmim
Bem muiado de *uruvaio*.

“Fulôreios”, III.

Se eu posso t’*ixpilicá*,
Proguntasse, nõ açudão
Se amô, ciume e paxão
Tem cum quê se cumpará.

Idem, 31.

Hai quem diga: — o amô é cégo.
Eu potresto: — cégo, não!
Vê bem na *quilaridade*
Cuma vê na iscuridão.

Idem, 10.

O indigena, de *cruz* formou *curuzú* pela mes-

ma necessidade de abrandar a rudeza do grupo consonantal.

106. As classes cultas em certas palavras também dividem os grupos consonantais acrescentando um *i*: *obicecação*, *abidicar*, *subijugar*, (o povo pronuncia *sujigar*) *obinubilação*, *abistenção*, *obiturar*, *óbivio*, *defequição*, *áquime*, *aquine*, *eréquito*, *adijetivo*, *Edimar*, *adinotar*, *adquirir*, *advogado* ou *adevogado*, *doguima*, *aguinostico*, *minemonica*, *aquicepição*, *pineumonia*, *psicóse*, *apitidão*, *néquiso*, *ritimo*.

107. Os grupos *gr*, *pr*, *tr*, perdem a pospositiva: *pade*, *nêgo*, *propiadade*, *rezisto*, por *padre*, *negro*, *propriedade*, *registro*.

108. Em *gn* e *bj* caem o *g* e o *b*: *arripuná(r)*, *inorá(r)*, *malino*, *sujigá(r)*, em vez de *repugnar*, *ignorar*, *maligno* e *subjugar*.

109. Ha assimilação nos grupos *rl*, *lr*, *mb* e *nd*: *Carro*, *birro*, *tamem*, *correno*, *ficano*, *quano*, por *Carlos*, *bilro*, *tambem*, *correndo*, *ficando*, *quando*.

Tem sido atribuída a influencia africana essa assimilação operada no grupo *nd*. Não creio entretanto nisso. Os africanos teriam sentido difi-

culdade em pronunciar o grupo, e, por menor esforço, te-lo-iam modificado, como o simplificou pelo mesmo motivo o resto da população, sem que uns imitassem outros.

Apenas, sendo igual a dificuldade, o remedio foi um só e fornecido pela fonologia.

No grupo dialetal aquilano-umbro-romano dá-se o mesmo fenomeno, outróra mais generalizado na Italia, sem suspeita de influencia africana.

Trilussa documenta a forma romana:

Er Re, *piagnenno*, se buttó sul letto
Maledicenno er barbero destino,
Quanno vidde sorti' dar commodino
Una specie de spirito folletto,
Che piú d'esse' uno spirito era un coso
Piccolo, secco, moscio e scivoloso. (30)

Em Viterbo, *andó é annuó*.

110. *Nh.* No sul do país pronuncia-se *compania*, para evitar a dupla palatalização. No nordeste a pronuncia geral é *cumpã-ia*, *campã-inha*, *arã-ia*, *Marã-ião*.

(30) Trilussa, ob. cit., pg. 69.

111. *Lh.* Perde o som molhado, deixa de ser vibrante. E' fenomeno geral entre o povo: *mio*, *fio*, *atrapaiá* (*r*), *imbruiá* (*r*), *teia*. A's vezes despalataliza-se: *mulé*, *le*, por *mulher*, *lhe*. A classe educada pronuncia em geral *mubilha*, *familha* por analogia com *filha*; o povo diz *mubia*, *famía*. Óleo é *ólho* e tambem *óio*.

112. *Sc.* Simplifica-se: *renacer*, *condecendencia*, *acendencia*. E' esta aliás, a pronuncia normal, culta, do grupo *sc*.

E' comum ouvir pessoas que querem passar por bem falantes, sibilarem o *s* desse grupo, o que dá em resultado a intromissão de um *i* na prolação: *renaicer*, *aicendencia*. E' difficil mesmo, a pronuncia sem essa cacoépia.

O velho português não grafava *sc*, mas *c*: *nacer*, *nacença*, *dicipulo*, *conciencia*, etc.

O grupo *sc* surgiu na escrita por influencia erudita, para conservar fidelidade ás formas latinas.

FIGURAS DE DIÇÃO

113. *Abrandamento*: Tal como se deu no português, ha no dialeto nordestino, abrandamento de consoantes surdas: *musica* e *alpercata* passam a *musga* e *pragata* ou *apragata*, com abrandamento do *c*.

114. *Ensurdecimento*. Contrariamente á indole da lingua, ha casos em que a consoante sonóra passa a surda: *cacular*, *nafico*, *cosca*, por *nafe-go*, *cocega* e *cogular*. Em *cosca* ha um caso a estudar, sobretudo si o confrontarmos com *musga*, onde o *c* se abrandou em *g*. Em ambas as palavras houve a queda da vogal atona postonica, fato usual na formação do português e já verificado no proprio latim, como atrás ficou dito. (Vide n.º 29). Em *cosca*, cuja pronuncia exata é *corca*, a consoante permaneceu surda, pela proximidade do *x* que é também consoante surda.

Em *musga*, o *c* sonorizou-se em *g*, por causa da palatal sonora *j*: (a pronuncia é *mujga*). A diferença de som do *s* em *cosca* e *musga* nasce da influencia do *c* e do *m* iniciais.

115. *Atração*. A vogal tónica atrai ás vezes uma atona que com ela se ditonga: *tauba*, *estauta*. Cf. *auga*, forma arcaica de *agua*, *primarium* > *primairo* > *primeiro*; *januarium* > *januairu* > *janueiro* > *janeiro*.

116. *Vocalização*. O grupo *r* + *consoante*, dá grande contribuição para esse metaplasmo, na lingua popular: *Baibino*, *baibearia*, *aico*, *poico*, *aimirante*, *discuiça*. (Vide os numeros 90 a 102).

Ha outros casos que são reminiscencia arcaica: *luita* e *loita*, *bautizar*, *fruito*, por exemplo.

“E esta dona Clarissa tiinha hũu filho, e *bautizarõ-no* em Iherusalem”.

“Estoria de Uespasiano” edição de 1496. (Apud C. Arcaica de J. J. Nunes, pg. 15).

“praza-vos que por o seu amor vos *bautizees* e vos cõuertaees aa fee catholica, e exalçade a santa christindade e fazee *bautizar* toda a gente”...

Ob. cit. Apud Leite de Vasconcellos.
“Textos archaicos”, pg. 96.

“Ben venhas, Mayo, coberto de *frutas*;
e nós roguemos a que sempre duitas
á sas mercées de fazer én muitas,
que nos defenda do dem’ e sas *luitas*”.

Cantiga das Maias — “Codice de Toledo”.

O matuto emprega sempre o feminino *fruta*.

Mulher é como *fruta*: quando cae, apodrece. . .

Bagaceira — 222.

...“qui tudo no mundo é quem *fruta*”:

Mardokeu Nacre — “Fulôreios”.

117. *Consonantização*. Forma rara na lingua, o matuto a usa em *jodorêto* e *jodofoimo* = *iodorêto* e *iodoformio*. Cf. *hyacinthum*, *jacinto*; *hyerarchia-jerarquia*.

Leonardo Mota atesta o fenomeno prosodico, já em linguagem escrita, na parêde de um arremêdo de farmacia em Umburana, Paraíba: “Aqui tem *jodofóimo*, *jodorêto*, *alcanfô*, etc.” (31).

(31) Leonardo Motta — “No tempo de Lampeão”, pg. 88.

118. *Cráse*. Embora raríssima, encontra-se essa figura, ainda assim, no dialeto matuto: por mais de uma vez, embora não seja fato geral, ouvi pronunciar *aluá* (*r*) e *aluado* por *avaluá* (*r*) (*avaliar*) com crase dos dois *a*, postos em contato pela queda do *v*.

Cálo é outro exemplo; a *a* tem aí o valor autêntico de sílaba longa; surgiu da queda do *v* intervocalico, de *cavalo*. *Refem* de *referente*, com a queda do *r* e apocope do *te*.

119. *Assimilação*. Abundam os exemplos de assimilação no linguajar nordestino e é esse um dos fatores mais gerais de modificação: *Alamanna*, *mustura*, *Cisso* de *Cicero* através de *Cirço*, *tabalião*, *premissa*, *Carro* = *Carlos*, *Jimúaro*, *jínela*.

120. *Dissimilação*. Os sons iguais, como no português, também se diferenciam: *aribú*, *sujigá* (*r*), *ticaca* (de *maritacaca*), *dizonerá* (*r*), *Arineu*.

121. *Aférese*. Não é necessário citar exemplos de aférese do *a*, tão vulgares e conhecidos são

eles. *Zidóro*, *borná(l)*, *versidade*, estão por *Izidoro*, *embornal* e *diversidade*.

O verbo *estar* perde a primeira sílaba e é assim conjugado em todos os tempos: *tou*, *tava*, *tive*, *tá*, etc.

Doistõe, *trestõe*, *deztõe*, é a pronuncia em vez de *dois*, *tres* ou *dez tostões*. *Bastião*, por *Sebastião*.

Afastar, perdendo o *a*, teve o *f*, — tornado assim inicial, — abrandado em *v*: *vastar*. A significação também se modificou, especializando-se em *afastar para trás* = *recuar*.

122. Em português, o *r* inicial é sempre forte, *rr*. Na palavra *irimão* o segundo *i* apareceu para facilitar a pronuncia do grupo *rm*. (Vide o n.º 105).

O primeiro, aparentemente prostético, é a inicial da palavra portuguesa, e cai muitas vezes, ficando o termo reduzido a *rimão*.

O *r*, porem, que era brando por estar entre vogais, conserva esse som apesar de tornar-se inicial. E' pronuncia desconhecida na lingua. Essa singularidade, mesmo no dialeto, só se repete em *urupema* que, depois de passar a *urupemba*, sofre aferese do *u* ficando *rupemba*, com *r* inicial bran-

do. Como essa é a prosódia tupi do *r*, talvez interessasse o fenómeno aos que apontam a lingua indigena como modificadora notavel do português do Brasil.

123. *Sincope*. A dificuldade de pronunciar o proparoxitono alargou de maneira notavel o emprego dessa figura. Temos assim *poiva*, e *porva*, *prinspe*, *casca*, *fêssô*, *pife*, *poliça*, *cabôco*, *aua*, *aquetá (r)*, *embraçá (r)*, *braiá (baralhar)*, *rife*.

Óleo de ricino é ólho de rizo. A palavra seguiu caminho normal: *ricino* > *rizino* > (cof. *medicinam* > *meizinha*, *vicinum* > *vizinho*, *rationem* > *razão*) *rizio* > *rizo*. A semivogal nos ditongos finais *io*, *ia* simplifica-se sempre em *o*, *a*. (Vide o numero 77).

124. *Apócope*. Não é necessario tornar a citar os casos de apócope do *r* e *l*, phenomeno geral no nordeste. (Vide os numeros 13-87). Na frase *vamos embora* a primeira palavra sofre apócope, e aparece sempre ligada, numa só expressão: *vambora*; *não é?* interrogativo transforma-se em *né?*

A tendencia a evitar o proparoxitono provoca outros casos de apócope: *refem* = *referente*; *hipote* = *hipotese*; *ridico* = *ridiculo*.

Um caso de apócope interessante, e em que ha tambem aférese é o resultado da expressão *por amor de*, tão de uso no velho português e ainda hoje empregada cotidiana e intensamente pelo povo.

Por amor de transformou-se em *pru móde*, ou somente *móde* ou *môde* e significa *por causa de*:

Quero mal a gente besta
Móde a besteira que tem
Vê a gente mangá dela
Já cuida que é querê bem.

Pedro Nonato — “Cantadôres”, L.
Mota, 95.

e tambem quer dizer *para, afim de*:

E lóvo até o joeio
Que é dela se ajoeiá,
Quando chega nas igreja
Fazendo o Pelo Siná,
Passando o dedo na testa,
Móde o cão não atentá.

“No tempo de Lampeão”, 196.

125. *Protese*. E’ a figura oposta á aferese, e, como ela, comunissima: *amuntá(r)*, *avexame*, *incolocá(r)* *desafastar*, *apois*, *descontratempo*.

“O alpendre estava cheio de gente. *Desapeá--mos* e uma moça”...

“Menino de engenho”, 17.

126. *Epentese*. Pela dificuldade de pronunciar os grupos consonantais, o matuto nordestino intercala entre as duas consoantes uma vogal epentetica.

E' a *paréctase* que já nos veio do latim. Não só o matuto; as classes cultas empregam largamente esse processo de simplificação da prosodia.

Dizem, por exemplo, *adevogádo*, *néquiso*, *estiguima*, *Edigar*, *abisolúto*. E o matuto: *fulo-rá* (*r*), *impêleitada*, *ixpilicá* (*r*), *dificulidade*, *iri-mão*, *infuluença*, *liquilidá*. (Vêr o n. 105).

127. *Paragoge*. E' raro o acrescentamento de som no fim das palavras. O adverbio *somente*, entretanto, é pronunciado entre o povo *somentes*. Da mesma maneira ouve-se *reis* e *bondes* em vez de *rei* e *bonde*.

O home que rapa a crôa
Ou é padre ou frade ou *rêis*.

Jacob Passarinho — “Cantadôres”, 52.

Tirei o côco do cacho
Quebrei nas unha do pé...
S. Francisco é *rêis* crôado
Na Matriz de Canindé.

Pedro Nonato — “Cantadôres”, 95.

128. *Metatese*. A extrema mobilidade do *r* fa-lo mudar frequentemente de lugar, em metateses, tal como se deu no português: *ditriminá(r)*, (*determinar*) *porteção*, *expromentá(r)* *prefume*. (Vide o numero 57).

129. *Hipertese*. *Ciloura*, *trigue*, *largatixa*, *triato*, *bicabornato* são casos comuns de hipertese.

130. *Nasalação*. Quando a sílaba inicial de uma palavra é constituída por uma vogal isolada, ha uma tendencia evidente para o nasalamento dessa vogal: *Intalia*, *inlogio*, *inleição*, (como no português arcaico) *inguá(l)*, *inlustre*. Também ha nasalação em *gunverno*, *inguinorante*, etc. (Vide numero 45).

131. *Desnasalação*. *Semvergonha*, passou a *severgonha* que tem também o masculino *severgonho*.

“E numa ultima expansão de autoridade: —
Sévergonho”!

José Americo de Almeida — “Baga-
ceira”, 163.

GENERO

132. Em materia de Genero, Numero e Grau, as classes cultas seguem à bôa lingua. As concordancias são as que determina a gramatica, nem perpetam os solecismos vulgares e habituais do povo iletrado. Apenas ha umas singularidades na formação dos Graus, que são comuns a uns e outros.

O povo tem, sim, uma maneira propria de construir a frase e uma concordancia particular, profundamente diversa da portuguesa.

Ha porem um rumo logico dentro da modificação dialetal. A mentalidade primitiva do povo iletrado exige um vocabulario reduzido, em harmonia com o seu horizonte limitadissimo.

Ele joga com os seus poucos elementos linguísticos no sentido de simplificar e atenuar o esforço da memoria.

400 anos de abandono, sem assistencia social de qualquer natureza, fechados no isolamento de suas grótas e de sua ignorancia, foram tempo suficiente para que os matutos constituíssem o seu linguajar, com carateristicas proprias e uma gramatica consuetudinaria a que todos obedecem.

133. Ha perfeita concordancia de genero entre o adjetivo e o substantivo. Quando aparece discordancia, é que o dialeto alterou o genero do substantivo da lingua culta. *Trigue*, forma popular de *tigre*, por exemplo, é feminino.

Os bichos todo se amansa:

As cobra, *as trigue*, os lião. . .

“Fulóreios”, 67.

O matuto não diz “as creança tavam tudo queto”, como o caipira paulista, na observação de Amadeu Amaral (32).

A frase aqui será: “os minino tava tudo queto” ou “as minina tava tudo queta”. *Creança* é palavra desconhecida do povo e pouco vulgar na linguagem cotidiana das classes cultas. *Menino* (pro. *minino*) é o que todos usam. Na antiga

(32) Amadeu Amaral — “O dialecto caipira”, pg. 51.

lingua, aliás, *creança* era o fruto daquilo que se criava, o que hoje no nordeste se chama *criação*.

Leoni (33) trata do caso e dá os seguintes exemplos: “Quiz saber como as tiravam (as adens) e disseram-me ser de uma de duas maneiras. No verão mettendo dois ou tres mil ovos no esterco, e com a quentura do tempo e do esterco sahem as *creanças*”. Fr. Gaspar da Cruz, Tract. da China C. 9.º.

“Mulheres, meninos, *creanças* e enfermos” — Vieira, Cart., tomo 2.º, c. 20, pag. 20.

Parece, pois que o desuso da expressão *creança* no sentido de *menino*, prende-se á linguagem do seculo XVI.

134. Ao povo, o substantivo uniforme apparece como uma aberração. Sua mentalidade primaria só comprehende os seres divididos entre os dois sexos. E' ainda a necessidade de clareza e simplificação.

Da mesma forma que dá genero masculino e feminino aos substantivos, flexiona os adjetivos que na lingua culta são uniformes.

(33) Francisco Evaristo Leoni, “Genio da Lingua Portugueza”, I, pg. 182.

Monstro tem assim o feminino *monstra*; *severgonha* faz *severgonho*. (Vide o numero 131.)

Exprimem a admiração por um homem valente chamando-o “um cabra macho”. Pois uma mulher valente, resoluto, será “*uma bicha macha*”, sem que haja menosprêzo, antes reforço de admiração nas palavras *cabra* e *bicha*.

Diabo tem o feminino *diaba*:

“Deixa-te está, *diaba*, que eu munto breve tenho fé em Deus”...

“No tempo de Lampeão”, 201.

Qualquer fruto é *fruta*, no feminino.

A *ladrao*, corresponde *ladrona*.

Tapa, que no sul do país é masculino, é feminino entre os matutos.

NUMERO

135. O numero, no dialeto nordestino, é indicado apenas pelo determinativo. O substantivo e o adjetivo qualificativo, quer estejam no singular, quer no plural, conservam forma invariável, que é a do singular, com as transformações da fonética dialetal.

Essa uniformidade simplifica extraordinariamente a linguagem matuta: *o home, os home, o rio, os rio, o pão, os pão, o patrão, os patrão, a vêi, as vêi, o inguelei* ou *o ingrei, os inguelei* ou *os ingrei, o mêi, os mêi, dois mi rei, vinte mi rei*. Não se procure assim explicar qual o processo fonetico que transformou *inglese*s em *inguelei* ou *meses* em *mêi*. Essa transformação se deu no singular; *de inglês* e *mês* é que surgiram *inguelei* e *mêi* (v. numeros 18 e 105).

E' o fenomeno mais pessoal e frisante do dialeto popular. Essa ausencia de flexão nominal

vai completar-se com a abolição das flexões verbais para dar o cunho característico da concordância linguística do matuto.

Tostão é biforme; conserva também a flexão do plural: *um tustão, doistõe, trestõe, seistõe, deistõe*. O *s* de *tustão, doistõe*, etc. vale *x*. Creio que será esse o único caso de flexão do nome plural, no dialeto.

O *s*, característico do plural português, desaparece inteiramente do final das palavras, mesmo quando elas o tenham no singular, como *lapis* e *pires*. Assim, diz-se *dois pire, cinco lape*.

136. Por uma curiosa oposição á regra geral, *rei*, no singular, é *reis* (*pron. reix*), *bonde* é *bondes*, *lei* é *leis*. (V. n.º 127) sem que essas exceções alterem a universalidade do fenómeno.

O *s* persiste também, sempre medial, nas locuções esteriotipadas: *bons ano* = *bonzano*, *mais mió*, *mais pió*, *mais maió*. A posição proclítica do qualificativo justifica a forma com *s*; confunde-o com o determinativo. Quanto ao aumentativo, ha uma aproximação psicologica entre ele e a idéa de pluralidade; além disso, a posição e a função do determinativo *mais* impõem a pronuncia do *s*, confirmando assim a regra.

Diz Antenor Nascentes referindo-se á lingua popular do Rio de Janeiro, que o *s* indicativo da pluralidade só permanece nos determinativos por uma necessidade psicologica, porque sem isso nada ficaria para indicar essa pluralidade (34).

E' o mesmo que acontece aqui. Não houvesse essa necessidade de indicar o plural, e poderíamos afirmar que o dialeto nordestino não tinha palavra terminada em consoante.

Só o determinativo, pois, indica o plural, e o *s* final só permanece nesse caso.

Si perguntarmos a um matuto quantos filhos tem, elle responderá: *dôî*. Poderá porem acrescentar: *dois fio já dá trabaio munto*. No segundo caso, *dois* é o adjetivo numeral que exige o sinal de pluralidade, o *s*.

Esse *s*, pois, não é enunciado porque haja noção de sua presença na palavra portuguesa, mas porque a estrutura da frase obriga a sua pronuncia, visto ser determinativo e indicar a pluralidade.

(34) Antenor Nascentes — "O linguajar carioca em 1922", pg. 49.

GRAU

137. Dá-se com a gradação dos adjetivos curioso fenomeno de contagio. Não se emprega, em geral, a forma analitica, nem tambem a sintetica, de origem latina: combinam-se as duas. E' a tendencia simplificadoradora do dialeto em luta com o exemplo das pessoas bem falantes.

Diz-se *mais mió, mais maió, mais pió, mais menó*.

Das formas *bom, grande e pequeno*, ainda persistem as duas ultimas, *mais grande e mais pequeno*, ao lado de *mais maió, e mais menó*.

A palavra usual é *ruim* em vez de *mau*: *mais ruim*.

138. O superlativo é sempre analitico: *muito bom, muito grande, muito ruim*. *Muito máu* não se emprega nunca.

Já existe, entretanto, contagio entre a forma analitica e a sintetica do superlativo. *Muito otimo*

e *muito pessimo*, tenho ouvido de matutos e até de pessoas da cidade que vivem em meios cultos. Só os adjetivos *bom* e *mau* oferecem, porem, essa particularidade de gradação.

E' comum tambem ouvir de pessoas cultas, *mais inferior* e *mais superior*. Os matutos nunca empregam esta combinação.

Ha uma forma de superlativo sintetico muito usada: *grandessissimo*. Tem entretanto especialização de emprego; serve somente para reforçar um desafôro, para elevar um insulto ao mais alto grau: *grandessissimo malcreado*, *grandessissimo burro*. *Grande* tem tambem outro superlativo, formado com o sufixo de aumento: *grandão* e ainda *grandalhão*, com os femininos *grandona* e *grandalhona*. *Maximo*, *minimo*, *infimo* são desconhecidos dos matutos.

Coisa tem superlativo na frase *coisissima nenhuma* = *mesmo nada*.

139. O aumentativo e o diminutivo fazem-se com os sufixos *ão*, *ona*, *inho*, *inha*. *Ito*, *ita*, *ico*, *ica* são desconhecidos.

Alguns nomes proprios usados com esses diminutivos, por exemplo, *Marica*, *Manéco*, *Tonico*,

Néco, Maróca, perderam esse carater e aparecem apenas como apelidos familiares.

Quando o matuto quer usar o diminutivo, emprega o sufixo *inho*: *Manézinho, Toinho, Mariquinha*.

A idéa de diminuição repete-se pela junção de dois e até tres sufixos: *pequenininho, pichititinho* e até *bem pequenininhosinho*. Além de tres sufixos de diminuição ha ainda o reforço de *bem* que é uma forma usual de intensificar o grau.

140. Aos adverbios atinge tambem a flexão diminutiva e quando assim acontece sofrem uma diminuição de intensidade na sua significação: *pertinho é muito perto, baixinho é muito baixo, agorinha é logo, já, imediatamente*.

Não se conhece a expressão *logo mais* que no Rio equivale a *mais tarde*. Isso provoca mesmo frequentes equivocos, pois, no nordeste, só se emprega *logo* no sentido de *imediatamente*; *mais tarde* é que traduz o *logo mais* carioca.

PRONOMES

141. Na lingua matuta, os pronomes de 2.^a pessoa mais usados, em ordem decrescente, são: *tu*, *você* e *vós*.

As classes cultas, familiarmente, só empregam *você*.

O verbo na 2.^a pessoa empresta á conversação, aqui, um tom postiço e falso, de enfase e presunção.

Não conhecemos, por isso mesmo, o erro tão vulgar em que incorrem os cariocas: o emprego simultaneo da 2.^a e 3.^a pessoas numa mesma frase. Quanto ao povo, tambem não é tentado ao hibridismo de tratamento, pois, pela uniformização das flexões verbais, a 2.^a e a 3.^a pessoas teem uma só forma: *tu vai*, *você vai*, *tu lóvava*, *você lóvava*.

Ainda essa identidade de formas verbais terá influido para o uso vulgar de *tu* na conversação popular.

E' curiosa a persistencia, entre o povo, do tratamento familiar na segunda pessoa do plural.

Já li que, no Brasil, só em S. Paulo restava esse uso. O povo de Alagôas e Pernambuco, porém, emprega também o *vós* no tratamento cotidiano, conservando o verbo, entretanto, na 3.^a pessoa do singular. A poesia popular confirma esse emprego:

Um moço assim que nem *vós*
E' pra subi num andô...

.

Agora *vós* que sois home,
Pague o tributo de amô...

Anselmo Vieira — "Cantadôres", 207.

Quando *vós* entrou na Igreja,
O padre abriu os Missá...

.

Quando *vós* chega zangado
Ella pergunta o que é.

Idem, 210.

Nossa Senhora lhe pague
Jesus lhe queira valer
Da tentação do Maldito
Quando fôr pra *vós* morrêr.

Cantiga de cego — "Violeiro do Norte", 19.

142. As pessoas que vivem em contacto directo com o povo, mesmo quando sejam de nível superior, sofrem muitas vezes o contágio do tão vulgar tratamento na 2.^a pessoa do singular.

E' comum ouvir de senhores de engenho, fazendeiros, comerciantes, o emprego do preterito do indicativo na 2.^a pessoa, com a flexão dialetal: "João, *tu fizesse* o serviço? Faz isso depressa, *uvisse?*"

Essa forma verbal — é fato facilmente verificavel — está alargando seu campo de emprego, já invadiu a zona das cidades, já é ouvida até na boca de pessoas relativamente instruidas.

O seguinte passo exemplifica os dois casos: o uso de *vós* e o emprego da forma dialetal da 2.^a pessoa do singular.

Vóis me chamasse mixtiço

Feio, xujo, sem valô...

M. Nacre — O. C., 99.

143. *Nos* e *vos* obliquos não são empregados pelo povo. *Nos* é substituido por *a gente*; *vos* por *vocês*. *Contigo* é forma desconhecida; *comigo* é pouco usada.

E' mais frequente ouvir *cum eu*, *cum tu* ou *cum você*, e tambem — o que é mais usual — *mais eu*, *mais tu*, *mais você*.

Laiga, nêga, de maliça,
Eu penso im casá *cum tu*?

“Fulôreios”, 20.

Passarim avôe mais baixo
Quando ocê cantá *mais eu*...

Cego Aderaldo — “Cantadôres”, 71.

VERBOS

144. A analogia exerceu uma profunda ação niveladôra na conjugação matuta. O dialeto que, como temos visto, vem reduzindo e simplificando a linguagem, colocando sua gramática no nível das suas elementares necessidades de expressão, teria que modificar de maneira notável o quadro das flexões verbais.

A simplificação atingiu a pessoas e tempos, mas sobretudo a pessoas, ficando reservado quasi que só aos pronomes o papel de as determinar.

INDICATIVO

PRESENTE

<i>1.ª conj.</i>	<i>2.ª conj.</i>	<i>3.ª conj.</i>
S. Eu lóvo (louvo)	S. Eu dêvo	S. Eu parto
Tu lóva	Tu déve	Tu parte
Ele lóva	Ele déve	Ele parte

P. Nós lóva	P. Nós déve	P. Nós parte
Vós lóva	Vós déve	Vós parte
Eles lóva	Eles déve	Eles parte

PRETERITO

S. Lóvei	S. Divi	S. Parti
Lóvasse	Dêvêsse	Partisse
Lóvou	Dêveu	Partiu
P. Lóvemo	P. Devemo	P. Partimo
Lóvasse	Devêsse	Partisse
Lóváro	Devêro	Partiro

FUTURO

Não é usado. Em seu lugar emprega-se o presente do indicativo. Em vez de *irei amanhã*, diz-se sempre *vou amanhã*. O presente imprime maior vigor á expressão. Já é fato da lingua; vai notado aqui porque deixou de ser uma opção para tornar-se regra, maneira unica de dizer.

PRETERITO IMPERFEITO

S. Lóvava	S. Divia	S. Partia
Lóvava	Divia	Partia
Lóvava	Divia	Partia
P. Lóvava	P. Divia	P. Partia
Lóvava	Divia	Partia
Lóvava	Divia	Partia

CONDICIONAL

E' substituído sempre pelo imperfeito do indicativo. E' processo geral já registado nas gramáticas.

PRETERITO MAIS QUE PERFEITO

Desconhecido na lingua do povo.

Aparece contudo em frases ossificadas: "quem me *déra* que o assúca *désse* preço!", "*tomára* te *pegá* de novo *róbando*".

O tempo perde nos casos acima a significação do seu valor real, e até o sentido do verbo, por vezes, é diferente do verdadeiro.

IMPERATIVO

PRESENTE

S. Lóve (você)	S. Dêva (você)	S. Parta (você)
P. Lóve (vocês)	P. Dêva (vocês)	P. Parta (vocês)

SUBJUNTIVO

PRESENTE

S. Eu Lóve	S. Dêva	S. Parta
Tu lóve	Dêva	Parta
Ele lóve	Dêva	Parta
P. Nós lóve	P. Dêva	P. Parta
Vós lóve	Dêva	Parta
Eles lóve	Dêva	Parta

PRETERITO IMPERFEITO

S. Lóvasse	S. Dêvesse	S. Partisse
Lóvasse	Dêvesse	Partisse
Lóvasse	Dêvesse	Partisse
P. Lóvasse	P. Dêvesse	P. Partisse
Lóvasse	Dêvesse	Partisse
Lóvasse	Dêvesse	Partisse

FUTURO

S. Lóvá (r)	S. Devê (r)	S. Partir (r)
Lóvá	Devê	Parti
Lóvá	Devê	Parti
P. Lóvá	P. Devê	P. Parti
Lóvá	Devê	Parti
Lóvá	Devê	Parti

PRESENTE IMPESSOAL

Lóva (r)	Devê (r)	Parti (r)
----------	----------	-----------

PARTICIPIO PRESENTE

Lôvano	Dêveno	Partino
--------	--------	---------

PARTICIPIO PASSADO

Lóvado	Devido	Partido
--------	--------	---------

Não existem os outros tempos.

145. Nos verbos irregulares continúa a ação da analogia. A exigencia da economia fisiologica que identificou quasi numa forma unica as varias

pessoas de cada tempo faz empregar o mesmo processo dos verbos regulares nos que o não são, dando assim regularidade flexional aos tempos, irregulares embora pela sua formação.

146. DIZER:

INDICATIVO

<i>Presente</i>	<i>Preterito</i>	<i>Imperfeito</i>
S. Eu digo	S. Dixi (x = ch)	S. Dizia
Tu dîi (hiato)	Dixesse	Dizia
Ele dîi	Dixi	Dizia
P. Nós dîi	P. Dixemo	P. Dizia
Vós dîi	Dixesse	Dizia
Eles dîi	Dixéro	Dizia

Imperativo

Dii ou Diga

SUBJUNTIVO

<i>Presente</i>	<i>Pret. mais que perf.</i>	<i>Futuro</i>
S. Diga	S. Dixesse	S. Dixé
Diga	Dixesse	Dixé
Diga	Dixesse	Dixé
P. Diga	P. Dixesse	P. Dixé
Diga	Dixesse	Dixé
Diga	Dixesse	Dixé

TRAZER

<i>Presente</i>		<i>Preterito</i>		<i>Imperfeito</i>
S. Trago	S.	Truve e truxe (x=ch)	S.	Trazia
Trai		Truvésse e truxésse		Trazia
Trai		Trouve e trouxe		Trazia
P. Trai	P.	Truvemo e truxemo	P.	Trazia
Trai		Truvésse e truxésse		Trazia
Trai		Truvéro e truxéro		Trazia

INDICATIVO

<i>Presente</i>		<i>Pret. mais que perf.</i>		<i>Futuro</i>
S. Traga	S.	Truvésse e truxésse	S.	Truvé e truxé
Traga		Truvésse e truxésse		Truvé e truxé
Traga		Truvésse e truxésse		Truvé e truxé
P. Traga	P.	Truvésse e truxésse	P.	Truvé e truxé
Traga		Truvésse e truxésse		Truvé e truxé
Traga		Truvésse e truxésse		Truvé e truxé

148. VERBOS AUXILIARES:

INDICATIVO

PRESENTE		
S. Eu tenho	S. —	S. Eu sou
Tu tem	Tu hai	Tu sois
Ele tem	Ele hai	Ele é
P. Nós tem	P. Nós havemo	P. Nós semo
Vós tem	Vós hai	Vós sois
Eles tem	Eles hai	Eles são

PRETERITO

S. Tive	—	S. Fui
Tivésse ou tève	—	Fôsse ou foi
Têve	—	Fôï
P. Tivemo	—	P. Fumo
Tivésse	—	Fôsse
Tivéro	—	Fôro

PRETERITO IMPERFEITO

S. Tinha	S. haverá	S. Era
Tinha	haverá	Era
Tinha	haverá	Era
P. Tinha	P. haverá	P. Era
Tinha	haverá	Era
Tinha	haverá	Era

O imperfeito do verbo *haver* tem essa função e a do imperfeito do condicional.

IMPERATIVO

Tem (35)	—	—
----------	---	---

SUBJUNTIVO

PRESENTE

S. Tenha	haja (36)	S. Sêje
Tenha	—	Sêje
Tenha	—	Sêje
P. Tenha	—	P. Sêje
Tenha	—	Sêje
Tenha	—	Sêje

(35) Usado na frase *tem mão*.

(36) Nas frases "chuva haja"; "dinheiro haja" e equivalentes.

PRET. MAIS QUE PERFEITO

S.	Tivesse	—	S.	Fôsse
	Tivesse	—		Fôsse
	Tivesse	—		Fôsse
P.	Tivesse	—	P.	Fôsse
	Tivesse	—		Fôsse
	Tivesse	—		Fôsse

FUTURO

S.	Tivé	S.	Havé	S.	Fô
	Tivé		Havé		Fô
	Tivé		Havé		Fô
P.	Tivé	P.	Havé	P.	Fô
	Tivé		Havé		Fô
	Tivé		Havé		Fô

INFINITO

PRESENTE

Tê	Havê	Sê
----	------	----

PARTICÍPIO PRESENTE

Teno	Haveno	Seno
------	--------	------

O verbo *haver* é usado no indicativo presente e imperfeito, no infinito e às vezes no futuro do subjuntivo. E' substituído geralmente pelo verbo *ter* que lhe usurpou as funções.

No capítulo sobre syntaxe falaremos dessa substituição.

149. No Rio, segundo observação de Antenor Nascentes, (37) diz-se *fêcho*, *fêchas*, etc. Aqui no nordeste, todos, cultos e incultos, pronunciam *fêcho*, *fêchas* etc. No Rio, *enxêrgo*, *enxêrgas*, *enxêrgam*. Aqui *enxérgo*, *enxérgas*, *enxêrgam*. No Rio, *parêces*, *parêce*, *dêves*, *dêve*. Aqui *parêces*, *parêce*, *dêves*, *dêve*.

Todas as palavras que teem na penultima sílaba vogal seguida de nasal, sôam na capital brasileira com a vogal fechada; aqui a nasal estende a sua influencia até a vogal. Aliás, como já foi visto, o nasalamento é fato de larga extensão no dialeto. Diz-se assim no Rio: *apânho*, *châmo*, *âmo*, *tômo*, *tômam*, *tômem*, *gême*, *gêmem*, *côme*, *cômes*, *cômem*. Aqui, *apãinho*, *chãmo*, *ãmo*, *tômo*, *tômam*, *tômem*, *gême*, *gemem*, *côme*, *cômes*, *cômem*.

150. Ha entretanto coincidências dialetais. Lá, como aqui, as classes iletradas dizem: *avéxo*, *avéxas*, *agóro*, *róbo*, *estóro*, em vez de *agouro*, *roubo*, *estouro*.

Sáudo, *embanho*, por *saúdo*, *embaíno*. *Sôo*, *vêve*, *desêste*, *arresêste*, *entópes*, em vez de *suo*, *vive*, *desiste*, *resiste*, *entupes*.

(37) Antenor Nascentes — "O linguajar carioca em 1922", pg. 52.

Como aqui, existe lá a mesma confusão entre os verbos em *iar e ear; contrareio, copeio, vadeio, alumeio, vareio*.

Essa confusão não é de espantar, desde quando, na propria lingua culta, a indecisão vai attingindo varios verbos em *iar* que ora se conjugam regularmente, ora tomam um *e* antes do *i*, quando sobre a ultima vogal do termo recairia a tónica.

O verbo *vexar* no Rio, conserva o sentido verdadeiro de *maltratar, molestar, humilhar, envergonhar, afligir*. Aqui, porem, significa *apressar*. *Vexame*, pois não é *aflicção* e sim *pressa*.

Nessa acepção é a palavra usada por todos.

151. Como vimos em nota ao verbo *têr*, encontra-se o imperativo *tem*, na frase *tem mão*. Esse imperativo é usado sem o conhecimento de sua função, é forma estereotipada. Como ele ha outros: *anda, sai, corre*. O imperativo plural nem mesmo esse uso inconsciente tem mais.

Por analogia com *sêje*, ha as formas *estêje* e *vêje* de *estar* e *vêr*.

LEXICOLOGIA

152. A variedade dialetal do nordeste tem triplice origem: 1.º *O português arcaico*. É a contribuição da língua introduzida no século XVI, com o descobrimento e que deixou enquistadas no falar do povo inúmeras palavras e expressões hoje arcaicas no português.

2.º *A derivação e a composição dialetais*. O dialeto herdou do português essa faculdade genial de enriquecimento pela tematologia.

3.º *A contribuição estrangeira*. O tupi e as línguas africanas enchem esse quadro dialetal com uma quantidade enorme de termos que dizem respeito à geografia, fauna, flora e também a usos e costumes.

153. Ao surgir do século XVI, em plena febre dos descobrimentos, excitado o natural espírito de aventura pelas notícias de riquezas fa-

ceis e fabulosas nas regiões longinquas de além mar, hespanhóis e portugueses encontravam-se no oceano, acicatados pelo mesmo empenho e pela mesma ambição. Quasi em tempo igual, tocavam terras da America do Sul, Alonso de Hojeda, Vicente Ianez Pinzon e Pedro Alvares Cabral.

Portugal, porém, fascinado pelos esplendores da India, pouca importancia deu ao descobrimento de Cabral; entretanto, já em 1526, o reino recebia direitos por assucar de Pernambuco.

Dividido o Brasil em capitánias, enquanto nas do sul a ambição do lucro facil impelia os colonos ás aventuras perigosas das caças de indios, das lavras e da procura de metais preciosos, Duarte Coelho, em Pernambuco, confiava ao assucar o progresso de suas terras e o aumento de seus haveres.

O ouro e a prata que o Perú e o Mexico despejavam na Hespanha, aguçavam a cubiça de D. João III e ele insistia para que fossem procurados esses metais. Duarte Coelho adiando sob varios pretextos as expedições, montava engenhos e incentivava o cultivo da cana e do algodão, distribuindo sesmarias aos seus colonos.

Enquanto as demais capitánias, á exceção de

S. Vicente, se afundavam na anarquia e em desastres sem conta, Pernambuco, com a sua prosperidade radicada ao sólo, caminhava á testa de todas.

Nem mesmo o pau-brasil tão abundante em suas terras tentava a cobiça do donatario.

Em repetidas cartas ao rei, queixava-se da desordem que implantavam entre seus colonos as constantes náus que tocavam no Recife para o commercio daquela madeira: — distraia-os do seu labôr agricola.

Somente depois que verificou a nenhuma importancia que suas queixas mereciam, é que, em 1549, impetrou de D. João III, licença para exportar tres mil quintais de pau-brasil por ano.

Como não podia impedir aquele commercio perturbador da tranquila faina agricola, queria ao menos ser o beneficiado com ele, já que em suas terras era feito.

Em pouco tempo desenvolveu-se uma notavel população européia em Pernambuco. De outros pontos do país, atraídos pelas noticias de sua prosperidade acorriam muitos colonos e quando D. João III, no desejo de fazer reverter á corôa as capitancias, tirava aos donatarios grande nu-

mero das prerogativas de que gosavam, Duarte Coelho foi excetuado da medida.

Segundo documentos da época, ainda não findára o seculo XVI e já Pernambuco contava uma grande população fixa.

“Olinda tinha em 1580 setecentas casas de pedra e cal, edificios publicos, principalmente conventos e Templos, entre os quais se distinguia pela brilhante vista de que goza e pela magnificencia com que foi construido o Collegio dos Jesuitas (fundado a custas d’El Rei D. Sebastião) onde se ensinavam bellas lettras aos Pernambucanos e tambem aos indios convertidos que mostravam algum talento. Mais de 20 engenhos de assucar nos quaes se empregavam (além de 20 a 30 homens em cada um para defende-lo) quatro a cinco mil escravos Africanos” (38).

“Neste tempo já haviam estabelecimentos mais ou menos consideraveis desde Olinda até o rio de S. Francisco” (39).

Em 1584, Fernão Cardim na “Narrativa epistolar” entre os adjetivos de admiração pela ri-

(38) Fernandes Gama — “Memorias Hist. da Prov. de Pernambuco”, I — pg. 140.

(39) Ibidem, I — 141.

queza, luxo e ostentação de Pernambuco, que o fazem afirmar... “em Pernambuco se acha mais vaidade que em Lisbôa”, diz que “tem 66 engenhos que cada um é uma bôa povoação” (40).

Nem poderia deixar de ser, pois, isolados pelas distancias e numa época de poucos recursos para casos de emergencia, tinham os senhores de engenho de estar preparados para bastarem-se a si proprios.

D. Domingos do Loreto Couto, em “Desagravos do Brasil e Glorias de Pernambuco” diz que para um engenho de 1500 pães de assucar eram necessarios 60 homens para o manejo de toda a fabrica e 60 bois mansos para a almanjarra. Havia ainda carpinteiros, ferreiros, pedreiros, caldeireiros. “O mestre de Açucar ganha todos os dias 640 rs. e o Banqueyro 320 rs. Todos os engenhos têm capella e muitas sumptuosas Igrejas, com patrimonio nos mesmos engenhos, que fizeram seus primeiros fundadores.

Ao Padre Capellão paga o Senhor de Engenho sessenta arrobas de açúcar branco, e se lhe

(40) Fernão Cardim — “Tratados da Terra e Gente do Brasil, narrativa epistolar”, — pgs. 334 e 335.

faz outras conveniências para administrar os sacramentos aos vezinhos” (41).

[No governo de Nassau funcionavam 120 engenhos, tendo parado por efeito da guerra, 46.

Pelo sertão estendiam-se as fazendas de criação, os currais de gado.

Em Alagôas, segundo o testemunho dos holandezes Johannes von Walbeeck e Henrique Moucheron, “se comprehendem os campos de Inhaú, situados no rio de S. Miguel que passa de per-meio. São conhecidos esses campos como os mais bellos de todo o Brazil.

Antes da guerra existia ahi incrível copia de gado.”

Nassau, em seu relatorio á Comp. das Indias Ocidentais, datado de 14 de Janeiro de 1638, confirma que é “deste districto (de Alagôas do Sul) que toda a parte setemptrional do Brazil tira quase todo o gado de que necessita, tanto para o córte, como para o trabalho de engenho e carro.”

Já antes, em 1630, Adriano Verdonck, em memoria apresentada ao Conselho Politico do Brazil, falando de Alagôas, diz que “... ainda neste

(41) D. Domingos de Loreto Couto — “Desagravos do Brazil e Glorias de Pernambuco”, pg. 176.

lugar existe grande quantidade de bois e vaccas por causa do excellente pasto, de sorte que, por este motivo os moradores possuem muito gado que é a sua principal riqueza e constitue a melhor mercadoria destas terras e com a qual mais se ganha devido á sua rapida multiplicação”.

Assim, apesar das noticias vindas do Sul, portadoras de nóvas de minas e de ouro, Pernambuco não abandonou a lavoura nem a criação, e foi a grande força consolidadora do solo que formou o alicerce de sua prosperidade.

O engenho tinha todos os elementos para exercer uma função centralizadora constante e eficiente.

A fabrica prendia e fixava o ferreiro, o pedreiro, o artista reinól, os lavradores reinões, o proprio senhor de engenho, que fazia da casa grande o centro do seu mundo; a igreja e o Capeão asseguravam ao nucleo humano, ao lado dos recursos materiais, os espirituais.

O elemento portugûes não ficou preso á orla do litoral: internou-se na mata, desbravou-a; ganhou os sertões, multiplicou os currais de gado; descobriu o sólo, fixou-se nele, a principio pelas raizes poderosas do interesse, pois cada engenho

custava naquela época cerca de dez mil cruzados, ao depois por amor á terra generosa que pagava com cem por cem o esforço dos seus cultivadores.

Desde Penedo até Itamaracá, da Borborema até o S. Francisco, pelo sertão, espalhou-se o empenho colonizador do português.

Penêdo, S. Miguel de Campos, Alagôas, S. Luzia do Norte, Porto Calvo, Rio Formoso, Serinhãem, Iguarassú, foram outros tantos nucleos de onde se irradiava a força de expansão que ia produzir frutos nos engenhos vizinhos.

Enquanto nas outras capitánias, pela minoria da população européia, a *lingua geral* era a usada no intercambio comum (42), tendo o colono de aprende-la para as suas necessidades de aventureiro, em Pernambuco, bem cedo, o indígena foi obrigado ao uso do português.

E' que nos engenhos, onde a ferocidade do caeté era dominada na escravidão dos rôçados

(42) "Até o começo do século XVIII, a proporção entre as duas linguas faladas na colonia era, mais ou menos de três para um, do tupy para o português. Em algumas capitánias, como a de S. Paulo, do Rio Grande do Sul, do Pará-Amazonas, onde a catechese mais influuiu, o tupy prevaleceu por mais tempo ainda. Nas duas primeiras falava-se entre os homens do campo, a *lingua geral* até o fim do século XVIII".

Rocha Pombo — "Rev. de Philologia e Historia", Tomo I, pg. 426.

de cana e de mandioca, o elemento português em numero bem elevado, teve pontos de resistencia para a projeção civilizadora de sua linguagem.

Os indios selvagens tinham sido rechassados para o sertão. Naquela época, dizia o padre Cardim: “os indios da terra são já poucos”.

Ligado ao sólo, radicado na estabilidade das plantações, com o numero sempre elevado de agregados e auxiliares reinóis, o senhor de engenho irradiava de uma maneira constante e sistemática, o elemento dominador do seu trabalho e de sua lingua.

O encadeamento de engenhos, ao longo de toda a capitania, estabeleceu zonas de influencia permanentes, obrigando ao uso do português. Nas capitanias do sul, onde dominava o espirito de aventura, onde o europeu não se fixava ao sólo, a lingua não tinha esses nucleos de onde se expandisse uma força constante, capaz de absorver o tupi.

Só mais tarde, veio a acontecer o que logo de principio houve em Pernambuco: o elemento português, em maior numero, dominou e venceu o indigena, formou centros de população no interior e impôs sua lingua.

154. Enquanto no Brasil, a distante colônia quasi esquecida, ao calor das lutas contra o selvagem e contra a terra, a tenacidade portuguesa formava uma nação e criava uma raça amassada com três sangues, de três continentes, na metropole, a lingua passava por uma transformação radical.

Desde o seculo XII até o XVI tinha caminhado ao sabor das correntes populares, sem codificação, sem regras, sem gramatica.

Os letrados, pela falta de uma norma fixa de escrita, multiplicavam os sincretismos ortograficos que, junto aos morfologicos davam ao português arcaico aquele aspecto de confusão e desordem que o caracteriza.

Nos principios do seculo XVI apareceram as primeiras gramaticas. A lingua entrou numa fase de policiamento e de correção, para atingir, logo depois, o periodo aureo do quinhentismo.

O filão humanistico, o fôgo sagrado do amor ás letras, conservado nos conventos durante a Idade Média, rebentou em florações de entusiasmo pelas letras gregas e latinas.

O Renascimento italiano em pleno triunfo, es-

tendendo-se por toda a Europa, veio alcançar seu maior esplendor em Portugal naquele seculo.

Esse movimento reformador da lingua, movimento literario e que só aos poucos se iria infiltrando nas camadas populares, começou com Sá de Miranda, que chegava a Portugal em 1526, de volta da Italia, onde ao contacto do renascimento artistico, afeiçoára a ele seu espirito.

O povo, porem, falava a lingua que a literatura do seculo XV documentava, literatura que, segundo Leite de Vasconcelos, se estendeu até metade do seculo XVI.

Os portuguezes que descobriram e povoaram o Brasil, não falavam pois a lingua enriquecida pela Renascença, mas a rude lingua arcaica, eivada de indecisões.

Era essa a lingua que falavam Duarte Coelho, e os fidalgos e colonos que o acompanhavam. Essa a lingua usada pelos artistas, ferreiros, pedreiros, marceneiros que as necessidades dos engenhos de assucar faziam vir do reino e fixavam na mata pernambucana.

Era essa a lingua em que os capelães apascentavam aquele rebanho heterogeneo de brancos,

pretos e índios, empenhados na obra titanica de amassar uma nacionalidade.

A lingua modificada pelo culteranismo quinhentista, só no seculo seguinte teria alcançado as camadas profundas do povo, onde os idiomas fixam e definem suas diretrizes evolutivas.

Quando as massas migratorias portuguezas, já com a evolução quinhentista assimilada, começaram a atingir a colonia, vieram encontrar uma grande população fixada no interior, nos engenhos, nas fazendas.

Essa população tinha já imposto sua lingua aos seus descendentes e a milhares de pretos e índios.

O litoral, ao contacto dessas novas correntes migratorias e ao influxo das escolas, foi acompanhando a evolução linguistica que se processava na metropole.

Os colonos que viviam isolados nos engenhos e fazendas conservaram em sua linguagem o tipo de origem, trazido pela primeira colonização, quando a lingua portuguesa ainda não fôra alcançada pela febre transformadora da Renascença e do eruditismo greco-latino.

Só a instrução foi modificando aos poucos essa situação. Que seria porem a instrução no interior do Brasil-colônia, quando ainda hoje ela é uma cousa que não nos faz honra!

Os matutos alagoanos e pernambucanos, herdeiros diretos da lingua dos colonos minhotos do seculo XVI, conservam ainda em sua linguagem reminiscencias lexicas e sintaticas do português arcaico.

A extensa e fertilissima zona da mata dos dois Estados viveu seculos isolada pelos pessimos caminhos, pelas comunicações difficilimas.

Só em 1858 construíram-se em Pernambuco os primeiros 31 quilometros de estrada de ferro, que se encaminhavam através da zona da mata, para o rio S. Francisco. Em 1862 a estrada attingiu Palmares, a 124 quilometros de Recife e aí ficou até 1882.

Em Alagôas, a Paulo Afonso que liga o baixo ao alto S. Francisco, rodeando a famosa cachoeira, foi começada em 1881.

De Maceió em direção á zona da mata bateram-se os primeiros 88 quilometros em 1884.

Antes disso e mesmo depois disso, e ainda hoje em muitas zonas, os engenhos embarcam o

assucar pela estação ou porto mais proximo, enviando-o em costas de cavalos através de 5, 6 e mais leguas de pessimos caminhos.

Essa ausencia de meios faceis de comunicação conservou por muitos anos, toda essa vasta e riquissima zona, completamente alheia ao desenvolvimento geral do país.

Enquanto no litoral, desde o descobrimento, as comunicações faceis, o meio cosmopolita, a instrução largamente difundida encaminhavam a marcha normal da lingua, no interior, o povo recolhido aos latifundios e neles vivendo ignorado, esquecido, anonimo, conservava a lingua herdada, alterando-a, é verdade, de acordo com as tendencias de evolução fonetica impostas pelo meio, mas sem desprezar os termos e expressões recebidas.

Já hoje a difusão das escolas, as estradas carroçaveis, o automovel, estão destruindo as barreiras que isolavam o matuto. Aproximam-no da civilização.

No sul do país, o alemão, o italiano, os fronteiriços, são elementos novos que têm de influir por força na lingua do povo com o qual convive; no norte, onde não ha movimento imigratorio, a lingua se conserva indene de qualquer influencia es-

tranha, sofrendo apenas as alterações sonicas lógicas e naturais.

Conservou assim o matuto nordestino, em sua linguagem, expressões que se arcaizaram na lingua culta. Essas reminiscencias constituem a primeira das fontes originarias do seu dialeto.

A contribuição da lingua arcaica é lexica, semantica e sintatica.

O PORTUGUÊS ARCAICO

155. Grande numero de palavras da lingua arcaica vivem ainda hoje em uso na lingua popular do nordeste. Transmitidas pela tradição oral, teem se conservado, resistindo á natural evolução do português.

Entre outras, podemos salientar:

agardecêr	distrúi (dial. istrúi)
alifante	dixi
amenhã	frúita
apús	ingrês
antão	jejunhar
anteado	luitar
antre	malino
avalar	manteúdo
avangelho	perjuizo
bautizar	piadade
coidado	piadoso

coma (dial. cuma)	premêro
cando	propiadade
condanar	quize
deferença	repunar (dial. arripuná (r)
despois	entrudo (dial. intruido)
dereito	entonce
enxemplo	rudo
esprementar (dial. tambem espromentár)	rezão
fêze	saluçó
fízi	samiar (dial. samiá)
fiuza	sojugar (dial. sujigá (r)
fremoso	somana (dial. sumana)
fremosura	trouve (dial. truve)
fuje (imperat. e 3. ^a p. do ind. pres.)	trouvesse (dial. truvesse)
Hanrique	vinrá
reposta (dial. riposta)	achanar
contia	polme
arteiro	treição
reção	livél (dial. livé)

156. Algumas vezes a palavra permaneceu na lingua culta, mas modificou o sentido. O povo ainda a emprega, entretanto, com a mesma significação do seculo XVI.

assentar (termo venatorio)

quando os cães atacam o porco obrigando-o a parar.

areado (de aerio)	preplexo, confuso.
dona	mulher, senhora.
função	folgado, divertimento.
praça	povoado, cidade.
reinar	trelar
salvar	saudar
vasios	ilhargas
punir	defender

157. Alguns termos desapareceram completamente da lingua culta. Conservam-se entretanto na lingua popular.

dereitamente	pela razão, pela justiça
num atimo	num instante
ao sucairo (dial. no sucá- ro)	em busca de
arriminar	rebelar-se
querente	que quer, que quer bem.

158. *Lo, la, los, las*, como artigo e como pronome, têm ainda vida. Seu emprego é porem restrito e limitado aos casos em que fica enclítico.

Diz-se assim: *Os home, as casas*; mas, *todo los home, toda las casa*.

Meu pé de rosêra branca
Tinha flô *todo los dia...*

M. Nacre — "Fulôreios", 23.

*Toda-las hora me alembro
Moreninha, de você.*

M. Nacre — O. C., 10.

O canal que separa a ilha de Itamaracá do continente é percorrido por duas correntes que partem das duas entradas, em sentido contrario. O ponto em que elas se encontram e que parece ser assim o *divortium aquarum* chama-se *Tombalaguas*.

Diz-se *amarrou ele; matou ele*; mas é também vulgarismo *amarrou-lo, matou-lo*.

A preposição *com*, indicando companhia, é substituída frequentemente por *mais*. (Vêr n.º 171).

A moça pensou naquillo
Foi prá dentro se arrumá
Foi-se embora *mais* o mano
Fugiu sem querê casá...

Jeronymo do Junqueiro — L. Mota
“Cantadôres”, 30.

Depois de *mais*, o artigo é *lo, la*, como no português arcaico: *mai lo, mai la*, “*Eu vou mai lo patrão*”.

E’ o mesmo que vemos no n.º 772 do Codice da Vaticana:

'E comecey eu eyre de cuydar
(e) começou a noyte de crecer
may la d'oie non quis assy fazer", etc.

As formas *cadê ele*, *cadê ela*, originadas de *que é dele*, *que é dela* passaram a *cadêlo* e *cadêla*, na bôca do povo.

A razão disso é o emprego do artigo *lo*, *la*, em locuções como *amarrou-lo*, *arrancou-lo*, *matei-lo*. Por uma falsa analogia formou-se também *cadêlo*.

Pola, *polo*, do português arcaico, tornaram-se *pulo*, *pula*, unica maneira de dizer do matuto.

159. Ha ainda palavras vindas do periodo arcaico que permanecem na lingua visto como os dicionarios as registam. São entretanto termos mortos, residuos que os dicionaristas conservam embalsamados e que não teem mais vitalidade na lingua culta.

O povo porem as conserva e são usadas constantemente.

Paixão, vale ainda como *cólera*, *grande raiva*. *Ancho* = *cheio de si*, *vaidoso*, é termo corriqueiro no nordéste, assim como *andaço*, pequena epidemia

e *andêjo*, significando pessoa que não pára em casa, vive sempre na rua.

Outras palavras de cunho evidentemente elevado e culto são usadas frequentemente pelo povo, denunciando assim uma origem que se prende á primeira colonização: *aleive* é palavra usual entre uma população quasi inteiramente analfabeta. *Anagua* desapareceu das cidades, nas classes media e alta. E' que a peça de vestuario com aquele nome já caiu de uso. O povo entretanto ainda a emprega. *Alevante* é a palavra para indicar *revolução*, *motim*.

Adiantado, era uma antiga dignidade em Portugal e Castela, e valia o que é hoje *general*. Depois tomou o sentido de *valente*, *triunfador*, e caiu em desuso.

No nordéste é ainda empregada com uma translação de sentido: vale por *metediço*, *ousado*, *abclhudo*, *intrrometido*.

Barafustar, que Francisco José Freire diz ter sido usado por João de Barros e Duarte Nunes, (Reflexões sobre a lingua portuguesa, parte 3.^a, pag. 20), no sentido de *relutar*, é corrente com o valor de *entrar sem licença*, *introduzir-se* por um lugar, ás pressas.

Fruncho, palavra de formação tipicamente popular é usada em vez de *furunculo*; tem, porém, uma ligeira especialização de sentido; ao furunculo chama o matuto *nascida*.

O holandez na sua rapida passagem por Pernambuco não poderia ter deixado vestigio de sua lingua entre nós.

Conheço apenas duas palavras que no vocabulario nordestino relembram a dominação holandeza: *bróte* e *bró*. *Bróte* é uma especie de biscoito, pequeno, torrado, muito usado no interior, feito de *farínha do reino* como ainda é conhecida pelo povo a farinha de trigo. Ha tambem a *bolacha bróte*, grande, menos torrada.

E davam-lhe um pedaço de *brote* para roer.

Lins do Rego — “Menino de engenhinho”, 152.

Bró, que julgo ter a mesma origem, é uma farinha extraída do caule da palmeira ouricuri, e muito usada no sertão durante as secas. Ambas terão vindo do holandez *brood-pão*.

TEMATOLOGIA

160. Dentro do proprio seio da lingua o dialeto encontrou elementos para se enriquecer. Valendo-se dos mesmos recursos do português, multiplicou o seu lexico por meio da derivação e da composição. E' vastissima a contribuição tematologica na formação do vocabulario dialetal. Na linguagem usual de todas as classes, essas palavras novas, esses recursos lexicos do dialeto, expressivos e cheios de vida, dão um aspecto colorido e original á conversação.

A abundancia e vulgaridade deles é que os não fazem notados:

campeiro	apanemado	fracatear
cangaceiro	cafusinho	encrencar
sambador	chavascada	chameguento
escurento	reinador	cabeça de prego
cambiteiro	gacheiro	lima de imbigio
goderar	munganguento	pau de jangada

catinguento	manzanar	pé de pau
perebento	grandão	sangue de boi
encapueirado	bobage	rasga gibão
crequento	pabulage	macela branca
abacatada	mão de milho	mal casado
catimbozeiro	farinha do reino	mal triste
mandingueiro	bicho de pé	mané gostoso
biqueiro	alfazema de cabo- clo	mangue vermelho
bicheiro	pé de muleque	maria angica
destorcedor	baba de moça	põe mēsa
intinguijado	macho de governo	socó boi
disconforme	mãe do timbó	samba caçote
		enchamé (enche meio)
moçame	mãe da lua	
burrama	xexeu de bana- neira	brêdo manjangome
amatutado	Maria já é dia	comer girumba
estradeiro	piôlho de cobra	sabiá gongá
farofeiro	canôa de embono	espanta boiada
	jararacussú	frége mosca

O TUPI

161. O terceiro elemento formador do dialeto, a contribuição estrangeira, encontra no tupi e nas línguas africanas a sua grande fonte.

E' natural que o indígena brasileiro e o ele-

mento escravo, vindo em grandes massas da Africa, tenham deixado na lingua da região pedaços de seu vocabulario. E' a afirmação eterna de sua passagem.

A lembrança da espoliação de uns e do sacrificio de outros.

De outras fontes ha uma pequena contribuição que não é regional; é de todo o país.

Do quichúa:

Chacra	mate	condôr
xarque	goiaba	garôa

Do mexicano:

chocolate	abacate
chicóte	cacáo

Bagre e tabaco, vieram das Antilhas, enquanto que *canôa* e *cacique*, do Haiti (43).

Foi o tupi, das linguas estrangeiras, a que maior contribuição deu ao português de aquem Atlantico. Os termos que cito abaixo, porque em uso no nordeste, teem curso, quasi todos, no país inteiro.

E' que são, em geral, nomes de arvores e de animais que vivem em todo o Brasil. Os utensí-

(43) Apud Rodolpho Garcia — "Dicionario de Brasileirismos",

lios e objetos que conservam designações tupis, são comuns também, em regra, tanto ao norte, como ao sul.

NOMES GEOGRAFICOS:

Aburá	Gurugi	Pirauá
Acahú	Iguarassú	Paripueira
Açurema	Ipojuca	Pratagy
Aituba	Iputinga	Piaby
Amaragy	Itiúba	Piracaba
Aguapetiba	Ipióca	Parangaba
Acarapiba	Japaranduba	Pajussára
Batatã	Jacuhype	Poxim
Baticubá	Jatobá	Sanharó
Bongy	Jacarecica	Suape
Boacica	Jacarénaca	Serinhãem
Batinga	Jacutinga	Sumaúma
Catuama	Massauassú	Sapucahy
Cucaú	Matapagipe	Tacaruna
Catende	Muribeca	Tapugy
Comandatuba	Maragogy	Taquaretinga
Cururipe	Manguaba	Tibiry
Cajaíba	Maceió	Traipú
Craunã	Mundahú	Tatuamunha
Garapú	Mocaitá	Una
Gitituba	Paquevira	Urubá
Gequiá	Pernambuco	Utinga
Goyana	Persinunga	Uruba

São também palavras tupis :

andú	baiacú	crauí
aratú	caramucé	carurú
araponga	caibim	capivara
araticum ou ati-	camará	cupiuba
cum	capeba	cundurú
angico	chanana	cutia
aricuri	coirana ou canema	caninana
aricuriroba	copahiba	carácará ou cra-
arapuá ou ari-	caranha	cará
puá	cabembe	curiboca
arapuca	caroba	cafuzo
arataca	chié	capêta
abiu	camurupim	cumbuca
acaúã	curimã	catinga
aninga	carapeba	caipira
arara	camorim	capão
aracambú	curuca	chi! (int de tan-
aruá	cambiro	ger)
barauna	cãicãi	ema
barabú	carapitinga	giráo
bacupari	carapicú	geréré
bamboré	caiçara	guabirá
batinga	cafundó	giqui
buranhem	cabaú	gracimbóra
burity	caipora	garajuba
biboca	calumbi	garassúma
brocotó	camassary	giquiri
bacurau	capim	jundiroba

gitirana	imburana	jurema
gitahy	itapicurú	jacarandá
gravatá	imburi	jacá
grumixama	ingareia	macahyba
guajurú (adj.)	jaboti	macambira
gejuiba	jaboticaba	macaxeira
genipaparana	jaburú	massarandúba
gararoba	jacaré	macuca
gulandim	jaci	mameluco
gargaúba	jacú	mumbuca
giriqutiá	jaguarana	mandaçaia
gindiroba	japaranduba	mandacarú
guariba	jaraguá	mandioca
guaxinim	japicanga	matury
gambá	jararaca	manicoba
gerimum	jararacussú	manipoeira
giriquty	jatobá	marayal
gindahy	jassanã	maribondo
guabiraba	jitirana	mingau
caboré	juá	mirigongo
goiamum ou guia-	jundiá	mocó
mum	jacundá	mocotó
guará	jurema	mondé ou mundé e
imbé	jussara	tambem mondéo
imbiriba	jurubeba	mindubim
imbaúba	jaracatiá	munguba
imbú	jatobá	mororó
imbira	jequitibá	mucuum
ingú	junsa	mussú

mutuca	niquim	parú
mutum	nambú	pratiassú
mungaba	oiti	petimboia
murici	ouricury ou ori-	perau
mulungú	cury	patativa
mussambê (termo cariri)	oiti coró	picumã ou pu-
mapurunga e mapirunga	paca	cumã
maracajá	pacova	piaçaba ou pia-
moquem	patuá	çava
muqueca	prejuhy	quandú
maniva	peroba	quati
massunim	peri-peri ou pri-	quiri
murucaia	piri	quindunde
mututuca	piaba	sabiá
moré	pindoba	saguim
manjuba	pipóca	samambaia ou
maritacaca ou ticaca	pitanga	sambambaia
maracanã	potó	sapé
mandim	pituassú	sapucaia
manitaca	preá	saúna
macúco	pininga (pau ferro)	sicupira ou su-
mangará	parahyba	cupira
maruim	pitimijú ou putumijú	sipó
mocica	pitiá ou piquiá	siri
mirindiba ou miringuiba	punaré	siriema
	piraróba	sussuarana
	pilombêta	sururú
		sapucarana
		samburá

salema	tinbó	tanassú
salgo	timbú	tijuco
soia	tiririca	tabareu
surucucú	titara	umari
sambacaitá	trahira	urubú
sabararú	tapiá	uruçú
socó	tatajuba	urupema ou uru-
sabacú	tiajú (pau de	pemba ou ru-
siriba	leite)	pemba (r bran-
sanhassú e sa-	tinhorão	do.)
nhasso	tipi	urucú
saúva	tiquim	urú
sucuri	tucum	uçá
sambaquim	tubiba	ubaia
tabatinga	tapionhã	urutú
taboca	tanajura	xaréu
tamanduá	tapera	xexéu
tapera	tapioca	xenxem
taquara	tipiti	xelêlête
taquari	tipucá	xororó
tatú	taioaba	xará ou xarapa
tejúassú	tamiarana	zabelê
tingui	tamboatá ou	
	tamboatã	

162. As palavras acima nomeiam plantas, arvóres, peixes, aves, animais, alimentos, instrumentos e utensílios domésticos de caça e pesca, que representam a maior contribuição do tupi para a riqueza do dialeto.

A lingua dos selvagens, porem, além de substantivos, nos legou, embora em muito menor numero, adjetivos e substantivos assim usados:

sarará	pixaim	coróca
marréca	turuna	pereréca
pamonha	tiba	tiririca
assú	panema	badejo
caipora	nambi	mavú
jururú	mirim	mambembe

Esses adjetivos são uniformes. De origem tupi talvez só haja um adjetivo biforme que é *pubo*, no feminino *puba*.

Cutucar, sapecar, moquear são verbos da mesma proveniencia.

AS LINGUAS AFRICANAS

163. E' tambem numerosa a contribuição africana para a lingua do nordeste.

Com a vida presa á dependencia do engenho, pela propria condição social, não podiam os negros ligar sua lingua á nomenclatura geografica.

Quando o anseio de libertação os ajuntou na republica dos Palmares, surgiu na geografia da

região a nomenclatura africana marcando montes, cursos d'agua e aldeias, numa demonstração de posse, conquista e independência.

São palavras africanas:

Lunga, serra ao noroeste de Anadia, e riacho que nasce na mesma serra, desagüando na margem esquerda do rio Cururipe.

Cafuchi, serra entre União, Murici e Viçosa.

Sabalangá, povoado junto a Viçosa, no caminho da serra de Dois Irmãos.

Gurungumba e *Quizanga*, riachos que passam perto de Sabalangá.

Luango, engenho no municipio de Viçosa.

Cafuba, nome de um trecho da serra de Dois Irmãos. Cafuba foi um dos cabos de guerra do Zumbi.

Canisa e *Cabiló*, riachos no municipio de Viçosa.

Zanzo, charco na serra de Dois Irmãos (44).

Todos esses accidentes geograficos estão situados na zona onde, durante varias decadas, vi-

(44) Cafuchy é dado pelo dr. João Severiano como tupi — *caa-fuchy mato feio*; o dr. Alfredo Brandão que abriu para o estudo da guerra dos Palmares, um aspecto novo, interessantissimo, valendo-se de documentos historicos, no seu bem feito livro "Viçosa de Alagôas", atribue o nome da serra ao irmão do Zumbi, o chefe negro Cafuche, que ali teve o seu quilombo. *Quifuchi*,

veram independentes os negros da republica dos Palmares.

Muitas outras palavras africanas toponomasticas, não significam a imposição do negro, nem teem o sentido social das acima citadas. São palavras que entraram no vocabulario da lingua representando utensilios, objetos e cousas africanas e que depois passaram a batisar accidentes geograficos por qualquer circumstancia em que não influuiu a vontade dos negros. Dessa forma ha muitas, em todo o Brasil: *Macaco, Cacimba, Cachimbinha, Cabaço, Banguê, Banana, Cachimbo, Lumbi, Quilombo, Mulungú, Moleque, Mucambo, Bugiganga, Caxambú, Caxito, Jiló, João-Congo, Marimbondo, Quiabos, Tapa-Cacimba, Quebra-Bunda* e tantas outras.

São termos comuns no nordeste, recebidos dos negros:

angú	angóla	batuque
anguzô	aluá	birimbáu

em lingua africana significa *reino, dominio*, e daí pode ter vindo tambem o nome da serra. Sabalangá ou Salabangá como já se chamou e o povo ainda por vezes chama, (cf. caçarola e caçalóra, ciroula e ciloura) é composto de *Zala* — residencia, agrupamento de casas e *Banga* nome do monte em que estava o quilombo, ultimo reduto dos negros e onde os combatia, em 1692. Domingos Jorge Velho. Esse monte tudo faz supôr seja a Serra de Dois Irmãos, e, o povoado de Sabalangá, o proprio reduto negro.

banguê	chicana	manguzá
bunda	cafifa	maxixé
banzé	cuxilo	moamba
bengo	coringa	maracatú
bingar	cubata	moçambique
budum	chimpazé	mucambo
cafuné	dendê	munganga
cachimbo	dengue	mucama
candomblê	farrambamba	muleque
cambada	fubá	mondrongo
calundú	fuzuê	maconha
calunga	gorila	missanga
camondongo	gaforinha	muxôxo
caxerenguengue	garapa	moxinifada
ganzá	ganga	mulambo
giló	gongá (sabiá)	mulungú
ginga	guiné	nagô
cafanga	inganja	ogum
candonga	inhame	orangutango
cacheça	liamba	pendanga
caçuá	lomba	pituim
cabinda	lundú	pito
cafua	macacôa	patuá
calango	mafumbo	quibêbe
cangerê	mandinga	quilombo
capêta	mangôlo	quingonbô
carimbo	marimba	quitúte
caxinguelê	maracaxá	quitanda
canzenze	moleque	quinguingú

quisila	tanga	yayá
quiabo	titica	yôyô
quanga	tutú	zumbi
samba	vatapá	zabumba
scnzala	xangô	zunã
sóba	xibúte	zagaia
	xuxú	

164. Os negros também deixaram certo numero de adjetivos no dialeto:

capiongo	buzuntão	cassange
cafuçú	banguélo	ingangento
fulo	cambaio	macambusio
cangúlo	dunga	caçula
manzanza	bocó	zoró
mangangá (principal, grande)	granganzá	capenga
	aça	bamba
	cutuba	fiota

O apelido Zumba, tão comum no nordeste, é um contagio da linguagem africana. *Zumba* era senhor, chefe, entre os negros.

Ganazumba era o rei preto. *Zumbi* era o nome de seu sobrinho e grande chefe também, que levou a resistencia até a morte. *Zumba*, hoje, é hipocarístico de José, ao lado de Zé, Zézinho, Zéca, Zézé, Zequinha, Dedé e mais raro, Zéquito.

SINTAXE

165. A sintaxe dialetal matuta está sofrendo, ainda hoje, as modificações que hão de um dia fixar o rumo da variante linguística.

E' interessante mesmo notar que muitas divergencias sintaticas daqui, são comuns ao Rio de Janeiro e S. Paulo.

O dialeto vai seguindo, portanto, mais ou menos uma mesma direção que acompanha o lado desse triangulo, cujo apice está lá no seculo XVI. . .

A luta entre a lingua culta e o dialeto se processa no campo da sintaxe. A primeira recebe o lexico variadissimo de uso popular, como um enriquecimento vocabular aproveitavel e aproveitado. E' intransigente, porem, quanto á sintaxe, pois é ela a estrutura viva da lingua; é na sua articulação que reside a alma e o carater do idioma.

Quem vencerá? Si a força conservadora da literatura e da instrução reage contra a tendencia

modificadora, é preciso têr-se em mente que essa tendencia é animada da energia fatal e inflexivel das cousas instinctivas e inconscientes.

Já algumas formas sintaticas dialetais firmaram-se de tal forma na linguagem de todas as classes, que estão entrando na literatura. São erros, olhados á luz das regras gramaticais. Estão certas, porem, dentro da realidade linguistica. Representam a forma e o encadeamento necessario e logico das palavras para exprimir idéas. E as idéas teem uma força de expansão interior impossivel de ser contida por diques gramaticais, quando estes impedem a sua marcha normal para a clareza e para a sua justa expressão.

E' uma violencia inutil ajeitar-se uma idéa a um molde inadequado que a comprime, que a machuca, que a deforma, somente porque esse molde assentava bem a essa idéa ha 100 anos passados.

E' martirio para a mocidade que aprende e humilhação para o mestre inteligente que ensina, esse bilinguismo dentro de um só idioma, — essa unidade exterior, de superficie, de duas linguas que se repelem, a lingua que falamos e a lingua que escrevemos.

A imobilidade inflexível de regras firmadas sobre aspectos linguísticos desaparecidos, resíduos que perderam a vitalidade com o meio social e humano de que eram a expressão, é uma norma que briga com a moderna ciência linguística. E' um criterio que só pôde prevalecer enquanto a linguagem foi considerada um objeto, uma utilidade para o gôso do homem, fóra dele, isolada dele, com existencia autonoma.

Hoje, porem, a compreensão científica da linguagem integra-a dentro do homem, fazendo-a depender dele, de quem recebe toda a vida. Assim, antes de estudar a lingua, é necessario olhar para o individuo que a fala, considerar o meio social em que ele se move, porque a sua linguagem ha de refletir esse ambiente.

Schweitzer et Simonnot, observando o menino que entra na escola para aprender a ler, frizam a importancia da lingua falada em face da escrita:

“Le seul instrument d'acquisition qu'il possède, c'est celui avec lequel il est entré á l'école comme unique apport; c'est la langue vulgaire et journalière. Le livre lui-même n'est pas un instrument nouveau, puisque, sans la langue parlée, il ne serait qu'un chiffon de papier noirci. C'est donc

par la seule vertu de la langue usuelle, indéfiniment perfectible et extensible, que l'enfant s'élève des conceptions les plus matérielles aux idées les plus abstraites, des choses les plus humbles aux choses les plus hautes" (45).

Nós, no Brasil, presos á gramática "portuguesa", somos vítimas de uma desintegração dolorosa de nós mesmos.

Os modernos escritores brasileiros que interpretam as cousas do Brasil, quando desobedecem aos canones da lingua culta e fogem ás praxes gramaticais, fazem-no por ser essa a maneira de evitar a dissociação entre sua obra e eles mesmos.

O homem brasileiro, vivendo no ambiente brasileiro, herdeiro de tradições que lhe dão um "carater" proprio, tem exigencias de expressões e de linguagem de acordo com esse "carater".

A sintaxe é o campo dessas modificações intimas. Nela imprime o homem a sua marca, traça o sulco de sua personalidade.

Muito mais que no lexico.

A' medida que o meio social foi armando a-sua estrutura autonoma, diferente do português, co-

(45) Schweitzer et Simonnot — "Méthodologie des Langues Vivantes", pg. 41.

meçou o brasileiro a moldar a sua construção linguística e a traçar rumos gramaticais, de acordo com o seu feito.

Criou a sua língua.

Regras de gramática rígidas e áridas baseadas em fatos linguísticos isolados do “homem”, são camisas de força asfixiantes.

A filologia moderna, acima da língua escrita, põe a língua falada.

A língua brasileira, já ninguém discute isso, diverge da portuguesa; é esta, entretanto, que a escola continua a ensinar ao brasileiro.

O instinto íntimo, o rumo espontâneo da expressão do pensamento molda uma linguagem que é o seu interprete justo e preciso. O mestre, escudado em fórmulas frias, sem articulação nem plasticidade, violenta a espontaneidade dessa linguagem que é um efeito, pondo-a em litígio com a causa, que é a formação social e humana de quem a fala.

Esse litígio é a tragédia ignorada de todos os pequenos estudantes, para os quais a gramática é um instrumento de tortura, justamente porque as suas regras representam já em muitos pontos a

artificialidade de uma lingua de que não sentem o poder, nem a força de expressão.

E' eloquente o grito de revolta de Said Ali: "A nossa maneira fantasista (como alguns lhe chamam) de collocar os pronomes, forçosamente diversa da de Portugal, não é erronea, salvo se a grammatica, depois de annunciar que observa e registra factos, depois de reconhecer que os phenomenos linguisticos têm o seu historico, a sua evolução, ainda se julga com o direito de atirar, ciosa e receiosa da mutabilidade, por cima do nosso idioma, a tunica de Nessus das regras arbitrarías e inflexiveis.

As linguas alteram-se com a mudança de meio; e o nosso modo de falar diverge e ha de divergir, em muitos pontos, da linguagem lusitana.

Muitas são as differenças actuaes, que pászam despercebidas por não haver um estudo feito neste sentido" (46).

O rumo definitivo da lingua brasileira só poderá ser determinado depois de estudadas as varias tendencias regionais.

(46) M. Said Ali — "Difficuldades da Lingua Portuguesa", pg. 81.

Será o resultado totalitário de um esforço do qual o presente trabalho representa uma parcela.

O SUBSTANTIVO

166. O sujeito, no dialeto do nordeste, nunca se emprega sem o artigo, mesmo quando indeterminado.

Não se diz, por exemplo, como documentou Amadeu Amaral no falar paulista, “*Cavalo tava rinchando*”, “*patrão não trabaia hoje*”, e que a canção popularizou:

Tatú subiu no pau
E' mentira de mecê...

Aqui, diz o povo: “*O caalo tava rinchano*”, “*O patrão não trabaia hoje não*”, se a frase fôr em resposta a uma pergunta, ou apenas “*O patrão hoje não trabaia*” se simplesmente afirmativa.

167. Em Alagôas os nomes próprios e ainda *mamãe*, *papai*, *titia*, *vovô*, etc. usados como tais, vêm acompanhados do determinativo articular: *o papai saiu hoje*; *a titia está doente*; *a Maria está na escola*.

Em Pernambuco, nos mesmos casos, não se usa o artigo: *papai saiu hoje; titia está doente; Maria está na escola.*

Entre as populações rurais não se emprega nunca a duplicação *papai, mamãe*: diz-se em geral, *pai, mãe*, na conversa direta, e *meu pai, minha mãe*, na indireta.

“Não diga, *pae!* O dr. fica scismado”.

J. Americo de Almeida — “Baga-ceira”, 72.

No dia que eu tomo panca
No quarteirão da Pendenza,
Boto o chapéu duma banda
Nem a *meu pai* torno a bença...
Minha mãe, cumo já sabe,
Me trata cum paciência.

“Cantadôres”, pg. 100.

168. Os substantivos coletivos e os usados com força de coletivo tem o verbo no plural. O povo conserva na mente a idéa de pluralidade que eles guardam em si, e faz a concordancia de accordo com esse processo psicologico.

A mesma cousa fez Camões:

Se esta *gente* que busca outro hemispherio,
Cuja valia e obras tanto amaste,

Não queres que *padeçam vituperio*,

“Lus”, I — 38.

D'est'arte *a gente* força e esforça Nuno,

Que com lhe ouvir as ultimas razões,

Removem o temor frio, importuno,

Que gelados lhe tinha os corações.

Nos animais *cavalgam* de Neptuno,

Brandindo e volteando arremessões;

Vão correndo e gritando a bocca aberta:

“Viva o famoso Rei que nos liberta”!

Idem, IV — 21.

Ha aí, uma pluralidade que se subentende, que prevalece na mente e no sentido da narração.

O matuto faz a mesma elaboração mental:

“Passando bala por bala

Como troco de dinheiro,

Matou dois, baleou tres,

O *resto* depois *corrêro*”...

Bernardo Cintura — “Violeiros do Norte”, L. Mota, pg. 198.

“Mas a *maioria* *querem* é que o fuzuê continue... etc.”.

Leonardo Mota — “No tempo de Lampeão”, pg. 58.

Seu Alfere Delegado
Sua *canaia* *corrêro*...

Cantiga do Villela — “Cantadôres”,
pg. 42.

O dr. J. Leite de Vasconcelos, falando sobre um caso de anacoluto, esclarece perfeitamente o processo de que surgiu a *sintaxe* matuta: “Sendo a *sintaxe* na essencia, um produto do espirito, da razão, é por isso fundamentalmente logica. Porem, nela influem outras faculdades, outros atos psiquicos como a sensibilidade, a imaginação, a associação de idéas, etc.”.

A par com a *sintaxe*, por assim dizer, *logica*, ha uma *sintaxe*, por assim dizer *emocional*. D'este modo se explicam certas concordancias pouco rigorosas, como as de cima, e outras: *a gente vamos* (linguagem estremenha) *esta gente padeção* (nos *Lusiadas* I, 38) etc.” (47).

O PRONOME NOMINATIVO

169. E' fato perfeitamente verificavel a predominancia das formas nominativas do pronome, sobre as flexionadas.

(47) J. Leite de Vasconcellos — “Textos Archaicos”, pg. 154.

E' a continuação da guerra que a lingua moveu ás flexões casuais.

Na lingua culta os casos prevaleceram no pronome:

Nom. eu, tu, ele, ela, nós, vós.

Dat. mim, me, ti, te, lhe, si, se, nos, vos.

Acc. me, te, o, a, os, as, (dial. tambem lo, la, los, las), se, nos, vos.

Abl. migo, tigo, sigo, nosco, vosco.

No dialeto, o caso nominativo domina sobre os demais, e, para obedecer a essa inclinação sintactica, o matuto modifica a frase com o fim de evitar o emprego do pronome flexionado. O nominativo exige menos esforço de interpretação; indica directamente a pessoa gramatical; é mais instinctivo que os casos obliquos. Isso justifica a sua preferencia.

170. O verbo *pedir*, que no portugûês é transitivo e forma orações substantivas com *que*, póde tambem, afirma Epifanio Dias, ser usado intransitivamente, com um infinito regido de *para*.

No dialeto, a syntaxe geralmente seguida é a ultima. Não se diz "*pediu que ele fosse*", mas, "*pediu pra ele ir.*" Em vez de *pediu que eu fosse*,

— *pediu pra eu ir*. Essa sintaxe contaminou as construções em que o pronome vem preposicionado. Houve uma padronização bem natural, em face da simplicidade dos nominativos, junto aos demais casos, simplicidade que facilitou a analogia e encaminhou o uso para o caso reto, apesar de a preposição atrair o pronome para o obliquo. E surgiram, assim, construções como: — *de eu, a eu, com nós*, etc.. Terá ajudado esta sintaxe, o uso regular da preposição com o pronome de 3.^a pessoa *ele: a ele, dele, com ele*.

“só vivia de puxá arenga *com nós* no Juazeiro”...

“Cantadôres”, pg. 337.

“Porem a nossa peleja
Se deu *com nós* em Sobral”

Idem, pg. 18.

“fazendo com o Major Zé Pereira ou com o Padre Cisso aquillo que fazem *com nós*...”

“No tempo de Lampeão”, pg. 58.

“Tanta fé, tanta fiança
Minha muié tinha *n’eu*”

Anselmo Vieira — “Cantadôres”, 203.

Yayá dá-me um doce,
 Quem pede sou eu,
 Yayá não me dá
 Não quer bem *a eu*.

Silvio Romero — “Cantos populares do Brasil”.

“Mas entonce pra que foi que seu Nonato fez
d’eu riculuta”?

“Cantadores”, 331.

“*De eu*, seu doutor”?!

Mario Sette — “O vigia da Casa Grande”, 152.

171. Ainda aparece o uso do nominativo pelo ablativo, quando o adverbio *mais* vale uma preposição, em vez de *com*:

“Passarim avôe mais baxo
 Quando ocê cantá *mais eu*”.

Aderaldo — “Cantadôres” L. Mota, 71.

“Uma vez, junto de Villa Bella, aqui em Pernambuco, Lampeão chegou *mais nós* numa venda...”

“No tempo de Lampeão”, 14.

O povo, aliás, prefere *mais* a *com*, mesmo em outros casos:

“minha filha está p’ra casar *mais* o filho de Manoel cargueiro”.

Mario Sette — O. c., 153.

...“passou lá por minhas bandas *mais* dois soldados”.

Idem, 252.

Mais substitue *com*, até quando não tem sentido de companhia:

“E fosse bolir *mais elle*, fosse”!

Mario Sette — O. c., 35.

Na frase acima, *mais* substituindo *com*, vale *em*: “e fosse bolir *nele*”.

ORAÇÕES REDUZIDAS DE INFINITO

172. A tendencia para o uso do pronome nominativo faz que o matuto, da mesma forma que altera a syntaxe portugueza com o fim de empregar o caso reto, se conserve a ela fiel quando a lingua culta autoriza o uso daquele caso.

“Me leve pr’onde quizé
Pr’eu fazê todo os mandado
Pru mode eu brocá de foice”...

Anselmo Vieira — “Cantadôres”, 211.

Entretanto, no sul do país, segundo observação e testemunho de Antenor Nascentes e Amadeu Amaral, nessas orações, o pronome toma, no dialeto, o caso obliquo: “isto é *para mim* levar”. “*Elc trôxe uma fruta para mim comê*”.

“Jiguê, meu companheiro Jiguê, quando você volta do mercado bate primeiro na porta bate todos os dias uma porção de tempo *pra mim* ficar contente e ir cozinhar a macacheira.

Mario de Andrade — “Macunaima”
— pg. 203.

Essa construção é desconhecida no nordeste.

Por não haver sido ainda estudado o dialeto desta região do Brasil, Julio Moreira atribuí ao Brasil, em geral, essa syntaxe que aqui não existe.

“Em Portugal o sujeito de uma oração infinitiva dependente da preposição *para* é a forma do nominativo, *eu*, que no Brasil é substituída por *mim* (48).

173. *Pediu pra ele ir*, frase correta, porque o verbo *pedir* tem também função intransitiva no português, (V. numero 170) generalizou-se no

(48) Julio Moreira — “Estudos da Lingua Portuguesa”, pg. 26.

nordeste e contagiou outros verbos, que não podem ser usados intransitivamente.

Assim, *mandou que ele viesse*, tornou-se *mandou ele vir*, e arrastou atraz de si, as locuções verbais *mandar fazer, fazer chorar, ver cair*, etc., em que o pronome acusativo *o, a*, passa a ser empregado no nominativo: *mandou ele fazer, faz ele chorar, viu ela cair*, em vez de *mandou-o fazer, fê-la chorar, viu-a cair*.

A lingua terá caminhado sem violencia da forma — *peça pra ele vir*, para *mande ele vir*; daí até *mande ele*, simplesmente, foi um passo.

Colabora tambem nisso o regimen indireto. O singular dos pronomes de 1.^a e 2.^a pessoas, no nominativo, não podem ser regidos de preposição. Não se diz *deu a laranja a eu*, ou *a tu*, mas — *deu a laranja a mim* ou *a ti*. O pronome de 3.^a pessoa, porem, aceita tambem a regencia da preposição: *deu-lhe a laranja* ou *deu a laranja a ele*.

Junte-se a isso tudo a necessidade de clareza e compreender-se-á o emprego de *ele, ela*, como objeto direto.

Esse emprego é geral em todo o Brasil. É construção que difficilmente será extirpada do falar brasileiro, pois atingiu todas as classes sociais.

Terá de entrar na gramática, a não ser que, como diz Said Ali, ela deixe de ser a codificadora dos fatos da linguagem, para ser um Cerbéro em guarda a formulas inflexíveis.

É porem um fato dialetal espontaneo ou uma reminiscencia arcaica?

Sobram os exemplos desse emprego nos classicos portugueses. Têm-nos citado Ruy Barbosa, na "Replica", Eduardo Carlos Pereira na sua "Gramatica Historica", Sousa da Silveira em "Trechos Selectos".

"El-rei mandou-o logo prender, e *levaram elle* e Matheus Fernandes a Sevilha".

Fernão Lopes — "D. Fernandes", c. 46.

"e elle quando entrou, *viu ella* e seus correjimentos assim dispostos para o receber por hospedes".

Ibid., c. 100.

Os cardeaes outrosim *privaram elle* d'algum direito, se o no papado tinha".

Ibid., c. 108.

"Item mandamos que todos os porcaricos que trexerem porcos no campo *dem eles* a seus senhores"...

“E todolos mançebos que servirem a plazo in gaados *paguem eles* a rrazom d'este preço de suso dito”.

...“que os mançebos que morarem nas laouiras e nas casas dos homens de Terena *paguem eles* de suas soldadas ateens entruido de venda de seus vinhos”.

“Direito consuetudinario municipal” (seculo XIII), “apud” “Textos Arcaicos”, pg. 37.

“E el-rei, sabendo isto, houve mui grande pezar, e deitou-o logo fóra de sua mercê e *degradou elle* e os filhos a dez leguas de onde quer que fosse”.

Fern. Lopes — “D. Pedro I”, c. 4.

Ou haverá nesses exemplos uma preposição subentendida, já que o pronome admite aquela regencia?

Camões empregou tambem o pronome *ele* como objeto direto, com a preposição clara:

Nem elle entende a nós, nem nós a elle.

“Lus.”, V-28.

A falta de continuidade dessa sintaxe no antigo português, e a ausencia dela, na lingua popular do Portugal de hoje, levam-nos a admitir essa construção como um fato dialetal espontaneo, sem qualquer reminiscencia arcaica.

Para Eduardo Carlos Pereira, este emprego do pronome reto, “não obedece no Brasil somente á antiga tradição da lingua, mas tambem á necessidade de clareza, pelo menos em relação ao pronome átono — *o, a, os, as*.

Este accusativo, sobre fraco, é ainda atenuado na pronuncia brasileira, de sorte que se tornam obscuras ou ambiguas certas phrases de uso frequente, taes como: *vi-o, vi-a, eu o vi, ouvi-o, ouvi-a, eu o ouvi*.

Na linguagem familiar difficultosamente articulamos sem confusão taes grupos (*vi-o* e *viu, via-a* e *via, eu o vi* e *eu ouvi, ouvi-o* *ouvia, ouvi-a* e *ouvia, eu o vi* e *eu ouvi*). Urgido pela lei suprema da linguagem, que é a clareza, remove o povo a difficultade lançando mão, por instincto ou atavismo, do uso archaico do pronome recto: *vi elle, vi ella, ouvi elle, ouvi ella, eu ouvi elle*. Todavia, a grammatica continúa a considerar abuso tal uso” (49).

174. Não só na terceira pessoa, porem, apparece o pronome nominativo na função de objeto directo; tambem na primeira.

(49) Eduardo C. Pereira — “Grammatica Historica”, pg. 446.

“Si a tua tenção é esta,
Solte elle e *mate eu!*”

Cantiga do Villela — “Cantadôres”, 46.

Muita gente fica louca
Vendo eu mettido em questão...
Eu desfoiando o facão
Paz a ninguem eu não peço,
Eu viro gente ás avessas
Nestes dez pés em quadrão.

Idem, II.

Ficou passada de dô
[De *vê nós* no cativêro
Do demonio tentadô.

João Mendes — Idem, 193.

Maninha nós temo vó
Que podia nos criá
Pra *botá nós* n’uma escola
Pra nos mandá ensiná...

Jeronimo do Junqueiro — Idem, 30.

A forma obliqua do ultimo exemplo acima, não é vulgar. É devida á exigencia da metrica e da rima. O matuto ou emprega *nós*, nominativo, posposto, ou então o coletivo *a gente*.

O plural da 2.^a pessoa é sempre *vocês*.

175. *A gente* leva o verbo para a 3.^a pessoa do singular, *a gente vai*; mas, como a frase cor-

responde a *nós vamos*, dá-se muitas vezes cruzamento das duas locuções e ouve-se dizer: *a gente vamos*. Equivale a um pronome indefinido. “*A gente* nem viver tranquilo, pode!” que é igual a “nem viver tranquilo *se* pode!” ou “*uma pessoa* nem viver tranquila pode!” No nordeste, além dos indefinidos *uma pessoa*, *um homem*, *se*, *a gente*, ha também *freguez* e *negro* (*freguei* e *nêgo* na pron. do povo).

De duas coisa a mais feia
 Progunto aos home do ensino:
 Se é muié que fala grosso
 Se é *freguei* falando fino.

“Fulôrcios”, 12.

Mas se eu conheço qui o *freguei* só tem
 [farofa

Pra fazé mesmo gaiofa
 Dou-le nêle só de mão!

Idem, 117.

E as puiga de cabacinho
 Sirvia p'ra muitos má...
 Dêxava o *freguei* novinho,
 Cum talento pra brigá.

Idem, 146.

No dia qui o *nêgo* casa
Déve butá seu rijume.

Idem, 12.

Dispois qui fôro discubrido os tá microbe
Qui acatrusa os rico e os pobre
Cumo iscreve os sabichão;
Esses bichinho qui prô *nêgo* ficá bambo
Rói os figo, rói o istambo,
Rói os bofe e o coração.

Idem, 146.

176. Ha uma expressão impessoal também muito usada pelo povo e que as classes cultas desconhecem: *é-como lhe vai?*

Prende-se essa forma á syntaxe classica e Gil Vicente a emprega.

CASOS OBLIQUOS DO PRONOME

177. Muito embora o dialéto empregue com frequencia o nominativo do pronome, não aboliu o emprego dos casos obliquos. *Mim, me, te, nos, vos, lhe* são também usados. *O, a, os, as*, pelo contrario, desapareceram completamente.

O *lhe* é empregado em função de objeto direto e indireto.

Antenor Nascentes que verificou a mesma construção no Rio de Janeiro, diz a respeito: “Assim como os pronomes *me*, *te* (e também *nos vos*) exercem as funções de objeto direto e de objeto indireto, por analogia, *lhe* que exerce só a de indireto, por terminar do mesmo modo que os outros, passou também a exercer a de objeto direto” (50).

O fenomeno linguistico do nordeste é identico ao do Rio de Janeiro. *Lhe* é usado como dativo e como acusativo.

Não só na classe inculta ha essa construção; a indecisão atingiu também as pessoas instruidas, que frequentemente empregam *lhe* como objeto direto: “Eu *lhe vi* hoje saindo do cinema”.

Influe para isto a necessidade de clareza. *Lhe* e *o*, *a*, *os*, *as*, indicam a 2.^a e a 3.^a pessoas: *Dei-lhe* um livro. Antonio? *vi-o hontem*. (3.^a pessoa). Meu caro, venho *pedir-lhe* um favor. *Eu o vi* hoje saindo do cinema (2.^a pessoa-você).

A dualidade das formas *lhe* e *o* para uma só relação gerou a confusão no seu emprego. A linguagem usual encontrou o remedio na especia-

(50) Antenor Nascentes — “O linguajar carioca em 1922”
pg. 67.

lização. *Lhe* passou a indicar a 2.^a pessoa e o a 3.^a.

Eu *lhe* vi = eu vi você

Eu o vi = eu vi ele

A poesia popular é uma fonte inesgotável de exemplos do *lhe* como objeto direto:

Porque, si eu saí lá fóra,
Seu Alfere,
Sei que *lhe* encontro sozinho.

Cantiga do Villela, "Cantadôres", 40.

Se lembre dos nove mez
Que sua mãe *lhe* carregou,
Fôro nove mez de ventre,
Fôro nove mez de dô!
E afinal um bello dia
A partêra *lhe* pegou;
Segurou c'as duas mão
C'as duas mão segurou;
Numa bacia de prata
Com coidado *lhe* banhou
Numa tuáia de renda
Com coidádo *lhe* enrolou,
E um barretim enfeitado
Na cabeça *lhe* amarrou:
Vosmincê tava chorando
Sua mãe *lhe* acalentou.

Anselmo Vieira — Idem, 206.

Senhora dona da casa
 Saia fora do copião,
 Que os cantadô da ribêra
 Querem todos *lhe* louvã.

Gustavo Barroso — “Terra de sol”.
 237.

COLOCAÇÃO DOS PRONOMES

178. Onde a sintaxe do pronome obliquo mais se alterou, no dialeto, foi na topologia.

A colocação dos pronomes no nordeste é a do Brasil, em geral: diversa da portuguesa e tão certa na sua divergencia quanto a lusitana. É que a nossa colocação obedece, como observa Said Ali, a exigencias foneticas; é uma função do ritmo e portanto é logica e natural dentro do equilibrio da nossa frase.

179. Pode-se iniciar periodo com pronome obliquo.

É essa a regra geral da colocação em todas as classes; não só no nordeste, como no resto do Brasil.

Me mande pr'o Piôhy
Me venda a trôco de gado.

“Cantadôres”, 211.

Se vendo o compadre pobre
Naquella vida apertada...

"Violeiros do Norte", 126.

Me dê certinha a lição
Me diga qual o vivente
Que tem cinco coração.

Idem, 217.

"*Me* desculpem, mas eu não posso deixar de dar a palavra ao meu amigo".

Jorge de Lima, "Dois ensaios", 101.

"*Me* dê uma fumaça".

"Bagaceira", 1170.

"Você já viu que tanto cheiro? *Me* diga só".

Idem, 67.

"Arta! Não me pinique! *Me* largue de mão"!...

Idem, 88.

"*Se* levantou da cama e com um gesto, esse sim"! !

Mario de Andrade — "Macunaima",
61.

"Foi gente! *Me* mostra quem era"! !

Idem, 64.

“*Me* escondam, padres”!

Idem, 175.

Me deixou em cima da cama com a barriga rachando, e damnou-se.

Lins do Rego — “Menino de engenho”, 60.

180. Nas locuções formadas de verbo auxiliar seguido de um infinito, o pronome, em geral, fica entre os dois:

“Meu patrão vou *lhe* dizê:

Lá no ceu tem seu assento”...

Anselmo Vieira — “Cantadôres”, 212.

“Tou amarelo de vê *se* dizê:”

Idem, 338.

“Tudo isso foi *se* offrecê, dizendo”...

Idem, 339.

“Quem foi que já viu *se* mettê marcha em
[besta”?

Idem, 350.

“Home você querará *me* matá”?

Idem, 353.

“Sabe *me* dizê si aproveitáro o couro della”?

Idem, 355.

181. A’s vezes, entretanto, o pronome se pospõe também ao infinito.

Santo Antonio tem um vintem
As almas um Padre-nosso
Pr'êsse nêgo arremetê
Que eu quero quebrá-lhe os ósso.

Maria Tebana — “Cantadôres”, 215.

Vou fazê-lhe uma pergunta
Pra você me distrinchá.

Idem, 216.

Essa indecisão topologica atinge o pronome em todos os casos em que houve modificação dialetal, excetuada a colocação inicial na frase, que é constante.

182. Nas clausulas adjetivas com *que*, é vulgar a colocação correta do pronome:

Estou virge de ver no mundo
Cantador *que me* adimire.

Romano — “Violeiros”, 78.

Ouve-se entretanto, também: a muié *que enterrou-se* hoje de manhã, morreu de uma dô de banda, lá nela”.

Ferino Jurema, cantadôr, em carta a Romano, diz:

Quero te contar, Romano,
O *que tem-me* assucedido.

“Violeiros do Norte”, 72.

183. Da mesma maneira é comum a má colocação em frases negativas e depois do participio passado.

No numero de 12 de Maio de 1933, do centenario "Diario de Pernambuco", encontro: "Hontem ás 3 horas, dirigiu-se á casa da ex-companheira *não encontrando-a* em casa".

"O Estado", jornal de Maceió do mesmo dia, em letras gordas, assim intitula uma noticia: "*Teria lançado-se* ao mar o pobre homem?"

184. É comum lêr-se: *vende-se flores, concerta-se calçados*, em taboetas e letreiros. É a syntaxe geral mesmo nas classes cultas. Não existe, em tais casos, de forma alguma, a intuição do *se* apassivador.

185. Os verbos pronominais são reforçados com mais um pronome: "O home *se danou-se* cum a histora".

Rir-se, devido a essa tendencia, transforma-se entre o povo, no verbo *sirrir*:

"Deixe de está *sirrindo*, creatura". "Eu estava *sirrindo*, por isso apanhei".

Sente o matuto, entretanto, que é errado esse emprego e, quando capricha em falar certo, emprega *sorrir*, pela semelhança entre os dois termos.

“Corto-te o beijo de cima
Faço *sorrir* sem querer”.

Sgverino Perigo — “Violeiros”, 86.

CONSTRUÇÃO

186. Na construção da frase, o matuto usa com frequência de transposições e anacolutos. A contaminação sintática é também muito comum. Sua linguagem tem por vezes verdadeiro sabor classico.

Nos desafios, e emboladas a urgencia do im-proviso estabelece o cruzamento das construções, coisa também vulgar na conversação.

Camões empregou:

“e bem parecem
Que nunca brando pêntem conheceram”.
“Lus.”, VI, 17.

Cruzamento de duas construções: *parecem nunca ter conhecido brando pêntem, e parece que nunca brando pêntem conheceram.*

Diz Serrador, vate popular pernambucano:

Angú de milho e feijão
Que macassa é seu nome,

E' justamente o que come
Sertanejo no sertão.

Caetano Baptista, 41.

Ha duas sintaxes cruzadas: *angú de milho e feijão que tem nome de macassa e angú de milho e feijão que é chamado macassa.*

Do mesmo tipo:

Si vem prendê o Villela
Eu sou de accordo é voltá".

Cantiga do Villela, "Cantadôres", 37.

Epifanio Dias (51) cita o seguinte exemplo de Herculano, em Eurico, 163: "*As outras, que as azas do anjo Azrael se estendam sobre seus cadaveres*", e explica o anacoluto: "pôr no principio de uma clausula (ou membro de clausula), sem ligação grammatical, a designação do objeto, a respeito do qual vem depois um asserto".

Romano, rapsôdo curumba, bravateia, em desafio com Inacio da Catingueira:

Ignacio, as tuas façanhas,
Eu dellas não faço conta.

Caetano Baptista, 60.

(51) "Sintaxe Historica Portuguesa", pg. 352.

Dos poetas que aqui tem
O que fôr de mais conceito
Eu pegando elle a meu geito
Ou quebra, ou papóca, ou vem.

João Martins de Ataíde, poeta popular pernambucano. — “Violeiros do Norte”, 58.

Quem mais alto quer subir
E nas nuvens quer pegar,
As estrella estão se rindo
Da queda que *elle* vai dar.

Francisco Romano, vate parahybano — Idem, 78.

“O mestre Candido, com uma cuia de agua de cal deitando nas tachas”...

Lins do Rego — “Menino de engenho”, 23.

“E a velha Sinházinha, replicando que era por isso que os meninos de Emilia ninguem podia com elles”.

Idem, 39.

“O marizeiro que ficava embaixo, a correnteza corria por cima delle”.

Idem, 44.

Julio Moreira formula assim outro tipo de anacoluto: “Nas orações relativas em que o rela-

tivo deveria ser precedido de uma preposição, omitte-se frequentemente essa preposição que é depois empregada com um pronome pessoal, para exprimir a mesma relação, no meio, ou no fim da frase” (52).

É construção usadíssima no nordeste:

Mandei fazer um sobrado
De vinte e cinco janella,
Pra botar uma menina
Que ando com o sentido *nella*.

“Violeiros do Norte”, 20.

Amanhã vou-me embora
Hoje estou-me aviando
O cavallo *que* vou *nelle*...
Está no campo se criando.

“Cantos populares do Brasil”, Apud
Eladio Ramos — Rev. da Língua
Portuguesa, n. 44.

COMPARATIVO

187. Como já vimos ao tratar de Graus, o comparativo no dialeto é analítico: *mais grande*, *mais ruim*, *mais pequeno*. O povo desconhece o comparativo organico. Combina, porém, a for-

(52) Julio Moreira — “Estudos da Língua Portuguesa”, pg. 44.

ma sintetica com a analitica e diz: *mais mió, mais pió, mais maió, mais menó. Mais grande, mais pequeno* são formas vernaculas encontradas com muita frequencia nos escritores da lingua. Melo Carvalho, na "Revista da Lingua Portuguesa" n. 6 do ano I.º, traz vasta copia de exemplos:

"e a outra Fructa veio... e acodio logo alli com outra *mais grande*"...

Eannes de Zurára — "Coleção de Livros Ineditos de Historia Portuguesa", vol. III, 517.

...entre estes Mouros andava hum não *menos grande* em linhagem...

Idem, vol. II, 254.

...que o Regimento dos dito Regnos assi na justiça, come em todallas outras cousas da mayor ataa *mais pequena*.

Fernão Lopez — "Coleção de Livros Ineditos de Historia Portuguesa, vol. IV — 471.

...e esta com vinho do *mais pequeno* mandava ajuntar e dar a hum pobre.

Frei Luiz de Sousa — "Vida de Frei Bartholomeu dos Martyres", I, 78.

Considere, senhor, que esta é a primeira acção em que V. A. hade adquirir nome de *mais* ou de *menos grande* principe.

Antonio Vieira — "Cartas", I — II.

Quanto esta he *mais pequena*, tanto une mais os seus filhos.

Padre Manuel Bernardes — “Nova Floresta”, Vol. I — 262.

Além dos citados, são tão numerosos os exemplos de escritores, como Francisco José Freire, Alvaro de Brito, frei Cristovão de S. Boaventura, Garcia da Horta, Dom Duarte, Rui de Pina, Fernão Mendez Pinto, Bernardim Ribeiro, Alexandre Herculano, etc., que somos tentados a afirmar ser essa forma do comparativo dialetal um remanescente da linguagem anterior á reação erudita do seculo XVI.

Até a curiosa construção *muito otimo* vai encontrar paralelo nada menos que em Latino Coelho:

“O estoico valor e a resolução inquebrantavel, com que Humboldt se offerecia como victima ao culto da sciencia, não desmerecia no *mais minimo* o conceito que... etc.

Latino Coelho — “Elogios Academicos”, vol. II, 340.

O povo não sente a força dos comparativos e superlativos organicos.

Daí dizer *muito otimo*, *muito pessimo*, porque os vê como positivos. Mesmo assim, são usa-

dos muito raramente. É comum também a maneira de dizer: *está mais melhorsinho*, em que existe a mesma ignorância do comparativo organico. Gil Vicente empregou *tão altissimo*.

E irão suas criadas
Num lagar de azeite todas
Sem crenchas, descabelladas
Como selvagens pasmadas
De *tão altissimas* vodas.

II, pg. 412. Apud J. Moreira, Obr. cit.,
66.

Ha também uma forma de superlativo feita com o comparativo analitico: "Que homem *mais pau*"! que sujeito *mais grosseiro*".

Dizem também *mais menos* como dizem *mais menó*.

Inté cachorro surrado
Anda *mais meno* na rua:

M. Nacre, O. c., 14.

NEGATIVAS

188. As negativas, no dialeto, vem sempre duplicadas na frase, colocadas antes e depois do verbo.

Em vez de *não quero*, diz-se *não quero não*.

“Tem tres vintens de troco ahi? — Nhôr não, que inda hoje *não* me deram *nada*. — Pois, si não tem troco, *não* tenho esmola *não*.”

“No tempo de Lampeão”. 124.

“*Não hai* home mais home do que outro *não*”.

“Cantadores”, 339.

Zefinha, eu lhe digo o passo,
Que tem lá no meu sertão
Que dança só enrolado
E solto *não* dança *não*.

“Cantadôres”, 31.

“*Não* tem nada *não*, moço.

J. A. de Almeida — “Bagaceira”, 22.

“Mas se encontrasse Pascal, *não* gostava *não*.”

Jorge de Lima — “Dois ensaios”, 113.

O povo não sente a força da negativa antes do verbo e a acentúa repetindo o adverbio no fim. Talvez inflúa nisso uma questão tambem de fonetica e de ritmo: a sonoridade do monosilabo *ão* arrasta para o final a tonicidade da frase.

Ha alguns raros exemplos desse emprego no português arcaico:

Este serão glorioso
Não he de justiça, *não*.

Gil Vicente — “Auto da Barca do Purgatorio”; Apud Amadeu Amaral — “Dialeto Caipira”, 65.

189. Essa necessidade de reforço da negativa, na linguagem matuta, faz-se sentir igualmente depois de outra palavra de valor negativo.

“*Ninguém* não vê nem um pé de canna”.

Lins do Rego — “Menino de engenho”, 146.

— “E eu sei lá? E’ gente como quizer! *Ninguém* conta *não*”.

“Cantadores”, 338.

Eu senti a morte delle
 Que *ninguem* *não* esperava.

Silvino Pirauá — “Violeiros do Norte”, 77.

Tambem Gil Vicente nos apresenta exemplos dessa construção:

Segundo isso,
Nenhum velho *não* tem siso natural.
A ninguém *não* me descubro.

E Garret:

Por esta ribeira fora
Ninguém não no viu passar. (53)

Antenor Nascentes apresenta dois exemplos:

“Posto que *nada non vissem*”.
 Zurara — “Cron. de D. Pedro”, 237.

“Como pode ser assim, disse elle, se *nunca jamais ninguém não* viu estarem homens a contemplar o proprio nariz”?

Machado de Assis — “Braz Cubas”,
 cap. 50.

190. Ainda a necessidade de reforçar a negativa aparece nos exemplos seguintes que registam a linguagem popular nordestina:

“Sim, que eu *não* deixasse de *não* vi”...
 “Cantadores”, 331.

“E ainda affirmava: *Não* deixa de *não* ser”...
 J. A. de Almeida — “Bagaceira”, 168.

A frase assim constituída destroe no segundo termo a negativa contida no primeiro, mas é assim mesmo que o matuto exprime a negação.

(53) Exemplos apud Eladio Ramos — “Rev. de Lingua Portuguesa”, pg. 44.

Não se deve procurar na negativa dialetal influencia da lingua arcaica. E' um fenomeno surgido dentro do quadro da nossa propria evolução linguistica.

191. Na resposta afirmativa começa-se a frase sempre com o verbo. "Você vai hoje? — Vou sim". Na negativa, sempre pelo adverbio. "Que horas são? — Não sei; não digo". A maneira mais vulgar de negar, porem, como já foi dito, (ver o numero 188) é repetir no fim da frase a negativa que a iniciou. "Que horas são? *Não sei não*". Falando em tom de respeito, em que é de regra o emprego da palavra *senhor*, abreviada em *inhôr*, o povo emprega e só nesse caso a negativa posposta, sem a duplicação: *inhôr não*. E' isso antes uma expressão petrificada, tanto que conserva o *r* final de *inhôr*, abolido completamente da prosodia dialetal.

"Os senhores são todos do Cariry? *Nhôr não*.
Aqui tem gente de toda parage.

"Cantadores", 339.

Ha no sul e Cornelio Pires o documenta, a forma de tratamento *nhô*: *Nhô Lau*, *Nhô Mane-co*, *Nhô João*, *Nh'Ana*.

No nordeste não existe essa forma. O nosso *nhôr*, da negativa, só é usado nesse caso, e da forma acima explicada. O tratamento vulgar correspondente ao *nhô* paulista é *seu* e *siá* (*ia* em ditongo), ou *sá*.

Sinhô, de *senhor*, fez surgir o feminino *sinhá*. Não ficou porem aí a simplificação.

Na prosodia africana, *sinhá* e *sinhô* passaram a *siá* e *siô*. *Siá* fez surgir também a forma *sía* que ainda hoje é vulgar, ao lado de *sá*.

Siá arrastou, talvez, o correspondente masculino que, por influencia do possessivo, se transformou em *seu*.

Podemos seguir, assim, a evolução das duas palavras:

<i>sinhô</i>	<i>sinhá</i>
<i>siô</i>	<i>siá</i> e <i>sía</i>
<i>seu</i>	<i>sá</i>

"Em seio como é... *Siá* Gabriella não quer graças não"!

Mario Sette — "O vigia da Casa Grande", 87.

Yoyó e *Yayá* deturpação africana de *sinhô* e *sinhá* hoje já são apelidos familiares. Só conservam reminiscencia do tratamento respeitoso de

senhôr na boca dos raros remanescentes da escravidatura.

· O *nhô* paulista talvez vá entroncar-se nas formas dialetais ibero-americanas *ño*, *ña*. Em todos os países de lingua hespanhola do nosso continente, encontram-se as duas formas e, bem pôde a expansão paulista das bandeiras ter trazido para o seu dialeto o *nhô* e *nhá* ainda hoje em uso nas terras de Piratininga.

192. O adverbio *já*, em principio de frase afirmativa, repete-se tambem nõ final dela.

Analogia com igual construção das frases negativas.

“Deu um pulo ali na rua. *Já vem já*”.

J. A. de Almeida — “Bagaceira”, 102.

“Eu *já* volto *já, já*.”

Idem, 126.

193. A negativa construida com o adverbio *já* não é conhecida no falar nordestino. Não dizemos *já não quero* e sim *não quero mais*.

E' de uso geral no país, creio eu; já atingiu a literatura e, si não a gramatica, os gramaticos, tendo sido empregada essa construção pelo grande mestre João Ribeiro.

"De quatro coisa no mundo
Já gostei, *não gosto mais*"...

Luiz Dantas Quesado — "Viroleiros do Norte", 9.

"*Não vejo mais* onde tenha
Sinão dentro das cadeias"...

José Patricio — Idem, 193.

"Se a mulher *não era mais* virgem, se livremente consentiu"...

Viveiros de Castro — "Os delictos contra a honra da mulher", 61.

VERBOS

194. Como no resto do país, o verbo *ter*, assume no nordeste função de impessoal. Em todas as classes, mesmo entre pessoas cultas, *ter* tomou o lugar de *haver*. Não é mais um solecismo de ignorantes: é a linguagem usual de todos, empregada tranquilamente, como coisa legítima.

"Nunca *teve* quem subesse
As volta que o mundo dá".

Anselmo Vieira — "Cantadores", 213.

"Vou fazê-lhe uma pergunta
Pra você me destrinchá,
Quero que me diga a conta
Dos pêxe *que tem* no má".

“Você vá cercá o má
Com moeda de vintem
Que eu então lhe dou a conta
Dos pêxe que nelle *tem*.”

Maria Thebana e Manoel do Riachão.
“Cantadores”, 216.

“Nesta minha fala *não tem* nenhum jacobinismo nem resquicio algum de má vontade ao estrangeiro... *Não tem não*”.

Jorge de Lima — “Dois ensaios”, 132.

“Aqui *tem* muita gente mesmo”.

Alcantara Machado — “Brás, Bexiga e Barra Funda”, 33.

“Amanhã *tem* baile na Sociedade”.

Idem, 36.

“No céu escampado da noite não *tinha* uma nuvem nem Capêi”.

、 Mario de Andrade — “Macunaima”, 141.

“Aqui é bom porque não *tem* aula, não *tem* professora”.

“Menino de engenho”, 144.

Isto é a lingua que todos falamos e que só agora começa a ser escrita. Antenôr Nascentes apresenta, como genese dessa substituição dialectal, um cruzamento de syntaxes: *na bica não ha*

agua + a bica não tem agua = na bica não tem agua.

195. O verbo *haver*, quasi desaparecido do dialeto, entre outras poucas flexões, conservou a do indicativo presente 3.^a pessoa, *ha*, que é pronunciada *hai*.

“Não *hai* home mais home do que outro não”.

“Cantadores”, 339.

Hai quem diga: — o amô é cego.

Eu potresto: — cego, não!

Vê bem na quilaridade

Cumo vê na iscuridão.

“Fuloreios”, 10.

Inté cachorro surrado

Anda mais meno na rua;

Mas im gente sem-vergonha

Não *hai* nada qui infulúa.

Idem, 14.

Na fazenda de meu pai

O periquito tem comido

O preá tem destruido

Milho e feijão que alli *hai*.

“Terra de sol”, 245.

Ha quem queira vêr na forma matuta *háí*, uma contração de *ha í* (aí), tão vulgar na lingua arcaica. (Em francês *il y a*)

Não será antes um alargamento feito por analogia com o indicativo presente de *fazer, trazer, sair, cair*, etc.?

O povo, na realidade, não tem consciencia do adverbio quando pergunta: *o que hai no engenho?*

O perfeito desconhecimento da idéa adverbial resalta da conversação corrente do matuto, como é evidente nos exemplos acima. *Traz, faz*, como *inglês, mês, fiz* e todos os nomes terminados em *az, ez, iz*, etc., (v. numeros 16 e 18) alargam-se, tomando um *i* depois da tónica. *Traiz, faiz, ingleis, fiiz*, etc.

Assim fala a classe culta. Os matutos e iletrados eliminam o *s* final e pronunciam *inguêlei, mêi, fii, trai, fai*, pois, no dialeto, nenhuma palavra termina por consoante, a não ser o *s* indicativo de pluralidade.

Um documento claro dessa pronuncia é a seguinte quadrinha:

A véia qué sê minina
O véio qué sê rapai
Por isso que ambos os doi
Cachimba, cuchila e cai.

Da pronuncia das classes cultas, ha a conhecida estrofe de Casemiro de Abreu:

Livre filho das montanhas,
Eu ia bem satisfeito
Da camisa aberto o peito
Pés descalços, braços *nús*,
Correndo pelas campinas,
A' roda das cachoeiras,
Atrás das asas ligeiras
Das borboletas *azuis*.

Hai é pois uma forma alargada de *ha*, por analogia com *traí, fai, vai, sai, cai*.

196. A analogia influe vastamente nos verbos dialetais, como já vimos no lugar proprio. O verbo *saber* no indicativo presente é *seio*. A quasi totalidade dos verbos portugueses termina em *o* a primeira pessoa daquele tempo. O povo não permite que o verbo *saber* fuja á regra. E' ainda a analogia que transforma *és* em *sois*.

P'ra reargi cabra de peia, os mais arisco
Sou relampo, sou curisco
Nem eu *seio* o qué é qui sou.

M. Nacre — "Fulôreios", 116.

Não vi nem *seio* qui atrivido tão ousado
Se laigou dos seus coidado
E a candeia ispatifou...

“Fulôreios”, 132.

Coração de pedra dura,
Deixa de tanto cantar
Tu também *sois* creatura
Tem pena do meu penar.

“Violeiros do Norte”, 34.

197. O verbo *haver*, que perdeu toda a vitalidade e que só aparece em formas esteriotipadas, conservou a função impessoal na 3.^a pessoa sing. do ind. presente através de uma forma curiosa e imprevista.

Vejamos os documentos escritos:

“Afimal annuii: — *E'* de se dar um geito. Toma-se o mocambo de Xinane”.

J. A. de Almeida — “Bagaceira”, 24.

Si eu *é* de andar mais mundiça
Mais ante eu quero andá só.

Pedro Nonato — “Cantadores”, 95.

Mas si *é* de quebrá-me a porta,
Seu Alfére,
Eu vou abri que *é* mió.

Cantiga do Villela — Idem, 39.

Evidentemente o *é* dos exemplos dados representa a forma *ha*.

A substituição de *haver* por *ter* terá sido o primeiro impulso da metamorfóse, diminuindo a capacidade de resistencia da palavra. O verbo *ser*, o mais usual na conversação e que mais serviços presta na troca cotidiana de idéas e impressões, foi na forma correspondente da 3.^a pessoa, *é*, o substituto natural de uma flexão verbal enfraquecida e quasi isolada no dialeto.

Transformado em *é*, conservou entretanto o *ha* a exata função impessoal.

A lingua culta tem precedentes da mudança do *á* em *é*: *alacrem*, latim, deu *alégre* em português.

198. E' clara a tendencia nas pessoas de meia cultura para o emprego do verbo *haver*, no plural, em frases de singular: "*Houveram* hontem duas mortes".

Com o verbo *fazer*, usado impessoalmente, essa tendencia é ainda mais geral. Sente-se menos a impessoalidade do verbo do que com *haver*, e daí o emprego muito comum de frases assim: "*fazem* duas horas que eu grito".

O povo inculto, no caso, emprega corretamente o verbo *fazer*, não por acerto sintático, mas pela simplificação morfológica de sua conjugação: *eu faço, tu fai, ele fai, nós fai, voís fai, eles fai*.

199. A simplificação dos verbos, no dialeto atinge também a sua classificação. O povo vai abolindo as regências. Assim, o verbo *gritar*, intransitivo, regendo *por*, é transitivo no dialeto: *Grite o boi*, ordena o senhor de engenho ao carreiro, quando um boi manhoso não quer puxar o carro.

“O delegado *gritou o homem* na minha presença”, isto é, deu gritos no homem.

Duvida-se alguém e não *de alguém*.

Fico fora da razão

Quando um homem *me duvida*.

“Violeiros do Norte”, 95.

200. Em todas as classes é geral o emprego do gerúndio, em vez de infinito regido de *a*: é sintaxe comum a todo o país.

...e vejo-a assim, *tomando* conta de mim, *dando-me* banhos e *me vestindo*.

“Menino de engenho”, 14.

“E era com olhos de deslumbrado que olhava então aquelles sitios, aquellas mangueiras, e os meninos que via *brincando* por alli.

Idem, 22.

Os moleques corriam para o terreiro coberto de ramas de mulatinho *seccando*.

“Menino de engenho”, 165.

Acordei com os passaros *cantando* no gamelleiro.

Idem, 178.

Amadeu Amaral e Antenor Nascentes observaram-na em S. Paulo e no Rio. Como diz o primeiro, a construção de nossa frase é a quinhentista e seiscentista. E apresenta os seguintes exemplos tirados da Vida de Dom Frei Bartolomeu, de frei Luis de Souza (54):

“...ia *fazendo* materia de tudo quanto via no campo e na serra para louvar a Deos; ofereceu-se-lhe á vista não longe do caminho... um menino pobre, e bem mal reparado de roupa, que vigiava umas ovelhinhas que ao longe *andavam pastando*”.

(54) A. Amaral — “Dialecto caipira”, pg. 60.

O emprego do gerundio pelo infinito regido de *a*, é entretanto syntaxe ainda vigente no português de Portugal, conquanto pouco vulgar.

A segunda forma é rarissima no Brasil.

201. Não ha no nordeste o horror ao subjuntivo que Antenor Nascentes verificou na pronuncia popular carioca. O imperativo negativo, aqui, é feito regularmente com o subjuntivo e não com o indicativo, como no Rio. Diz-se assim: *não faça isso, menino; não chore.*

E' completamente extranha, aos ouvidos cidadãos do nordeste, construção como a seguinte:

“Não vira pra trás, Bianca”.

Alcantara Machado — Obr. cit., 35.

“Não olha pra ele que eu armo já uma encresca”.

Idem, 36.

Entre o povo, onde é comum o tratamento da 2.^a pessoa, o imperativo é correto. *“Vem cá, menino”.*

Por analogia, o imperativo negativo toma também a forma do indicativo: *“Tu não vem cá; deixá de bestêra cumigo”.*

Com o verbo *poder*, ha mesmo uma expres-

são subjuntiva petrificada no dialeto. “*Possa sê que eu vá amenhã*”.

A afirmação dubitativa peculiar ao subjuntivo levou para esse modo o verbo da locução, pela sua significação de duvida, embora o emprego regular fosse com o indicativo: *póde ser...*

202. Com verbos de *movimento* emprega-se *em* — preposição de estada.

Essa construção, segundo Julio Moreira (55), vai entroncar-se na sintaxe latina do *in* com acusativo. O *in* latino indicava não apenas a aproximação, mas a entrada, o repouso no lugar.

O português arcaico tem muitos exemplos dessa construção, hoje abolida da lingua classica, que adotou para o caso a preposição *a*, do latim *ad*. Esse uso de *em*, com verbos de movimento, é geral no nordeste, em todas as classes. Em todo o Brasil, creio.

Eu não *vou na* sua casa
 Você não *venha na* minha.
 Você tem a boca grande
 Vem comêr minha farinha.
 “Musa popular”.

(55) Julio Nogueira — “Estudos da Lingua Portuguesa”
 pg. 129.

"Eu quando quero *ir na cidade baixa*"...

"No tempo de Lampeão", 89.

"Diga uma cousa Iolanda. Você *vai* hoje *na* Sociedade"?

Antonio Alcantara Machado — "Brás, Bexiga e Barra Funda", 98.

"*Vem aqui no quarto*".

Idem, 125.

"Então você não *vai* amanhã *no enterro*"...

Idem, 27.

"*Desceu-se no fundo outra vez*".

J. A. de Almeida — "Bagaceira", 80.

"Estas historias chegavam *na* cozinha, onde ninguém duvidava".

"Menino de engenho", 172.

"E nós chegavamos *nos* cajueiros e ficavamos nas folhas seccas, dormindo".

Idem, 145.

"Chegava gente *na* porta para ver o homem em disparada".

Idem, 181.

O povo emprega o verbo *estar* sempre com *em* e as pessoas cultas ora com *em*, ora com *a*. No Rio observa-se a mesma cousa.

203. Era vulgar no português arcaico a conjugação perifrástica. E' muito comum tambem no nordeste: *não vá bulir por não bula*.

Adispois, eu acho que seu Pinheiro Machado qué que *nós vá fazê* um serviço co' Dantas Barreto no Pernambuco"...

"Cantadores", 339.

Exemplo mais curioso encontro na mesma pagina, onde se vê que a forma *havéra* é um termo petrificado no dialeto.

"Que nestas 'era dagora *havéra de havê* uma pendenza, que prinspiava no sertão e ia acabá na pancada do má".

Idem.

204. O verbo dar, em certos casos, rege a preposição *em*, o que altera a sua classificação de transitivo relativo". "Dou 20\$000 *nesse chapéu*, em vez de *por esse chapéu*".

Pedir segue a mesma syntaxe e rege, *em*, em lugar de *pôr*; mas toma tambem uma acepção particular, uma especialização de sentido.

"*Peço* 50\$000 *no* cavalo". Compreende-se que, numa troca, pede-se 50\$000 de volta.

205. *Cair num engano*, conserva no nordés-te, a mesma acepção quinhentista empregada por Camões.

Eu, que *cair* não pude neste engano,
(Que é grande dos amantes a cegueira).

“Lus.”, V, 54.

Cair no engano significa aí *dar pelo engano*, tomar conhecimento dele.

Diz o matuto: “Eu ontem quebrei pula varêda, qui quano vim *caí no engano* já tinha andado meia legua”.

206. Os verbos em *iar* tomam todos um *e* antes do *i*, no indicativo e subjuntivo presente e no imperativo, por analogia com os verbos em *ear* que tomam um *i* eufónico nos mesmos tempos.

207. Nas emboladas, cocos e desafios, é vulgar começar-se o verso com — *diz que*. — Corresponde a *diz-se*, indefinido, e é de uso muito generalizado. No Amazonas é correntissimo, como se vê pelo livro de Raimundo de Moraes: “Meu dicionário de coisas da Amazonia”. Filia-se á syntaxe do velho português e é vulgar entre o povo de Portugal.

OUTRAS PECULIARIDADES SINTATICAS

208. É de todas as classes o emprego do *que* interrogativo precedido do artigo. Sintaxe condenada pelos gramaticos, é corrente em todo o Brasil e, no nordeste, daquelas que, pela sua vulgarização, não será possível erradicar da linguagem.

Ruy Barbosa e Said Ali trataram do caso que, para o ultimo, além de razões de ordem fonetica, tem a explica-lo o uso do artigo na pergunta indireta, abrindo caminho para forma identica na pergunta direta.

Perguntou o que foi, realmente, explica bem a adoção da interrogativa, *o que foi?*

Em Herculano, Garrett, Sá de Miranda, Camilo, encontra-se a sintaxe malsinada pelos gramaticos. O matuto, mesmo sem conhecer os classicos, só emprega a pergunta direta com o artigo anteposto.

209. Em alguns lugares de Portugal, no Alandroal, por exemplo, segundo Epifanio Dias, usa-se *pode que* em vez de *pode ser que*.

É tambem muito comum essa construção en-

tre o povo do nordeste: *pode que ele venha* é a frase para significar *pode ser que ele venha*.

210. *Todo, toda, todas, todos* são substituídos por *tudo*. Este, muitas vezes, pela significação coletiva leva o verbo para o plural: “tudo corrêro quano o boi se soltou-se.”

Luiz Dantas Quesado diz dele proprio:

O velho Luiz Quesado
Foi sempre um bicho taludo:
Nunca entrou numa zoada
Pro povo não correr *tudo*.

De Mardokêo Nacre:

Ai que sodade das patriça quando dança
Que c'as fitas amarra as trança
E c'as trança os coração:
E por S. João *tudo* cantando tão faceira
Mío assando na fogueira,
Pondo a gente bestaião.

“Fulorêios”. 123.

211. Os advérbios, preposições e conjunções, tomam significações especiais e tem empregos que são desusados na lingua culta.

Aí, no português, tem ás vezes significação de advérbio de tempo.

No dialeto é esse o seu emprego geral. *Aqui*, tem identica função.

"Ahi, eu volto pra casa"...

"No tempo de Lampeão", 173.

...*"parece que a minha dôr chegára ao extremo, porque ahi foi que chorei de verdade"*.

José Lins do Rêgo — *"Menino de engenho"*, 38.

Depressa, ella se espalhou

Por todo este Ceará!

Ahi, seguiu pro sertão

Nosso grande Emilio Sá.

Cego Aderaldo — *"Cantadores"*, 109.

"Ahi, Quincão se grudou commigo".

J. A. de Almeida — *"Bagaceira"*, 80.

"Ahi, dei de garra do quiri. O bruto entesou. Aguentou a primeira pilorada — lepo! — no alto da synagoga. Arrochei-lhe outra chumbergada. Ahi, elle negou o corpo, apragatou-se, ficou uma moqueca".

Idem, 115.

"Aqui, elle, numa explosão de mau genio, tirou-a pelo cabello, violentando-a a confessar a origem desses mimos occultos".

Idem, 190.

212. *Dereito, feito e quem* são preposições e significam *como, á semelhança de*.

A largatixa responde:

Então foi *quem* o meu...

Leandro Gomes de Barros — “Violetas do Norte”, 114.

Com você sou *quem* onça
Dando tapa num calango...

Serrador - cantor pernambucano —
“Cantadores”, 152.

“O senhor de engenho chorou *feito* um doído”...

“Menino de engenho”, 82.

213. *Mas sim* é uma locução usadíssima, com o valôr interjetivo de *bem*.

“*Mas sim*; a mei dia, na quentura do sol”...
“*Mas sim*; na janta, das 3 pras 4 horas”... “*Mas sim*; á boca da noite hora da ceia”...

“No tempo de Lampeão”. 174.

214. *Dérna* ou *dêrna*, é preposição temporal. Vem de *des* (*de ex*) na (*in illa*).

A mudança do *s* em *r* é fenomeno regular em latim, onde os imparissilabos da 3.^a declinação nos apresentam varios exemplos: *jus*, *juris* por *jusis*, *corpus*, *corporis*, por *corposis*. No diale-

to, ha o caso de *mêsmo*, que em algumas regiões do Brasil é pronunciado *mêrmo*. Em Alagôas e Pernambuco a pronuncia é *mẽmo*, forma resultante da vocalização do *s* e posterior prolação da nasalidade: *mesmo* > *meimo* > *memo* > *mẽmo*.

Dêrna é palavra corrente na lingua popular:

Eu andava atraz de ti
Dêrna do mez atrazado...

Leandro G. de Barros — “Cantadores”, 62.

Essas minha violença
 Vem *dêrna* do meu avô.

Serrador — Idem, 152.

Levantou-se um cangaceiro
 Por nome Pilão deitado,
 Esse, *dêrna* de menino,
 (Era muito exercitado.

Bernardo Cintura — “Viroleiros do Norte”, 199.

215. O *que* na conversação comum do matuto é empregado na função de conjunção copulativa, como na lingua literaria. Vale tambem por conjunção condicional e temporal:

“Eu tomei pula varêda, *qui* quando caí no engano tinha andado meia legua”; “eu não sei *qui* elle veio”...

Casae a mim com Nequinho
Que eu vos garanto um tostão.

Anonio Batista Guedes — “Violeiros do Norte”, 53.

Si o olhar fosse alfinete
E *que* dêsse alfinetada
Tu ficava furadinha
Que só renda de almofada.

Quadra popular.

“Seu Dr.; de madrugadinha, no quebrar das barra, *que* os menino vão pro chiqueiro das criações”...

“No tempo de Lampeão”, 173.

216. *Agora*, vale por uma conjunção conclusiva, no sentido de *pois*, *então*, e introduz também orações de sentido adversativo.

“Você está chorando, *agora* não lhe dou o brinquedo”...

“Eu penso assim, *agora* você pode ter outra opinião”...

217. *Onde*, *aonde* e *donde* não sofrem no dialeto a modificação de sentido decorrente da preposição juxta-posta. Dentro da orientação simplificadora da lingua popular, não poderiam, consequentemente, prevalecer as tres formas.

A confusão entre *onde*, *donde* e *aonde* não é só dialetal. Nos bons escritores portugueses, Vieira, Garrett, Castilho, os exemplos mostram a indecisão do seu emprego.

Carneiro Ribeiro e Rui Barbosa num verdadeiro luxo de erudição, apresentam-nos enorme serie de exemplos classicos onde ha confusão das tres formas:

“E os anexiristas *donde* dirão que está o ponto”?

D. Francisco Manoel — “Feira dos Anexins”, 183.

“Sobre a cabeceira *d’onde* pobremente estava encostado”.

Bernardim Ribeiro — “Menina e moça”, 200.

“A bolsa *donde* as levava mettidas estava fechada”.

Vieira — “Ineditos”, v. II — 158.

“Não tenho *donde* fugir”.

Idem, 150.

“Já inclinada pera aquella parte *donde* o esposo ia”.

Idem, 219.

“E vós *aonde* a vistes”?

Jorge Ferreira — “Eufrosina”, a. I —
cena I.

“Deus meu, *onde* me mandais”?

Vieira — “Sermões”, v. II — 253.

“A poucos passos haviam de achar o Messias.
E *aonde*”?

Idem, v. V — 119.

Que *aonde* a gente põe sua esperança

Camões — “Lusiadas”.

“Não me atrevo a tomar sobre mim o dizer
aonde ella pecca, *aonde* está o vicio”.

Garrett — “Disc. Parlamentares”, 224.

Onde te vaes, Dom Rodrigo
tão só, com tanta agonia?

A. de Castilho — “O outono”, 154.

Irão meus versos ao retiro mystico
Adonde te escondeste, procurar-te.

Garrett. — “D. Branca”, 2.

“*Onde* vaes”?

Latino Coelho — “Os solteirões”, I —
37.

No nordeste, *onde*, *aonde* e *donde* condensaram-se na forma *adonde*.

Segue-se facilmente o processo evolutivo: *onde* desapareceu bem cedo absorvido por *aonde* cuja preferencia veio da tendencia dialetal pelo acrescentamento de um *a* prostetico ás palavras.

As duas formas que restaram, *aonde* e *donde*, sôam ao ouvido como palavras perfeitas e autonomas. O povo não sente nelas a preposição. Ora, duas formas com o fim de indicar uma só idéa eram um luxo desnecessario. E as duas amalgamaram-se em *adonde*.

As relações de lugar *d'onde* e *para onde* ficaram sendo expressas pelas preposições correspondentes:

Adonde está você?

Dadonde você veio?

Pradonde você vai?

218. No antigo português, ao contrario do que se dá hoje, as circunstancias de tempo eram expressas quasi sempre sem preposição.

Vemos em Camões:

no tempo *que* a luz clara
Foge e as estrellas nitidas *que* saem
A repouso convidão quando caem.

Era no tempo seco *que* nas eiras
Ceres o fruto deixa aos lavradores.

IV — 27.

Na linguagem do nordeste é esta a pratica corrente; não desaparecem as preposições só em circumstancias de tempo; outras relações sintaticas são atingidas pelo fenomeno.

Sente-se mesmo a inclinação para o desprezo das particulas de fraco valor fonetico.

Na lingua culta ha tambem essa pratica, mas, o dialeto faz dela uma forma constante e uma maneira uniforme de falar.

Sou Gerone do Junqueiro
De fala branda e macia
Piso no chão *de vagar*
Que a folha sêca não chia.

Jeronimo do Junqueiro — “Terra do sol”, 225.

No lugar aonde eu canto
Todos tiram o chapéu;
Cada repente que eu tiro
Corre uma estrella no céu.

Inacio da Catingueira — Idem, 226

Cantadô como você
Assim cheio desse luxo,
Eu ponho o pé na barriga
E arranco o pirão do bucho.

Idem, 229.

Tropa que cerca o Villela
O resultado é morrê...

Cantiga do Villela — “Cantadores”,
37.

“Um ramo especial do crime se desenvolveu
frutuosamente *estes* ultimos anos”.

Diário de Pernambuco, edição de
14.5.932.

“Ô muié! mas ocê não vê que *vem bem dizê*
núa”!...

“Cantadores”, 335.

“Eu o amava porque *o que* eu queria fazer
elle consentia”...

Lins do Rego — “Menino de en-
genho”, 12.

“João de Umbelino mentira á vontade, con-
tando pabulagens *que* ninguem assistira”.

Idem, 50.

“Coidavam que era seca e só *que* faltou foi
morrê tudo atolado”.

“Cantadores”, 333.

Quero te contar Romano,
O que tem-me assucedido,
Logares que tenho andado...

Ferino Jurema — “Violeiros do Norte”, 72.

Me responda seu Gerome
Aonde sois moradô
Em que pruvíncia naceu,
Que Matriz se batisou.

“Cantadores”, 27.

Na manhã *que* ella não vinha
Era que o velho babão
E a rabugenta madrinha
Tinha accordado mais cedo.

Catullo — “Meu sertão”, 52.

219. Ha tambem troca de preposições, como no exemplo seguinte, em que no lugar de *a* aparece *com*.

Si estiver aborrecido
Me avise logo *com* tempo...
Mode ficar prevenido...

“Violeiros do Norte”, 113.

Com tempo, aliás, vale muitas vezes por uma locução, no sentido de *cêdo*.

220. *Muito*, na função de adjetivo indefini-

do quantitativo, vem sempre posposto ao substantivo:

“Resisti, houve bala *muita*...

“Violeiros do Norte”, 188.

“Tem gosto, sim senhor... E coragem *muita*”...

J. A. de Almeida — “A Baga-
ceira”, 232.

“E’ agua *muita*”!

“Menino de engenho”, 42.

“E’ gordura *muita*”!

Idem, 160.

É construção de uso geral em todas as classes.

221. *Proximo*, é termo desconhecido no vocabulario matuto. É substituido pela locução *qui vem*.

Diz uma quadrinha popular:

Vou-me imbora, vou-me imbora
Para a semana *qui vem*
Quem não me conhece chóra
Quanto mais quem me quer bem.

222. O adverbio de preferencia *antes* tem graus, sofre o reforço de *mais e* mesmo de *muito mais* conforme a intensidade da idéa que exprime.

Si eu é de andá mais mundiça
Mais ante eu quero andá só.

Pedro Nonato — L. Mota, "Cantadores", 340.

"Eu queria *muito mais ante* uma lazarina, dessas de passarinhá"...

"Cantadores", 340.

223. Epiphanio Dias (56) chama obscura a locução elíptica *a modo*, a que se juntam orações de *que*, syntaxe encontrada em Garrett:

"E a *modo que* procura reconhecer feições".
"Camões", 3.

O povo emprega, constantemente, essa construção, deturpada em *a mode que*, *mode que* ou somente *mode*, por analogia com *pru mode*, vindo de *por amor de*.

É vulgarissima e das mais carateristicas do falar matuto.

(56) "Syntaxe Historica Portuguesa", pg. 268.

“Mas home, ocê *mode que* não magina”.

“Cantadores”, 335.

Da serra da Borburema
Eu vejo a tua morada;
Se te avisto na jinela,
Mode qui vejo a aivorada
Mas porem si não te vejo
Tombem não vejo mais nada.

“Fulôreios”, 23.

Outra modificação já surgiu; diz-se às vezes,
mode coisa que, com a mesma significação.

“Aquillo pra cortá vara *mode coisa que* fez
foi premissa”...

“Cantadores”, 326.

Como se vê, *a modo*, do exemplo de Garrett,
bem como *mode* e *mode coisa* dos matutos, signi-
ficam — *parece*.

O sentido da locução já se sobrepôs á con-
tingencia da oração substantiva com *que*.

E vemos então frases como esta:

“Se acaba tudo e elle nem *mode coisa*”...

“Cantadores”, 335.

É paralela a outras assim: *ele nem cuma coi-*

sa... ou *e ele nem cuma*, todas significando *nem parece*...

“La no sertão muitos fazendeiros se engraçaram della, falaram até em casamento e *nem como coisa*”...

J. A. de Almeida — “Bagaceira”, 108.

224. O pronome possessivo é empregado como expletivo nas frases “*estar de seu, estava de meu*, para reforçar a déa de *estada* nos verbos *ficar, estar*, etc.

“Eu vi a hora me esbagaçar nas pedras e elle *ficar de seu*, olhando pra minha derrota”.

“Bagaceira”, 271.

Parece-me que a origem dessa expressão prende-se á frase *ter de seu* significando *possuir*, muito usada por Gil Vicente.

Houve uma translação de sentido entre a idéa de repouso que se sente em *ter de seu, possuir*, que indica a estabilidade economica, e *estar de seu* que é um reforço da idéa de repouso, carateristica dos verbos de *estada*.

O sentido pulou do terreno subjetivo para o objetivo. Tanto parece justo o raciocinio, que,

de seu, de meu, não se flexionam para o feminino. Na “Bagaceira”, (pag. 89), diz uma moça:

“Danso lá com esse trupizupe... Estou *de meu*, dando figa pra elle”.

225. Ha tambem um reforço de idéa verbal, que se consegue com a duplicação. Dá-se isso com verbos de movimento: *sair, ir, andar*, etc. “*Saiu que saiu* danado!” — “Você *andou que andou* mesmo!”

Emprega esse processo o povo, bem como as pessoas instruidas, na linguagem cotidiana.

“Nunca que eu pudesse maldar. Mas até gato e cachorro já sabiam. Fiquei encafifado. E to-quei-me pra Batalaia. *Sai que sai* feito”.

“Bagaceira”, 74.

226. Alem de *pru móde*, ou *móde*, contração de *por amor de*, para indicar circumstancia de causa, (Vide numero 124) o povo emprega com frequencia, tambem, *pru via de*.

“Silvino não morreu *pru via de* duas coisa”...

“No tempo de Lampeão”, 60.

Em Portugal, segundo Julio Moreira, ha o mesmo uso entre o povo, que lá pronuncia *por via de*. A locução exprimia a principio uma relação de lugar, (via=caminho) passou depois a indicar modo, para fixar-se hoje na significação de causa.

BIBLIOGRAFIA

- Eduardo Carlos Pereira — *Gramatica Historica da Lingua Portuguesa*.
- Amadeu Amaral — *Dialecto Caipira*.
- Antenor Nascentes — *O linguajar carioca em 1922*.
- Darmetester et Hatzfeld — *Dictionaire general de la langue française*.
- Albert Dauzat — *La philosophie du langage*.
- Jorge de Lima — *Dois ensaios*.
- João Ribeiro — *Historia do Brasil — Selecta Classica*.
- Thomaz Espindola — *Geographia Alagoana*.
- Frei Santa Maria Jaboatão — *Novo orbe serafico Brasileiro*.
- Revistas do Instituto Archeologico e Geographico Alagoano*.
- Revistas do Instituto Historico e Geographico Pernambucano*.
- Sousa da Silveira — *Lições de Português — Trechos selectos*.
- Mario Melo — *Toponymia Pernambucana*.
- Pero de Magalhães Gondavo — *Tratado da Terra do Brasil*.

Clovis Monteiro — *Português da Europa e Português da America.*

Fernandes Gama — *Memorias Historicas da Provincia de Pernambuco.*

Domingos de Loreto Couto — *Desagravos do Brasil e Glorias de Pernambuco.*

Teodoro Sampaio — *Revista de Philologia e Historia* I, 470.

Mardokêo Nacre — *Fulôreios.*

Antenor Nascentes — *O Idioma Nacional.*

Gonçalves Vianna — *Ortografia Nacional.*

P. Savj-Lopez — *Le origine neo-latine.*

Dr. J. Leite de Vasconcelos — *Textos arcaicos.*

J. J. Nunes — *Chrestomatia archaica.*

José Americo de Almeida — *A bagaceira.*

Leonardo Mota — *Cantadôres — Violeiros do Norte — No tempo de Lampeão.*

Virgilio de Lemos — *A lingua portugueza no Brasil.*

José Lins do Rego — *Menino de engenho.*

Trilussa — *Nove poesie.*

D'Ovidio — Meyer Lübke — *Grammatica storica della lingua e dei dialetti italiani.*

M. de Oliveira Lima — *Pernambuco, seu desenvolvimento historico.*

Fernão Cardim — *Narrativa epistolar.*

Rocha Pombo — *Rev. de Philologia e Historia*, I.

Diario de Pernambuco 1.º centenario — 1825-1925. (Livro comemorativo).

- Rodolpho Garcia — *Diccionario de Brasileirismos*.
 Alfredo Brandão — *Viçosa de Alagôas*.
 M. Said Ali — *Difficuldades da Lingua Portuguesa*.
 Silvio Romero — *Cantos populares do Brasil*.
 Mario de Andrade — *Macunaima*.
 Julio Moreira — *Estudos da Lingua Portuguesa*.
 Ruy Barbosa — *Replica*.
 Carneiro Ribeiro — *Projeto do Codigo Civil e a Replica do dr. Ruy Barbosa*.
 Epiphanio Dias — *Sintaxe Historica Portuguesa*.
 Eladio Ramos — *Rev. da Lingua Portuguesa*, 44.
 Mello Carvalho — *Rev. da Lingua Portuguesa*, n.º 6, ano 1.º.
 Viveiros de Castro — *Os delictos contra a honra da mulher*.
 Alcantara Machado — *Braz, Bexiga e Barra Funda*.
 Gustavo Barroso — *Terra de Sol*.
 Raimundo de Moraes — *Meu diccionario de coisas da Amazonia*.
 Catullo Cearense — *Meu sertão*.
 Romeo Lovera — *Grammaire Romaine*.
 Schweitzer et Simonnot — *Methodologie des langues vivantes*.
 Cornelio Pires — *Patacoadas*.
 Mario Sete — *O vigia da Casa Grande*.
 Adolfo Coelho — *Questões da Lingua Portuguesa*.
 F. E. Leoni — *Genio da Lingua Portuguesa*.
 Francisco José Freire — *Reflexões sobre a Lingua Portuguesa*.

INDICE

Dialecto	5
Fonologia	21
Vocalismo	39
Consonantismo	75
Figuras de dicção	89
Genero	99
Numero	103
Grau.	107
Pronomes	111
Verbos	115
Lexicologia	125
Tematologia	147
Sintaxe	161
Bibliografia.	235

Este livro foi composto e impresso nas Offi-
nas da Empreza Graphica da "Revista dos Tri-
bunaes", em São Paulo, para a Companhia
Editora Nacional, Rua dos Gusmões, 26-28-30,
em Janeiro de 1934.

A VIDA DE JOAQUIM NABUCO

Esse livro não pôde faltar em nenhuma estante brasileira, por mais modesta sob pena de faltar um pedaço, talvez o mais lindo pedaço do Brasil.

ALMEIDA MACAÍHÃES no *Estado de São Paulo* em 12 de Março de 1929.

Carolina Nabuco será doravante citada com respeito e admiração por quem quer que se occupe das nossas letras.

AFFONSO CELSO, da Academia Brasileira, no *Jornal do Brasil* em 19 de Março de 1929.

O livro de Carolina Nabuco é uma destas produções raríssimas que assignalam uma época e revelam uma escriptora capaz de continuar a magna obra paterna.

MAX FLEUÏSS no *Jornal do Commercio* em 24 de Março de 1929.

O livro de D. Carolina Nabuco sobre a vida de seu illustre pai é talvez o mais perfeito desse genero que se tem publicado entre nós... é um livro magnifico.

MEDEIROS E ALBUQUERQUE, da Academia Brasileira, no *Jornal do Commercio* em 19 de Abril de 1929.

VOLUME EM FORMATO GRANDE COM CERCA DE 500
PAGINAS, IMPRESSAS EM PAPEL DE LUXO. COM
MUITAS ILLUSTRAÇÕES.

Broc. 15\$ -- Enc. 20\$

**EDIÇÃO DA
COMPANHIA EDITORA NACIONAL**

R. Gusmões, 26 a 30 — SÃO PAULO

Jean de Lery

Historia de uma Viagem á Terra do Brasil

tambem chamada America. Contendo a navegação e as cousas notaveis vistas pelo autor : o comportamento de Villegaignon nesse paiz. Os costumes e estranhos modos de viver dos selvagens americanos : com um colloquio de sua linguagem. E tambem a descripção de diversos animaes, arvores, hervas e outras cousas singulares e de tudo desconhecidas por aqui, como sê verá do summario dos capitulos no começo do livro. Não ainda dados á luz por motivos de razões mencionadas no prefacio. Tudo apanhado nos lugares por João de Lery, natural de Margelle, terra de São Senta, no Ducado de Borgonha.

Traducção ordenada literalmente por
MONTEIRO LOBATO

Em todas as Livrarias - Preço 5\$

Edição da Companhia Editora Nacional - S. Paulo

A propósito da 1.^a Edição do livro A VIDA DE JOAQUIM NABUCO

por **Carolina Nabuco.**

MOÇÃO VOTADA NA SESSÃO DE 24 DE JANEIRO DE 1929 DA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS POR PROPOSTA DO SR. ALBERTO DE OLIVEIRA.

Proponho que a Academia, attendendo ao valor excepcional do livro que acaba de ser publicado — *A Vida de Joaquim Nabuco* por Carolina Nabuco manifeste á Autora deste trabalho o seu applauso por obra que tanto realça as nossas letras e tão digna é da memoria de nosso inesquecivel consocio e glorioso patricio.

Joaquim Nabuco é um assumpto privilegiado.... Mas em nenhum estudo sobre Joaquim Nabuco a fascinação se ampliou e ao mesmo tempo se condensou, como no livro maravilhoso que é a historia da sua vida por sua filha.

GRAÇA ARANHA, da Academia Brasileira no *Movimento Brasileiro* Janeiro de 1929.

Todas as peripecias da vida romanesca de Nabuco desenrolam-se aos nossos olhos esplendidamente evocadas... Habi como o pae, no talento dos retratos e na arte da caracterização, a filha semeou pelo livro, como fizera o pae no *Estadista do Imperio*, perfis e quadros cheios de vida... O meu gosto, tanto admiro o homem e tanto sympathizei com sua biographia, era alongar-me ainda, no exame deste livro delicioso. Mas infelizmente, não posso. Mal me sobra espaço para dizer que elle é um manancial de ensinamentos civicos.

PLINIO BARRETO no *Estado de São Paulo* em 19 de Janeiro de 1929.

A VIDA DE JOAQUIM NABUCO

Leiam os brasileiros este livro. E' um livro que agrada, que ensina, que ennobrece e enche de orgulho a todos nós.

MOTTA FILHO no *Correio Paulistano* em 24 de Janeiro de 1929.

...o papel moral de Joaquim Nabuco, que se eleva em traços indeleveis das paginas magistraes desse livro... A autora dispunha de um material incomparavel. E utilizou esse material com todo o amor. Toda a correspondencia de Nabuco, ou pelo menos toda a que mereceu vir a lume... foi utilizada com um tacto, uma intuição, uma comprehensão das necessidades do assumpto como difficilmente se poderia desejar melhor.

TRISTÃO DE ATHAYDE no *Jornal* em 3 de Fevereiro de 1929.

Vê-se que o sangue e o espirito de Nabuco, ainda continuam, com a mesma força, vida e belleza de sempre.

JOÃO RIBEIRO, da Academia Brasileira, no *Jornal do Brasil* em 6 de Fevereiro de 1929.

Pelo estylo, pelo methodo, pelo carinho, dir-se-ia a continuação de *Um Estadista do Imperio*, uma especie de *post-scriptum*, accrescentado a esta obra monumental.

EVARISTO DE MORAES no *Diário Carioca* em 14 de Fevereiro de 1929.

D. Carolina Nabuco matriculou-se de subito nas nossas letras eruditas de modo que se póde capitular de triumphal.

HUMBERTO DE CAMPOS, da Academia Brasileira, no *Correio da Manhã* em 14 de Fevereiro de 1929.

D. Carolina Nabuco alcançou uma privilegiada finalidade. O seu livro é Nabuco em pessoa, restirgido nas cartas ineditas, nos pensamentos intimos, nos discursos de propaganda.

FERNANDO DE MACALHÃES, da Academia Brasileira, no *Imparcial* em 15 de Fevereiro de 1929.